



Cartas a *Malcolm*

C.S. LEWIS

Edição *especial*



THOMAS NELSON
BRASIL



Cartas a *Malcolm*,
sobretudo a respeito da oração

C.S.
LEWIS

Edição *especial*



THOMAS NELSON
BRASIL

Título original: *Letters to Malcolm, chiefly on prayer*

Letters to Malcolm, chiefly on prayer. Copyright © 1964, 1963 por C. S. Lewis Pte. Ltd. Copyright renovado em 1992, 1991 Arthur Owen Barfield. Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados. Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2019.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Gerente editorial	<i>Samuel Coto</i>
Editor	<i>André Lodos Tangerino</i>
Assistente editorial	<i>Bruna Gomes</i>
Copidesque	<i>Mauro Nogueira</i>
Revisão	<i>Davi Freitas e Gisele Mufalo</i>
Diagramação	<i>Sonia Peticov</i>
Capa	<i>Rafael Brum</i>
Conversão para e-book	<i>Abreu's System</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L652c

Lewis, C. S. (Clive Staples), 1898-1963

Cartas a Malcolm / C. S. Lewis; tradução de Francisco Nunes. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

Tradução de: *Letters to Malcolm, chiefly on prayer*

ISBN 9788571670471

1. Oração — Cristianismo 2. Vida cristã 3. Cristianismo I. Título II. Nunes, Francisco.

19-0606

CDD: 248.32

CDU: 243

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S. A.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

SUMÁRIO

[Carta I](#)
[Carta II](#)
[Carta III](#)
[Carta IV](#)
[Carta V](#)
[Carta VI](#)
[Carta VII](#)
[Carta VIII](#)
[Carta IX](#)
[Carta X](#)
[Carta XI](#)
[Carta XII](#)
[Carta XIII](#)
[Carta XIV](#)
[Carta XV](#)
[Carta XVI](#)
[Carta XVII](#)
[Carta XVIII](#)
[Carta XIX](#)
[Carta XX](#)
[Carta XXI](#)
[Carta XXII](#)

Cartas a *Malcolm*

Clive Staples Lewis (1898-1963) foi um dos gigantes intelectuais do século XX e provavelmente o escritor mais influente de seu tempo. Era professor e tutor de literatura inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de 30 livros que lhe permitiram alcançar um vasto público, e suas obras continuam a atrair milhares de novos leitores a cada ano.

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

Malcolm é um amigo fictício de Lewis. Mas este o fez muito real. Deu-lhe uma esposa, Betty; um filho doente, George; uma casa com escadas em outra cidade; amigos comuns. Deu-lhe vasta cultura e liberdade de discordar do amigo. Viajaram juntos, conversaram, trocaram confidências, quase trocaram socos. Malcolm chamou a atenção de Lewis por este tentar guardar uma dor. É anglicano como Lewis, incomodado com questões relativas à liturgia e à ressurreição. Por isso, trocam cartas francas sobre esses assuntos, mas principalmente sobre oração.

Lewis constrói diálogos imaginários (argumentos, réplicas, tréplicas) de maneira primorosa. Sua linguagem é, por vezes, truncada, abrupta, repetitiva, com imagens não facilmente compreensíveis. Mas isso é compreensível: são amigos conversando, amigos com uma história em comum. Nós, leitores, é que estamos espionando sua intimidade, seu mútuo abrir de almas.

Nessa tradução, procuramos, o máximo possível, preservar o estilo de Lewis. Respeitamos a pontuação estranha, as maiúsculas sem muito critério, as afirmações ousadas, as frases curtas, secas, bem como as frases longas, intrincadas, cheias de interrupções. Dada sua vasta cultura, tivemos de redigir muitas notas explicativas e bibliográficas de rodapé, a fim de ajudar o leitor a compreender argumentos e ilustrações.

Desejamos que o resultado final faça jus ao pensamento de Lewis e nos ajude a também considerar, com mais clareza ou de modo novo, essas tantas questões. Talvez, como ele, não tenhamos muito mais respostas, mas, certamente, teremos perguntas mais profundas.

FRANCISCO NUNES

Carta I

Sou favorável à sua ideia de que deveríamos voltar a nosso antigo plano de ter um assunto mais ou menos definido — um *agendum*¹ — para nossas cartas. Quando nos separamos pela última vez, a correspondência enfraqueceu por falta disso. Quanto melhor fizemos em nossos dias de graduação com nossas intermináveis cartas sobre a *República*², sobre métrica clássica³ e sobre qual era então a “nova” psicologia! Nada faz um amigo ausente tão presente como uma discordância.

Oração, assunto que você sugere, parece-me promissor. Quero dizer, o ato pessoal de orar. Se você estava pensando em oração em comunidade, não vou entrar no jogo. Não há assunto no mundo (à exceção do esporte) sobre o qual eu tenha menos a dizer do que a liturgiologia. E o quase nada que tenho a dizer também pode ser apresentado nesta carta.

Penso que nossa tarefa como leigos é pegar o que nos é dado e fazer o melhor possível. E deveríamos achar isso muito mais fácil se o que recebemos fosse sempre e em todos os lugares a mesma coisa.

A julgar pela prática, pouquíssimos clérigos anglicanos adotam essa visão. Parece que eles acreditam que as pessoas podem ser atraídas para ir à igreja por incessantes avivamentos, esclarecimentos, prolongamentos, encurtamentos, simplificações e complicações do culto. E é provavelmente verdade que um novo e perspicaz vigário seja, de modo geral, capaz de formar em sua paróquia uma minoria que seja a favor de suas inovações. A maioria, creio eu, nunca o será. Aqueles que permanecem — muitos desistem completamente de ir à igreja — apenas suportam.

Isso é simplesmente porque a maioria é tacanha? Eu acho que não. Eles têm uma boa razão para seu conservadorismo. Novidade, simplesmente como tal, pode ter apenas um valor de entretenimento. E eles não vão à igreja para se divertir. Eles vão *usar* o culto, ou, se você preferir, *legitimá-lo*. Todo culto é uma estrutura de atos e palavras pela qual recebemos um sacramento, ou nos arrependemos, ou suplicamos ou adoramos. E capacitamos a fazer melhor essas coisas — se você gostar, “funciona” melhor — quando, graças à longa familiaridade, não temos de pensar sobre isso. Uma

vez que você tenha de notar, e tenha de contar os passos, você ainda não está dançando, mas apenas aprendendo a dançar. Um bom sapato é um sapato que você não percebe que está usando. A boa leitura se torna possível quando você não precisa pensar conscientemente nos olhos, na luz, na impressão ou na ortografia. O culto perfeito da igreja seria aquele em que quase estivéssemos sem percebê-lo; nossa atenção estaria em Deus.

Mas toda novidade impede isso. Ela fixa nossa atenção no culto em si; e pensar na adoração é algo diferente de adorar. A importante questão sobre o Graal⁴ foi: “Para que serve?” “É uma tola idolatria que torna o culto maior do que o próprio deus”.⁵

Algo pior pode acontecer. A novidade pode fixar nossa atenção não no culto em si, mas no celebrante. Você sabe o que quero dizer. Por mais que se tente excluí-la, a pergunta “O que é que ele vai fazer agora?” vai importunar. Isso dissipa a devoção das pessoas. Há de fato alguma justificativa para o homem que disse “Eu gostaria que eles lembrassem que a ordem para Pedro foi ‘Cuide das minhas ovelhas’⁶, não ‘Faça experimentos com meus ratos’, nem mesmo ‘Ensine novos truques a meus cães amestrados’.”

Assim, toda a minha posição liturgiológica realmente se resume a um pedido de permanência e de uniformidade. Posso lidar com quase qualquer tipo de culto, se ele permanecer o mesmo. Mas, se cada forma for arrancada exatamente quando eu estiver começando a me sentir em casa nela, então, nunca consigo progredir na arte da adoração. Você não me dá chance de adquirir o hábito treinado — o *habito dell’arte*.⁷

Pode ser que algumas variações que, a mim, parecem meras questões de gosto envolvam realmente graves diferenças doutrinárias. Mas certamente não são todas. Pois, se as diferenças doutrinárias graves são realmente tão numerosas quanto as variações na prática, então, teremos de concluir que não existe algo como a Igreja da Inglaterra. E, de qualquer maneira, o Desassossego Litúrgico⁸ não é um fenômeno puramente anglicano; eu ouvi católicos romanos também se queixarem disso.

E isso me traz de volta a meu ponto de partida. A nossa tarefa como leigos é simplesmente suportar e fazer o melhor possível. Qualquer tendência a uma preferência apaixonada por certo tipo de culto deve ser vista simplesmente como uma tentação. Clericalistas facciosos são minha *bête noire*.⁹ E, se os evitarmos, não estaremos desempenhando uma função

possivelmente muito útil? Os pastores saem, “cada um para o seu próprio caminho”¹⁰ e desaparecem sobre diversos pontos do horizonte. Se as ovelhas se amontoassem, pacientemente juntas, e continuassem a balir, conseguiriam, por fim, chamar de volta os pastores? (As vitórias inglesas não foram, algumas vezes, conquistadas pelos soldados rasos apesar dos generais?)

Quanto às palavras do culto — a liturgia, no sentido mais estrito —, a questão é bem diferente. Se você tem uma liturgia vernácula, precisa ter uma liturgia em mudança; caso contrário, ela será, de fato, vernácula apenas no nome. O ideal de “inglês atemporal” é pura tolice. Nenhuma língua viva pode ser atemporal. Você também deveria pedir por um rio imóvel.

Eu acho que teria sido melhor, se fosse possível, que a mudança necessária houvesse ocorrido gradual e (para a maioria das pessoas) imperceptivelmente; um pouco aqui e um pouco acolá; uma palavra obsoleta substituída em um século — como a mudança gradual de grafia em sucessivas edições de Shakespeare. Como as coisas estão, devemos nos reconciliar, se também pudermos nos reconciliar com o governo, a um novo Livro.¹¹

Se estivéssemos — agradeço aos céus porque não estou — em posição de aconselhar aos autores, você teria algum conselho para lhes dar? O meu dificilmente conseguiria ir além de alertas inúteis: “Tomem cuidado! É muito fácil quebrar ovos sem fazer omeletes.”

Nossa liturgia ainda é um dos poucos elementos remanescentes da unidade em nossa terrivelmente dividida Igreja. O bem a ser feito pela revisão precisa ser muito grande e muito certo antes de jogarmos fora o que temos. Você pode imaginar algum novo Livro que não seja uma fonte de novo cisma?

A maioria dos que fazem pressão pela revisão parece desejar que ela sirva a dois propósitos: modernizar a linguagem no interesse da inteligibilidade e a melhoria doutrinária. As duas operações — ambas dolorosas e perigosas — devem ser realizadas ao mesmo tempo? O paciente sobreviverá?

Quais são as doutrinas sobre as quais há unanimidade que devem ser incorporadas ao novo Livro e por quanto tempo a unanimidade sobre elas continuará? Pergunto com receio, pois outro dia li o texto de um homem

que parecia desejar que tudo no antigo Livro que estivesse inconsistente com o freudismo ortodoxo fosse apagado.

A quem devemos aprovisionar com a revisão da língua? Um pároco que conheci perguntou a seu sacristão o que ele entendia por *imparcialmente* na frase: “Verdadeira e imparcialmente distribuam justiça”.¹² O homem respondeu: “Significa não fazer diferença entre um sujeito e outro”. “E o que significaria se a frase trouxesse *indiferentemente*?”, perguntou o pároco. “Não sei. Nunca ouvi esse termo”, disse o sacristão. Aqui, você percebe, temos uma mudança destinada a facilitar as coisas. Mas não o faz nem para os instruídos, que entendem *imparcialmente*, nem para os totalmente incultos, que não compreendem *indiferentemente*. A mudança ajuda apenas uma área intermediária da congregação, que pode nem ser a maioria. Esperemos que os revisores se preparem para seu trabalho por meio de um estudo empírico prolongado sobre a fala popular como ela realmente é, não como nós (*a priori*) supomos que seja. Quantos estudiosos sabem (o que vim a descobrir por acaso) que, quando pessoas não instruídas dizem *impessoal*, elas, às vezes, querem significar *incorpóreas*?

O que dizer de expressões arcaicas, mas não ininteligíveis? (“Sê exaltado!”) Percebo que as pessoas reagem ao arcaísmo de maneiras bem diversas. Algumas antagonizam com ele, pois torna o que é dito irreal. Para outras, não necessariamente mais instruídas, ele é altamente numinoso e um auxílio real à devoção. Não é possível satisfazer a ambas.

Sei que deve haver mudança. Mas esse é o momento certo? Dois sinais que indicam o momento certo me ocorrem. Um seria uma unidade entre nós que permitisse à Igreja — não a um partido momentaneamente triunfante — falar mediante a nova obra com uma voz unida. O outro seria a presença manifesta, em algum lugar da Igreja, do talento especificamente literário que é necessário para compor uma boa oração. A prosa precisa ser não apenas muito boa, mas muito boa de uma maneira muito especial, pois deve dar sustento à reiterada leitura em voz alta. Cranmer¹³ pode ter seus defeitos como teólogo; como estilista, ele suplanta todos os modernos e muitos de seus antecessores. Não vejo nenhum desses sinais no momento.

No entanto, todos nós queremos mexer um pouco nisso. Eu mesmo ficaria feliz em ver “De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens” removida do ofertório¹⁴. Isso me parece, nesse contexto, muito semelhante a

uma exortação para darmos nossa esmola de modo a ser vista pelos homens.¹⁵

Eu pretendia dar prosseguimento ao que você disse sobre as cartas de Rose Macaulay,¹⁶ mas isso deve esperar até a próxima semana.

¹*Agendum*, tomado do latim medieval, significa “ordem de culto, lista de assuntos a serem tratados com ou por uma assembleia, procedimentos, afazeres”. [Esta e as demais notas são do tradutor.]

²Obra do filósofo e matemático grego Platão (c. 428 a.C – c. 347 a.C.), é um diálogo narrado em primeira pessoa, por Sócrates, sobre a busca de uma definição para justiça.

³Na poesia grega e latina, a métrica era contada tendo em consideração a quantidade de sílabas breves ou longas e a disposição destas nos versos.

⁴Segundo a tradição, é o cálice usado por Cristo na última ceia com os discípulos e com o qual José de Arimateia recolheu o sangue que vertia das feridas do Crucificado. Por isso, teria adquirido poderes místicos.

⁵William Shakespeare, *Tróilo e Cressida*, ato 2, cena 2. Tradução de Carlos Alberto Nunes, p. 247. Disponível em: shakespearebrasileiro.org/pecas/troilus-and-cressida/. Acesso em: 19 nov. 2018.

⁶João 21:15-17.

⁷A prática da arte por parte de alguém. Citação de *Paraíso*, XIII, 78, de Dante Alighieri.

⁸*The Liturgical Fidget*: termo criado por Lewis para referir-se a uma inquietação por mudanças constantes na liturgia do culto cristão, principalmente em denominações históricas.

⁹Expressão francesa que significa, literalmente, “besta negra”. Usada em inglês para indicar algo pelo que se tem uma antipatia especial, que é temido e incômodo, que provoca desgosto e deve ser evitado.

¹⁰Isaías 53:6.

¹¹Lewis se refere a um novo manual para os cultos da Igreja da Inglaterra, em substituição ao *Livro de oração comum* (LOC) que foi adotado em 1662. O *Alternative Service Book* [Livro alternativo de culto] passou a ser utilizado em 1982.

¹²LOC, “Ordem para a administração da Ceia do Senhor ou Santa Comunhão”, na oração “por toda a Igreja de Cristo”, p. 74 (Igreja Episcopal do Brasil, 1950).

¹³Thomas Cranmer (1489–1556), arcebispo de Cantuária (1532–1533) e principal autor do LOC (1549–1552), cuja linguagem influenciou a língua inglesa. Foi figura de destaque da Reforma Protestante na Inglaterra. Morreu queimado em 21 de março de 1556 a mando da rainha Maria I, católica fervorosa.

¹⁴Essa sentença (Mateus 5:16) é uma das que “podem ser usadas em qualquer outra ocasião de Culto Público, em que as Ofertas do Povo devam ser recebidas” (LOC, p. 72-73).

¹⁵Atitude que é reprovada por Cristo em Mateus 6:5.

¹⁶Escritora britânica (1881–1958), autora de livros de viagem (dos quais, o mais conhecido é o premiado *The Towers of Trebizond* [As torres de Trebizond], 1956) e romances, em que criticava as convenções sociais da época vitoriana e descrevia, indiretamente, sua própria jornada espiritual. Ele retornou à Igreja Anglicana apenas em 1953, tendo, antes, abraçado o secularismo. Apesar disso, temas religiosos estão presentes em sua obra.

Carta II

Não consigo entender por que você diz que meu entendimento sobre os cultos da igreja é “centrado no homem” e muito preocupado com a “mera edificação”. Como isso se depreende de qualquer coisa que eu disse? Na verdade, minhas ideias sobre o sacramento provavelmente seriam chamadas de “mágicas” por bom número de teólogos modernos. Certamente, quanto mais se acredita que um evento estritamente sobrenatural acontece, menos se pode atribuir grande importância a vestuário, gestos e posição do sacerdote? Concordo com você que ele está lá não apenas para edificar o povo, mas para glorificar a Deus. Porém, como pode um homem glorificar a Deus colocando obstáculos no caminho do povo? Especialmente se um ínfimo elemento de “arrogância clerical” — devo a frase a um clérigo — está por trás de algumas de suas excentricidades? Quão certa é esta passagem na *Imitação*,¹ em que é dito ao celebrante: “Não considere sua própria devoção, mas a edificação de seu rebanho”. Esqueci como é isso em latim.

Agora sobre *Letters*,² de Rose Macaulay. Assim como você, fiquei atordoado com essa busca contínua por mais e mais orações. Se ela as estivesse apenas colecionando como *objets d’art*,³ eu entenderia; ela era uma colecionadora nata. Mas fico com a impressão de que ela as recolheu para usá-las; que toda a vida de oração dela dependia do que podemos chamar de orações “prontas”: orações escritas por outras pessoas.

No entanto, embora atordoado como você, eu não a rejeitei, como você o fez. Uma razão é que eu tive — e você não teve — a sorte de conhecê-la. Não se engane. Ela era do tipo certo; uma das pessoas mais civilizadas que já conheci. A outra razão, como já lhe disse muitas vezes, é que você é um beato. Amplie sua mente, Malcolm, amplie sua mente! São necessárias pessoas de todos os tipos para se fazer um mundo — ou uma igreja. Talvez isso seja ainda mais verdadeiro com respeito a uma igreja. Se a graça aperfeiçoa a natureza, ela deve expandir todas as nossas naturezas para a plena riqueza da diversidade que Deus planejou quando Ele as criou, e o céu mostrará muito mais variedade do que o inferno. “Uma congregação” não significa “uma associação”. Rosas e narcisos cultivados não são parecidos

com rosas e narcisos silvestres. O que mais me agradou em uma missa grega ortodoxa que assisti certa vez foi que parecia não haver um comportamento prescrito para a congregação. Algumas pessoas ficaram em pé, algumas se ajoelharam, algumas se sentaram, outras caminharam; alguém se arrastou pelo chão como uma lagarta. E a beleza disso era que ninguém dava a menor importância para o que os outros estavam fazendo. Eu gostaria que nós, anglicanos, seguíssemos o exemplo deles. Encontramos pessoas que estão perturbadas porque alguém no banco ao lado faz, ou não faz, o sinal da cruz. Ele nem deveria ter sido visto, muito menos censurado. “Quem é você para julgar o servo alheio?”⁴

Então, não duvido que o método de Rose Macaulay tenha sido o correto para ela. Não o seria para mim tanto quanto não o seria para você.

Mesmo assim, não sou tão purista nesse assunto como costumava ser. Durante muitos anos depois de minha conversão, nunca usei nenhuma forma pronta, exceto a Oração do Senhor. Na verdade, tentei orar sem palavras — não verbalizar os atos mentais. Mesmo orando pelos outros, creio que tendo a evitar o nome deles e os substituo por imagens mentais deles. Ainda acho que a oração sem palavras é a melhor — se é que se pode realmente conseguir fazer isso. Mas agora vejo que, ao tentar tornar essa prática meu pão diário, eu estava contando com uma força mental e espiritual maior do que a que eu realmente tenho. Para orar com êxito sem palavras, é necessário estar “no auge da forma”. Caso contrário, os atos mentais tornam-se apenas atos imaginativos ou emocionais — e uma emoção fabricada é um acontecimento miserável. Quando os momentos de ouro vêm, quando Deus capacita alguém a que ore realmente sem palavras, quem, senão um tolo, rejeitaria esse presente? Mas Ele não dá isso — pelo menos, não para mim — dia após dia. Meu erro foi aquilo que Pascal, se bem me lembro, chama de “Erro do estoicismo”: pensar que podemos fazer sempre o que podemos fazer às vezes.⁵

E isso, perceba, torna a escolha entre orações prontas e palavras pessoais menos importante para mim do que aparentemente é para você. Para mim, as palavras são, em qualquer dos casos, secundárias. Elas são apenas uma âncora. Ou, devo dizer, são os movimentos da batuta de um maestro, não a música. Elas servem como canal para a adoração, a penitência ou a petição, que podem, sem elas — assim é nossa mente —, espalhar-se em poças

largas e rasas. Não importa muito quem primeiro as colocou juntas. Se forem nossas próprias palavras, em breve, por causa da inevitável repetição, elas se enrijecerão em uma fórmula. Se são de outra pessoa, vamos continuamente derramar sobre elas nosso próprio significado.

No momento — para alguém começar as mudanças, e, eu penso, que deva mesmo fazer mudanças —, acho melhor fazer de “minhas próprias palavras” a matéria-prima, mas introduzir um pouquinho das orações já prontas.

Ao escrever para você, não preciso enfatizar a importância da matéria-prima do que é feito em casa. Como Salomão disse na dedicação do templo, ao orar cada homem sente “as suas próprias aflições e dores”.⁶ E sente também o conforto do próprio coração. Nenhuma outra criatura é idêntica a mim; nenhuma outra situação é idêntica a minha. De fato, eu e minha situação estamos em constante mudança. Uma forma pronta não serve para meu relacionamento com Deus assim como não serve para meu relacionamento com você.

Isso é obvio. Talvez eu não ache tão fácil persuadi-lo de que um pouquinho de forma pronta já está sendo usado: por mim, quero dizer — não estou sugerindo regras para ninguém mais no mundo.

Primeiro, ela me mantém em contato com a “sã doutrina”.⁷ Deixado à própria conta, alguém poderia facilmente se afastar da “fé uma vez por todas confiada aos santos”⁸ para um fantasma chamado “minha religião”.

Em segundo lugar, ela me lembra “de que coisas devo pedir”⁹ (talvez especialmente quando estou orando por outras pessoas). A crise do momento presente, como o poste telegráfico mais próximo, sempre parecerá ser a maior. Não existe o perigo de que nossas grandes, permanentes e objetivas necessidades — com frequência, mais importantes — sejam excluídas? A propósito, isso é outra coisa a ser evitada em um Livro de Oração revisado. “Problemas contemporâneos” podem reivindicar um espaço indevido. E, quanto mais “atualizado” o Livro for, mais cedo ele será datado.

Finalmente, ela supre um elemento do cerimonial. Em sua opinião, isso é exatamente o que não queremos. Na minha, é parte do que queremos. Compreendo o que você quer dizer quando fala que usar orações prontas seria como “fazer amor com sua própria esposa sem Petrarca ou Donne”.¹⁰

(Por acaso, você não poderia *citá-los* — para uma esposa tão literata como Betty?) Esse paralelo não funciona.

Concordo plenamente que o relacionamento entre Deus e um homem é mais privado e íntimo do que qualquer relacionamento possível entre duas criaturas semelhantes. Sim, mas, ao mesmo tempo, há, de outro modo, uma distância maior entre os participantes. Estamos nos aproximando — bem, eu não direi “o Completamente Outro”,¹¹ pois suspeito que isso não faça muito sentido, mas o Inimaginavelmente e Insustentavelmente Outro. Devemos estar — às vezes espero que um de nós esteja — simultaneamente conscientes da proximidade mais próxima e da infinita distância. Você torna as coisas muito confortáveis e confiáveis. Sua analogia erótica precisa ser complementada por “caí aos Seus pés como morto”.¹²

Penso que o *ambiente* da igreja “baixa”¹³ em que cresci estava muito confortavelmente à vontade em Sião.¹⁴ Meu avô, eu soube, costumava dizer que “esperava ter conversas muito interessantes com Paulo quando chegasse ao céu”. Dois cavalheiros clericais conversando à vontade em um clube! Nunca pareceu cruzar sua mente que um encontro com esse apóstolo poderia ser uma experiência esmagadora, mesmo para um clérigo evangélico de boa família. Mas, quando Dante viu os grandes apóstolos no céu, eles lhe pareceram como *montanhas*.¹⁵ Há muito a ser dito contra as devoções aos santos; mas, pelo menos, eles continuam nos lembrando de que somos pessoas muito pequenas em comparação com eles. Quão menores, então, diante do Mestre deles?

Algumas orações formais e prontas me servem de corretivo para — bem, vamos chamar de “atrevimento”. Elas mantêm vivo um aspecto do paradoxo. Claro que é apenas um aspecto. Seria melhor não ser reverente do que ter uma reverência que impedisse a proximidade.

¹*A imitação de Cristo*, livro devocional do séc. 15 atribuído a Thomas à Kempis (c. 1380–1471). Provavelmente, Lewis esteja citando de memória uma passagem do Livro I.10, que fala de evitar a superfluidade de palavras.

²Não é possível precisar a que livro de Macaulay ele está se referindo, uma vez que há vários deles com a palavra *letter(s)* no título: *An Open Letter* [Uma carta aberta], *Letters to a Friend 1950–52* [Cartas para um amigo 1950–52], *Last letters to a friend 1952–1958* [Últimas cartas para um amigo 1952–1958] e *Letters to a Sister* [Cartas para uma irmã]. No final do capítulo anterior, a palavra é

usada como substantivo comum; neste capítulo, com inicial maiúscula e em itálico, dando a entender tratar-se do nome de um livro.

³Expressão francesa que significa “qualquer pequena coisa feita pelo homem que é apreciada pela beleza”.

⁴Romanos 14:4.

⁵Blaise Pascal (1623–1662) mencionou isso no livro *Pensamentos*, no artigo XXII: “Contrariedades espantosas que se encontram na natureza do homem em relação à verdade, à felicidade e a várias outras coisas”.

⁶1Reis 8:38.

⁷Expressão de Paulo em 2Timóteo 4:3; Tito 1:9.

⁸Judas 3.

⁹Talvez, uma paráfrase de Romanos 8:26.

¹⁰Provável referência ao amor romântico característico da poesia tanto do italiano Francesco Petrarca (1304–1374) quanto do inglês John Donne (1573–1631).

¹¹Conceito teológico desenvolvido por, entre outros, Karl Barth (1886–1968), Rudolf Karl Bultmann (1884–1976) e Martin Buber (1878–1965), este último filósofo e teólogo austríaco, naturalizado israelita, autor de um conhecido livro, *Eu e tu*, em que diz que um relacionamento é aquilo que, de essencial, acontece entre seres humanos e entre o homem e Deus. Aparentemente, é esse autor que Lewis tem em mente ao escrever.

¹²Apocalipse 1:17.

¹³Refere-se aos membros da Igreja Anglicana de caráter mais protestante ou evangélico, que não aceitavam práticas litúrgicas ou ensinamentos da linha católica romana.

¹⁴No Antigo Testamento, nome do monte santo de Deus usado também como sinônimo de Jerusalém. Em Hebreus 12:22, refere-se à “Jerusalém celestial”, a esperança final do cristão.

¹⁵*Paraíso*, XXV.38. A passagem refere-se especificamente ao apóstolo Tiago.

Carta III

Ah, misericórdia! Você, não! Por que, só porque eu levantei uma objeção a seu paralelo entre oração e um homem fazendo amor com a própria esposa, você deve trazer à baila toda a velha ladainha sobre a “santidade” do sexo e começar a me dar um sermão como se eu fosse um maniqueu?¹ Sei que, na maioria dos círculos de hoje, basta alguém mencionar sexo para colocar todos na sala a pronunciar essa conversa fiada. Mas eu não esperava isso de você. Não deixei claro que me opus à sua imagem apenas com base em sua indiferença ou presunção?

Não estou falando nada contra (ou pró) “sexo”. O sexo em si mesmo não pode ser moral ou imoral, assim como não o é a gravitação ou a nutrição. O comportamento sexual dos seres humanos, sim, pode. E, tal como seu comportamento econômico, político, agrícola, paterno ou filial, ele às vezes é bom e às vezes, mau. E o ato sexual, quando lícito — o que significa principalmente ser coerente com boa fé e caridade —, pode, como todos os outros atos meramente naturais (“quer vocês comam, bebam etc.”, como disse o apóstolo)² ser feito para a glória de Deus e, então, será santo. E, como outros atos naturais, às vezes é feito assim e, às vezes, não. Pode ser isso que o pobre bispo de Woolwich³ estava tentando dizer. Enfim, o que mais há para ser dito? E agora podemos tirar essa distração do caminho? Ficaria feliz se pudéssemos, pois os modernos conseguiram a façanha, que eu considerava impossível, de tornar o assunto inteiro uma chatice. Pobre Afrodite!⁴ Eles conseguiram apagar do rosto dela boa parte de sua risada homérica.

Aparentemente, eu mesmo fui culpado por introduzir outra distração ao mencionar devoções a santos. Eu não queria, nem um pouco, entabular uma discussão sobre esse assunto. Há claramente uma defesa teológica para isso: se você pode pedir as orações dos vivos, por que você não deveria pedir as orações dos mortos? Há claramente também um grande perigo. Em alguma prática popular, vemos isso nos levar a uma imagem infinitamente ingênua do céu como um tribunal terrestre, onde os suplicantes terão de ser sábios para puxar os fios corretos, descobrir os melhores “canais” e unirem-se aos

grupos de pressão mais influentes. Mas eu não tenho relação nenhuma com nada disso. Não estou pensando em adotar essa prática; e quem sou eu para julgar as práticas dos outros? Só espero que não haja nenhum projeto para termos canonizações na Igreja da Inglaterra. Você pode imaginar uma estufa melhor para fomentar ainda mais divisões entre nós?

O consolador é que, enquanto a cristandade está dividida sobre a racionalidade, e mesmo a legalidade, de orar *aos* santos, todos concordamos em orar *com* eles. “Portanto, com os Anjos e Arcanjos, e com toda a milícia celestial [...]”⁵ Você acredita nisso? Só muito recentemente fiz dessa citação parte de minhas orações particulares — dou a ela um lugar de destaque perto de “santificado seja o Teu nome”. Isso, a propósito, ilustra o que eu estava dizendo na semana passada sobre os usos de formas prontas. Elas fazem lembrar. E encontrei nessa citação um grande enriquecimento. Aquele *com* sempre foi aceito teoricamente. Mas é bem diferente quando alguém se conscientiza dele em um momento apropriado e deseja associar seu próprio insignificante gorjeio à voz dos grandes santos e (esperamos) de nossos entes queridos que já morreram. Eles podem suprimir algumas das características mais feias de nossas orações e ressaltar qualquer minúsculo valor que elas tenham.

Você pode dizer que a distinção entre a comunhão dos santos, como eu a entendo naquele ato, e a oração direta aos santos não é, afinal, muito grande. Melhor ainda se assim for. Às vezes, tenho um sonho fulguroso de uma re-união nos engolindo de surpresa, como uma grande onda que vem por detrás de nós, talvez no exato momento em que nossos representantes oficiais estiverem dizendo que isso é impossível. As discussões geralmente nos separam; ações às vezes nos unem.

Quando falei de oração sem palavras, não acho que quis dizer algo tão exaltado como aquilo a que os místicos chamam de “oração de silêncio”. E quando falei de estar “no auge da forma”, não estava me referindo apenas ao sentido espiritual. A condição do corpo tem de ser levada em conta, pois suponho que um homem possa estar em estado de graça e, ainda assim, com muito sono.

E, falando de sonolência, concordo inteiramente com você que ninguém em sã consciência, tendo a possibilidade de ordenar o próprio dia, reservaria suas principais orações para a hora de dormir — obviamente a pior hora

possível para qualquer ação que precise de concentração. O problema é que milhares de pessoas desafortunadas dificilmente conseguem encontrar outro momento. Mesmo para nós, que somos os felizardos, nem sempre é fácil. Meu plano, quando estou sob muita pressão, é aproveitar qualquer tempo e usá-lo, por mais inadequado que seja, de preferência ao último momento de vigília. Em um dia de viagem — com, talvez, alguma reunião desagradável no final —, prefiro orar sentado em um trem lotado do que adiar até a meia-noite, quando chegarei a um quarto de hotel com dor de cabeça, garganta seca e a mente em parte em um estupor e em parte em um turbilhão. Em outros dias, um pouco menos agitados, um banco em um parque ou uma rua secundária onde se pode andar de um lado para o outro já servem.

Um homem a quem eu estava explicando isso disse: “Mas por que você não vai até uma igreja?” Em parte porque, durante nove meses do ano estará um frio congelante, mas também porque eu tenho azar com as igrejas. Assim que entro e preparo minha mente, uma ou duas coisas acontecem. Ou alguém começa a ensaiar no órgão. Ou então, com passos decididos, surge do nada uma mulher piedosa de botas de borracha, carregando esfregão, balde e pano de pó, e começa a bater nos genuflexórios, a enrolar tapetes e a fazer coisas com os vasos de flores. Sem dúvida (que Deus a abençoe), “trabalho é oração”,⁶ e sua *oratio* interpretada em atos provavelmente tenha dez vezes o valor da minha falada. Mas isso não ajuda minha oração a valer mais.

Quando alguém ora em lugares estranhos e em momentos estranhos, não pode se ajoelhar, com certeza. Não vou dizer que isso não importa. O corpo deve orar tão bem quanto a alma. Corpo e alma juntos são importantes para isso. Bendito seja o corpo! O meu levou-me a muitos embarços, mas eu o levei a alguns ainda maiores. Se a imaginação fosse obediente, os apetites nos trariam poucos problemas. E do quanto isso me salvou! E, com respeito a nosso corpo, todo um reino da glória de Deus — tudo o que recebemos por meio dos sentidos — seria desprezado. Pois as feras não podem apreciá-lo, e os anjos são, suponho, inteligências puras. Eles *compreendem* cores e gostos melhor que nossos maiores cientistas; mas eles têm retina ou paladar? Imagino que as “belezas da natureza” são um segredo que Deus compartilhou apenas conosco. Essa pode ser uma das razões pelas quais

fomos feitos — e por que a ressurreição do corpo é uma doutrina importante.

Mas estou sendo levado a uma digressão; talvez porque ainda estou sofrendo sob a acusação de ser um maniqueu! O ponto em destaque é que ajoelhar-se é importante, mas outras coisas importam ainda mais. Uma mente concentrada e um corpo sentado contribuem para uma boa oração mais do que um corpo ajoelhado e uma mente meio adormecida. Às vezes, essas são as únicas alternativas. (Eu mesmo, por causa da osteoporose, mal consigo me ajoelhar na maioria dos lugares.)

Um clérigo me disse certa vez que uma cabine de trem, se a pessoa estiver sozinha nela, é um ótimo lugar para orar, “porque há somente a quantidade certa de distração”. Quando lhe pedi para explicar, ele disse que o silêncio e a solidão perfeitos deixavam a pessoa mais aberta às distrações que vêm de seu interior, e que era mais fácil lidar com uma quantidade moderada de distração exterior. Não penso desse modo, mas posso imaginar isso.

O nome do filho de Jones é Cyril — não consigo entender por que você acha tão importante orar a favor das pessoas usando o nome de batismo delas. Sempre assumo que Deus conhece muito bem o sobrenome delas. Receio que muitas pessoas sejam mencionadas em minhas orações apenas como “aquele velho em Crewe” ou “a garçonete” ou mesmo “aquele homem”. Alguém pode ter perdido, ou talvez nunca ter conhecido, o nome das pessoas e, ainda assim, lembrar de quanto elas precisam que se ore por elas.

Não enviarei nenhuma carta na próxima semana. Estarei envolvido com provas.

¹Seguidor de Manes (ou Mani ou Maniqueu), profeta iraniano do terceiro século, fundador do maniqueísmo, vertente do gnosticismo. Baseava-se na ideia dualista de que há dois elementos primordiais, luz e trevas, que, fundidos, geraram o mundo material, que é mau.

²1Coríntios 10:31.

³John A. T. Robinson (1919–1983), bispo anglicano de Woolwich. Lewis travou um debate com ele, por meio de artigos de jornal depois publicados em livro com o título de *The Honest to God Debate* [O debate Honesto com Deus]. Robinson havia publicado o livro *Honest to God* [Honesto com Deus] em março de 1963, depois de ter publicado um resumo em um jornal. Nesse livro, ele questiona o significado de Deus, a divindade de Jesus e os eventos sobrenaturais da Bíblia. Para Lewis, Robinson representava a apostasia liberal, a quem ele dedica muitos comentários jocosos. Lewis respondeu ao

livro, dando início aos artigos. Durante o período de suas respostas, Lewis escreveu Cartas a Malcolm.

[4](#)Deusa grega (a Vênus romana) do amor e da beleza.

[5](#)Voltado para a Santa Mesa, o presbítero faz uma breve oração, seguida do Prefácio Próprio (sentença específica para cada quadra litúrgica) e da oração que se inicia com a frase citada por Lewis. *LOC*, p. 76-77.

[6](#)Uma inversão de ora *et labora*, “rezar e trabalhar”, frase latina atribuída a São Bento, que fundou a ordem dos beneditinos.

Carta IV

Das duas dificuldades que você menciona, penso que apenas uma é, com mais frequência, um problema prático para os cristãos. A outra é, em minha experiência, geralmente levantada por pessoas que estão atacando o cristianismo.

A maneira ideal de começar a lidar com os ataques dessas pessoas, caso conheçam a Bíblia, é a frase em Filipenses sobre serem conhecidas nossas petições diante de Deus.¹ Ou seja, as palavras *sejam conhecidas* realçam com maior clareza o aparente absurdo do qual aquelas pessoas nos acusam. Dizemos crer que Deus é onisciente; no entanto, grande parte da oração parece consistir em dar-lhe informações. E na verdade também fomos lembrados por nosso Senhor a não orar como se nos esquecêssemos da onisciência — “o Pai celestial sabe que vocês precisam delas”.²

Isso termina com um tipo muito bobo de oração. Ouvi um homem fazer uma oração por uma pessoa doente que apresentava de fato um diagnóstico seguido de conselhos sobre como Deus deveria tratar o paciente. E tenho ouvido orações que parecem ser pela paz, mas na realidade estão muito mais preocupadas com vários dispositivos que o peticionário crê serem meios de obter a paz que os tornam merecedores das mesmas críticas.

Mas, mesmo quando esse tipo de coisa é excluído, a objeção do incrédulo permanece. Confessar nossos pecados diante de Deus é certamente dizer-lhe o que Ele sabe muito melhor do que nós. E, também, qualquer petição é uma espécie de narração. Se isso não excluir estritamente a crença de que Deus conhece nossa necessidade, pelo menos parece solicitar a atenção Dele. Algumas fórmulas tradicionais deixam essa implicação muito clara: “*Ouve os nossos rogos, bom Deus*”;³ “*Sejam atentos os teus ouvidos à voz das minhas súplicas*”.⁴ Como se, embora Deus não precise ser informado, Ele precise, e até mesmo frequentemente, ser lembrado. Mas não podemos realmente acreditar que graus de atenção e, portanto, de desatenção e, portanto, de algo como o esquecimento, existam na Mente Absoluta. Presumo que somente a atenção de Deus mantém a mim (ou a qualquer outra coisa) existindo.

O que, então, estamos realmente fazendo? Toda a nossa concepção do, por assim dizer, ofício da oração depende da resposta.

Somos sempre completamente e, portanto, igualmente conhecidos por Deus. Esse é o nosso destino, gostemos dele ou não. Mas, embora esse conhecimento nunca varie, a qualidade do sermos conhecidos pode variar. Uma escola de pensamento sustenta que “a liberdade é uma necessidade voluntária”.⁵ Não importa se eles estão certos ou não. Tomo essa ideia apenas como uma analogia. Ordinariamente, ser conhecido por Deus é estar, para esse propósito, na categoria das coisas. Somos, como as minhocas, os repolhos e as nebulosas, objetos do conhecimento Divino. Mas quando (a) tomamos consciência do fato — o fato que diz respeito a nós, não a generalização — e (b) concordamos com toda a nossa disposição de sermos assim conhecidos, então, consideramos a nós mesmos, em relação a Deus, não como coisas, mas como pessoas. Nós somos desvelados. Não que algum véu pudesse ter frustrado Sua visão. A mudança está em nós. O passivo se muda em ativo. Em vez de sermos meramente conhecidos, mostramo-nos, falamos, oferecemo-nos para sermos vistos.

Colocar-nos, assim, em uma posição segura por nós mesmos diante de Deus poderia, em si e sem garantia, ser nada além de presunção e ilusão. Mas somos ensinados que não é assim; que é Deus quem nos dá essa posição. Pois é pelo Espírito Santo que clamamos “Pai”.⁶ Ao desvelar-nos, ao confessar nossos pecados e “fazer conhecidos” nossos pedidos, assumimos a alta posição de pessoas diante Dele. E Ele, descendo, se torna uma Pessoa para nós.

Mas eu não deveria ter dito “se torna”. Nele não há o tornar-se. Ele se revela como Pessoa: ou revela Nele o que é Pessoa. Pois — ousarei dizer isso? Em um livro, seriam necessárias páginas de qualificação e de garantia — Em certa medida, Deus é para um homem como esse homem é para Deus. A porta que se abre em Deus é a porta em que o homem bate. (Pelo menos, eu penso assim, geralmente.) A Pessoa Nele — Ele é mais do que uma pessoa — trava conhecimento com aqueles que podem receber ou, pelo menos, encarar isso. Ele fala como “Eu” quando nós, de fato, o chamamos de “Tu”. (Quão bom Buber⁷ é!)

Essa conversa de “encontro” é, sem dúvida, antropomórfica; como se Deus e eu pudéssemos estar frente a frente, como duas criaturas semelhantes,

quando na realidade Ele está acima de mim e dentro de mim e abaixo de mim e ao redor de mim. É por isso que deve ser equilibrado por todo tipo de abstrações metafísicas e teológicas. Mas nunca, aqui ou em qualquer outro lugar, pensemos que, embora as imagens antropomórficas sejam uma concessão a nossa fraqueza, as abstrações são a verdade literal. Ambas são igualmente concessões; cada uma individualmente enganosa, e as duas juntas se corrigem mutuamente. A não ser que você olhe para ela de modo muito despreocupado, murmurando continuamente “Não deste modo, nem deste modo, nem um nem outro é Tu”, a abstração é fatal. Ela tornará inanimada a vida de vidas e impessoal o amor de amores. A imagem ingênua é danosa, principalmente na medida em que impede os incrédulos de se converterem. Aos cristãos, mesmo no aspecto mais cruel dela, não causa nenhum dano. Que alma já pereceu por acreditar que Deus, o Pai, realmente tem barba?

Sua outra pergunta, eu acho, é do tipo que realmente pode atrapalhar as pessoas piedosas. Ela era, você se lembra: “Quão importante deve ser uma necessidade ou um desejo antes que possamos fazer adequadamente disso o assunto de uma petição?” *Adequadamente*, eu entendo, aqui quer dizer “Sem irreverência” ou “Sem tolices”, ou ambos.

Após pensar um pouco sobre isso, pareceu-me que, na verdade, há duas questões envolvidas.

1. Quão importante deve ser um objeto antes que possamos, sem pecado e loucura, permitir que nosso desejo por ele se torne uma questão de séria preocupação para nós? Isso, perceba, é uma questão sobre o que escritores antigos chamam de “estado”; isto é, nosso “estado de espírito”.
2. Reconhecida a existência de uma preocupação tão séria assim em nossas mentes, ela pode sempre ser adequadamente apresentada diante de Deus em oração?

Todos nós sabemos, em teoria, a resposta para a primeira delas. Devemos buscar o que Santo Agostinho (foi ele?) chama de “amores ordenados”.⁸ Nossa preocupação mais profunda deve ser pelas primeiras coisas, e nossa próxima mais profunda pelas segundas coisas, e assim por diante, até chegar

a zero — ausência total de preocupação por coisas que não são realmente o bem, nem meios para o bem, em absoluto.

Ao mesmo tempo, no entanto, queremos saber, não como deveríamos orar se fôssemos perfeitos, mas como devemos orar como somos agora. E, se minha ideia de oração como “desvelar” for aceita, já teremos respondido a isso. Não adianta pedir a Deus, com seriedade factícia, por A quando nossa mente está, na verdade, totalmente preenchida com o desejo por B. Devemos colocar diante Dele o que está em nós, não o que deveria estar em nós.

Mesmo um amigo íntimo humano é mal aproveitado se falamos com ele sobre uma coisa enquanto nossa mente está voltada para outra, e até mesmo um amigo humano logo se tornará consciente de que estamos fazendo isso. Você mesmo veio me ver uns anos atrás, quando aquele grande golpe se abateu sobre mim.² Tentei falar com você como se nada estivesse errado. Você percebeu em cinco minutos. Então, eu confessei. E você disse coisas que me envergonharam de minha tentativa de encobrir.

Pode bem ser que o desejo seja colocado diante de Deus apenas para ser um pecado do qual devamos nos arrepender; mas uma das melhores maneiras de aprender isso é colocar o pedido diante de Deus. Seu problema, entretanto, não era com respeito a desejos pecaminosos nesse sentido; antes, sobre desejos, intrinsecamente inocentes embora pecaminosos, se é que são, apenas por serem mais fortes do que a trivialidade do objeto de seus pedidos. Não tenho a menor dúvida de que, se são o assunto de nossos pensamentos, devem ser o assunto de nossas orações — seja em penitência ou em petição, ou em um pouco de ambos: penitência pelo excesso, mas petição pela coisa que desejamos.

Se alguém os exclui forçosamente, eles não estragam o restante de nossas orações? Se colocarmos todas as cartas na mesa, Deus nos ajudará a moderar os excessos. Mas a pressão das coisas que estamos tentando manter fora de nossa mente é uma distração sem esperança. Como alguém disse: “Nenhum ruído é tão evidente quanto o que você está tentando não ouvir”.

O estado de espírito ordenado é uma das bênçãos pelas quais devemos orar, não uma fantasia que devemos vestir quando oramos.

E talvez, como aqueles que não se voltam para Deus nas provações triviais, não terão nenhum *hábito* ou esse recurso para ajudá-los quando as

grandes provações vierem, assim, aqueles que não aprenderam a pedir-lhe coisas pueris terão menos disposição para pedir-lhe grandes coisas. Não devemos ser muito idealistas. Acredito que às vezes podemos ser dissuadidos de fazer pequenas orações por um senso de nossa própria dignidade, e não por causa da dignidade de Deus.

[1](#)Filipenses 4:6 (ARA).

[2](#)Mateus 6:31,32.

[3](#)Responso a uma das formas de Litania ou Súplica Geral. *LOC*, p. 55.

[4](#)Salmos 130:2. Versão do Saltério ou Salmos de Davi usada no *LOC*, p. 507.

[5](#)Possivelmente uma paráfrase do pensamento de David Hume (1711–1776), filósofo, historiador e ensaísta britânico. Conhecido por seu ceticismo filosófico, derivou de Isaac Newton seu método de análise, o que é indicado no subtítulo de sua obra mais conhecida: *Tratado da natureza humana — Uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. Hume considerava a liberdade uma paixão direta, uma das “impressões que resultam imediatamente do mal e do bem, da dor e do prazer”.

[6](#)Romanos 8:15; Gálatas 4:6.

[7](#)Martin Buber, citado na carta II, nota 11.

[8](#)Variação da expressão “a ordem do amor”, encontrada em *A cidade de Deus*, XV.22.

[9](#)Provavelmente, Lewis esteja se referindo à morte da esposa, Joy, em 1960, por câncer. Eles haviam casado em dezembro de 1956.

Carta V

Não gosto muito da tarefa de lhe falar “mais sobre meus adornos” — as nuances peculiares que dou a certas petições. Eu o faço com duas condições: (1) que em troca você me fale de alguns dos seus; (2) que você entenda que não estou *recomendendo* os meus nem para você nem para qualquer outra pessoa. Pode haver muitos melhores; e meus adornos atuais provavelmente mudarão.

Eu os chamo de “adornos”, a propósito, porque eles não (eu confio) obliteram o sentido claro e público da petição, mas estão simplesmente pendurados nela.

O que faço com respeito a “Santificado seja o Teu nome” eu disse há quinze dias.

Venha o Teu reino. Isto é, que seu reinado seja realizado aqui, como é realizado lá. Mas eu costumo considerar o *lá* em três níveis. Primeiro, como em um mundo sem pecado, além dos horrores da vida animal e humana; no comportamento de estrelas e árvores e água, no nascer do Sol e no vento. Que haja *aqui* (no meu coração) o começo de uma beleza semelhante. Em segundo lugar, como nas melhores vidas humanas que conheci: em todas as pessoas que realmente carregam os fardos e parecem verdadeiras, as pessoas que chamamos de bom coração e, na vida tranquila, ocupada e ordenada de famílias realmente boas e de lares religiosos realmente bons. Que isso também seja “aqui”. Por fim, é claro, no sentido usual: como no céu, como entre os bem-aventurados mortos.

E *aqui*, claro, pode ser tomado não apenas por “em meu coração”, mas por “nesta faculdade”, na Inglaterra, no mundo em geral. Mas a oração não é o momento de impor nossa própria panaceia social ou política favorita. Mesmo a rainha Vitória não gostava que “conversassem com ela como se estivesse em uma audiência pública”.¹

Seja feita a Tua vontade. Meus adornos foram adicionados gradualmente. No começo, eu tomava essa frase exclusivamente como um ato de submissão, tentando fazer com ela o que o Senhor fez no Getsêmani. Eu pensava na vontade de Deus puramente como algo que viria sobre mim,

algo de que eu deveria ser o paciente. E eu também pensava nela como uma vontade que seria manifestada em dores e decepções. Não, esteja certo, não suponho que a vontade de Deus para mim consista inteiramente de coisas desagradáveis. Mas achei que apenas as desagradáveis é que exigiam essa submissão preliminar — as agradáveis poderiam cuidar de si mesmas no presente. Quando elas surgissem, poder-se-ia agradecer por elas.

Essa interpretação é, espero, a mais comum. E deve ser assim. E essas são as misérias da vida humana que enchem, muitas vezes, nossos pensamentos totalmente. Mas, outras vezes, outros significados podem ser adicionados. Então, eu adicionei mais um.

A desculpa para ela, admito, é muito mais óbvia na versão em inglês do que na grega ou na latina. Não importa: é aí que entra a liberdade do adorno. “*Será feita* Tua vontade.” Mas muito disso deve ser feito pelas criaturas de Deus, incluindo a mim. A petição, então, não é meramente para que eu pacientemente sofra a vontade de Deus, mas também para que eu o faça vigorosamente. Devo ser um agente bem como um paciente. Estou pedindo que eu seja capacitado para tanto. A longo prazo, estou pedindo para que me seja dada a mesma atitude de Cristo Jesus.²

Considerando desse modo, acho que as palavras têm uma aplicação diária mais frequente. Pois nem sempre há — ou nem sempre temos motivos para suspeitar de que haverá — alguma grande aflição iminente no futuro próximo, mas sempre há deveres a serem cumpridos; geralmente, para mim, os deveres negligenciados estavam aí envolvidos. “*Será feita* Tua vontade — por mim — agora” traz-me de volta direto ao ponto.

Mas, mais do que isso, estou nesse momento contemplando um novo adorno. Diga-me se você o considera uma vã sutileza.³ Estou começando a ter consciência de que precisamos de um ato preliminar de submissão, não apenas a possíveis aflições futuras, mas também a possíveis bênçãos futuras. Sei que soa fantástico, mas pense sobre isso. Parece-me que muitas vezes, quase de mau humor, rejeitamos o bem que Deus nos oferece porque, naquele momento, esperávamos um bem diferente. Você sabe o que eu quero dizer? Em todos os níveis de nossa vida — em nossa experiência religiosa, em nossa experiência gastronômica, erótica, estética e social —, estamos sempre remontando a uma ocasião que nos pareceu alcançar a perfeição, estabelecendo-a como uma norma e depreciando, por

comparação, todas as outras ocasiões. Mas essas outras ocasiões, suspeito agora, estão muitas vezes cheias de novas bênçãos próprias se tão somente nos abríssemos para elas. Deus nos mostra uma nova faceta da glória, e nos recusamos a olhar para ela porque ainda estamos olhando para a antiga. E, é claro, não a obtemos. Você não pode, na vigésima leitura, ter novamente a experiência de ler *Lícidas*⁴ pela primeira vez. Mas, a experiência que você tiver poderá ser, a sua maneira, boa.

Isso se aplica especialmente à vida devocional. Muitas pessoas religiosas lamentam que o fervor inicial de sua conversão tenha morrido. Elas pensam — às vezes, com razão, mas, eu acredito, nem sempre — que seus pecados são responsáveis por isso. Elas podem até mesmo tentar, por lamentáveis esforços de vontade, reviver o que agora parecem ter sido os dias de ouro. Mas esse fervor — a palavra a destacar é *esses* — foi planejado para sempre durar?

Seria precipitado dizer que há alguma oração a que Deus *nunca* atende. Mas a candidata mais forte é a oração que podemos expressar em uma única palavra: *encore*.⁵ E como pode o Infinito repetir a si mesmo? Todo espaço e todo tempo são muito pequenos para que Ele se expresse neles só *uma vez*.

E a piada, ou tragédia, de tudo isso é que esses momentos gloriosos do passado, que são tão atormentadores se os erigimos como norma, são inteiramente nutritivos, saudáveis e encantadores se nos contentarmos em aceitá-los pelo que são: lembranças. Colocados adequadamente para repousar em um passado que não tentamos, de modo miserável, evocar, eles manifestarão crescimentos extraordinários. Deixe os bulbos por conta própria, e as novas flores aparecerão. Desenterre-os e espere, acariciando-os e cheirando-os, obter as flores do ano passado, e você não conseguirá nada. “Se a semente não morrer [...]”.⁶

Espero que todos façamos o mesmo com a oração pelo *nosso pão de cada dia*. Isso significa tudo o que precisamos para o dia — “o que havemos mister para nossos corpos e almas”.⁷ Eu deveria odiar tornar essa cláusula algo “puramente religioso” por pensar apenas nas necessidades “espirituais”. Um de seus usos, para mim, é lembrar-nos diariamente de que aquilo que Burnaby⁸ chama de visão ingênua da oração está firmemente enraizado nos ensinamentos de Nosso Senhor.

Perdoa [...] como perdoamos. Infelizmente, não há necessidade de acrescentar um adorno aqui. Perdoar o momento presente não é difícil. Mas continuar perdando, perdoar de novo a mesma ofensa toda vez que voltar à memória — eis aí uma verdadeira briga. O que busco fazer é procurar por alguma ação minha que mereça receber a mesma cobrança que aquela com a qual estou me ressentindo. Se eu ainda for severo em lembrar como A me decepcionou, eu ainda devo me lembrar de como desapontei B. Se eu acho difícil perdoar aqueles que me intimidaram na escola, devo, naquele exato momento, lembrar-me daqueles, e orar por eles, a quem eu intimidei. (Não chamamos isso de intimidação, é claro. É nessa circunstância que a oração sem palavras pode ser bastante útil. Nela não há nomes; portanto, nenhum apelido.)

Nunca me preocupei com as palavras *não nos conduzas à tentação*,² ao contrário de muitos com quem me correspondo. As palavras sugerem para eles o que alguém chamou de “uma concepção demoníaca de Deus”, como alguém que primeiro nos proíbe certos frutos e depois nos atrai para prová-los. Mas a palavra grega (πειρασμός) significa “provação” — “circunstâncias difíceis” — de todo tipo; uma palavra muito mais abrangente que “tentação”. Assim, essa petição, em essência, é: “Endireita nossos caminhos. Poupa-nos, sempre que possível, de todas as crises, sejam de tentação ou de aflição”. Aliás, você mesmo, embora sem dúvida tenha esquecido, me fez um excelente comentário sobre isso anos atrás no *pub* em Coton. Você disse que essa sentença acrescentava uma espécie de reserva a todas as nossas orações anteriores. Como se disséssemos: “Em minha ignorância, pedi A, B e C. Mas não me dê essas coisas se anteveres que, na verdade, serão para mim armadilhas ou tristezas”. E você citou Juvenal: “*Numinibus vota exaudita malignis*”:¹⁰ “Infames orações a que o céu, em vingança, atende”, pois fazemos muitas orações assim. Se Deus tivesse atendido a todas as orações bobas que fiz em minha vida, onde eu estaria agora?

Não costumo citar *o Reino, o poder e a glória*. Quando o faço, tenho uma ideia de *Reino* como soberania *de jure*:¹¹ Deus, por ser bom, teria direito a minha obediência, mesmo que Ele não tivesse poder. O *poder* é a soberania *de facto*: Ele é onipotente. E a *glória* é... bem, a glória, a “Beleza tão antiga e tão nova”,¹² a “luz por trás do sol”.¹³

¹A rainha britânica Vitória, que reinou de 1831 a 1901, teria se queixado desse modo com respeito a William Gladstone, que foi primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante seu reinado. Essa alegada citação aparece em um livro de 1898, em que também é dito que é muito improvável que Gladstone houvesse se comportado desse modo desrespeitoso com a rainha.

²Filipenses 2:5.

³Título do cap. 54 de *The Essays of Montaigne* [Os ensaios de Montaigne], trad. por Charles Cotton, ed. por William Carew Hazlitt. Versão eletrônica de The University of Adelaide, com o texto da edição de 1877. Disponível em: ebooks.adelaide.edu.au/m/montaigne/michel/essays/index.html. Acesso em: 30 out. 2018. Michel Eyquem de Montaigne (1533–1592) foi político, escritor e filósofo francês.

⁴John Milton (1608–1674), poeta e intelectual inglês, escreveu esse poema em 1637. É uma elegia em memória de Edward King, um amigo que faleceu em um naufrágio naquele ano.

⁵Em francês, significa “ainda, de novo”; em inglês, “bis, pedir bis”.

⁶Referência a João 12:24.

⁷Frase que se encontra no final do convite feito pelo ministro à congregação para a confissão de pecados, na liturgia da Oração Matutina. *LOC*, p. 6.

⁸John Burnaby (1891–1978), ministro anglicano e professor de divindade da Universidade de Cambridge. Escreveu um ensaio sobre “Oração cristã” para o livro *Soundings* [Sondagens], em que destaca o fato de que a oração da Igreja primitiva era “ingênua” por apresentar a Deus pedidos por todos os assuntos, não apenas pelos espirituais, confiada na certeza de que Deus conhecia suas necessidades mesmo antes de apresentá-las a Ele.

⁹Segundo a versão usada pelo autor. Cf. as versões ACR e ACF, em português.

¹⁰Décimo Júnio Juvenal, poeta romano, de informações biográficas imprecisas, é conhecido pela obra *Sátiras*, da qual Lewis cita o cap. X, 111. Escreveu de maneira sarcástica sobre a vida da Roma antiga. São de sua obra as conhecidas expressões “Os romanos [...] só precisam de pão e circo” e “Mente sã num corpo são”. A tradução que Lewis faz do latim não é literal.

¹¹Expressão latina usada no direito, com o significado de “de direito”. Opõe-se a *de facto*, pois esta se refere a circunstâncias ou provas materiais que têm existência objetiva ou real.

¹²Santo Agostinho, *Confissões*, X, 27.38. (Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 285.)

¹³Charles Walter Stansby Williams (1886–1945), poeta, escritor e professor inglês, membro devotado da Igreja da Inglaterra. Fazia parte de The Inklings, um grupo de escritores da Universidade de Oxford, que incluía Tolkien e Lewis. A citação é do poema “The Calling of Taliessin” [O chamamento de Taliessin], do livro *The Region of the Summer Stars* [A região das estrelas do verão].

Carta VI

Não consigo me lembrar exatamente do que eu disse sobre não tornar a petição por nosso pão cotidiano muito “religiosa”, e não tenho certeza do que você quis dizer — nem quão ironicamente — ao perguntar se me tornei “um dos jovens de Vidler”!

Sobre Vidler. Nunca ouvi o programa¹ que criou todo esse escândalo e, naturalmente, não se pode condenar um cachorro usando fragmentos de jornais. Mas agora li o ensaio dele em *Soundings*,² e acredito que concordo com ele mais do que você. Muito do que ele cita de F. D. Maurice e Bonhoeffer³ me parece muito bom; e assim, creio eu, são os argumentos do próprio autor para o *Establishment*.⁴

De qualquer forma, posso bem entender como um homem que está tentando amar a Deus e ao próximo pode ser levado a não gostar da própria palavra *religião*; uma palavra, a propósito, que quase nunca aparece no Novo Testamento. Newman faz meu sangue gelar quando diz em *Parochial and Plain Sermons* [Sermões paroquiais e simples] que o Céu é como uma igreja, pois, em ambos, “um único assunto soberano — a religião — é colocado diante de nós”.⁵ Ele esquece que não há templo na nova Jerusalém.⁶

Ele substituiu Deus pela *religião* — como se a chegada fosse substituída pela navegação, ou a vitória pela batalha, ou o casamento pelo namoro, ou, em geral, o fim pelos meios. Mas, mesmo na vida presente, há perigo no próprio conceito de *religião*. A palavra sugere que esse é mais um departamento da vida, um departamento adicionado ao econômico, ao social, ao intelectual, ao recreativo e a todos os demais. Mas aquelas cujas reivindicações são infinitas não podem ter *status* de departamento. Ou é uma ilusão ou, então, nossa vida toda é abrangida por isso. Não temos atividades não religiosas; somente religiosas e irreligiosas.

A religião, no entanto, parece existir como um departamento e, em algumas épocas, prosperar desse modo. Ela prospera em parte porque existe em muitas pessoas um “amor pelas observâncias religiosas”, que eu acho que Simone Weil⁷ tem toda a razão em considerar como um gosto meramente natural. Existe também — Vidler indica bem isso — o prazer na

organização religiosa (como em qualquer outra). Então, todo tipo de interesses estéticos, sentimentais, históricos, políticos é também para aí atraído. Por fim, vêm as vendas de obras, a revista da paróquia, e sininhos, e Papai Noel.

Nenhuma delas é ruim. Mas nenhuma delas tem necessariamente mais valor espiritual do que as atividades a que chamamos de seculares. E elas são infinitamente perigosas se isso não for compreendido. Esse departamento da vida, rotulado de “sagrado”, pode se tornar um fim em si mesmo, um ídolo que oculta Deus e meus próximos. (“Quando os meios são autônomos, eles são mortais.”)⁸ Pode até acontecer que as ações mais genuinamente cristãs de um homem estejam, de modo absoluto, fora da parte de sua vida que ele chama de *religiosa*.

Li em um artigo religioso: “Nada é mais importante do que ensinar as crianças a fazer o sinal da cruz”. Nada? Nada de compaixão, nem veracidade, nem justiça? *Voilà l’ennemi*.⁹

É preciso, no entanto, avançar de maneira cautelosa, pois a verdade de que a *religião* como departamento de fato não tem o direito de existir pode ser mal interpretada. Alguns concluirão que esse departamento ilegítimo deveria ser abolido. Outros pensarão, aproximando-se da verdade, que ela deveria deixar de ser departamental e ser estendida à vida toda, mas interpretará mal essa afirmação. Eles pensarão que isso significa que mais e mais de nossas transações seculares devem ser “iniciadas com oração”, que um pietismo enfadonhamente explícito deve infestar nossas conversas, que não deve haver mais bolos e cerveja. Um terceiro tipo de pessoa, bem consciente de que Deus ainda governa uma parte muito pequena da vida delas, e que “uma religião departamental” não é boa, pode se desesperar. Teria de ser cuidadosamente explicado a elas que ser “ainda apenas uma parte” não é o mesmo que ser um departamento permanente. Em todos nós, Deus “ainda” detém apenas uma parte. O Dia D foi apenas uma semana atrás. O naco tomado da Normandia¹⁰ agora parece pequeno no mapa da Europa. A resistência é forte, as casualidades são pesadas e o evento é incerto. Há, temos de admitir, uma linha de demarcação entre a parte de Deus em nós e a região do inimigo. Mas é, esperamos, uma linha de combate, não uma fronteira fixada por acordo.

Mas suspeito que o verdadeiro mal-entendido a respeito da fala de Vidler esteja em outro ponto. Temos falado da *religião* como um padrão de comportamento — o qual, se mantido como departamento de forma satisfatória, não pode ser, de fato, um comportamento cristão. Mas as pessoas usam, e com mais frequência, *religião* também para significar um sistema de crenças. Quando elas ouviram que Vidler queria uma igreja com “menos religião”, pensaram que ele queria dizer que o pouco — o muito pouco — que a teologia liberal havia deixado da “fé uma vez por todas confiada aos santos”¹¹ deveria ser esvaziado. Em decorrência disso, alguém perguntou: “Ele é teísta?”

Bem, ele certamente é. Ele quer — acho que ele quer muito sinceramente — reter algumas doutrinas cristãs. Mas ele está disposto a se desfazer de um bom bocado delas. “As doutrinas tradicionais” devem ser testadas. Muitas coisas terão de ser “superadas” ou “sobreviver principalmente como arcaísmos veneráveis ou como contos de fadas”. Ele se sente muito satisfeito com esse programa indefinido de rejeição de ideias, pois confia na contínua orientação do Espírito Santo.¹² Uma fé nobre; desde que, é claro, haja um ser como o Espírito Santo. Mas suponho que a existência Dele é, por si só, uma das “doutrinas tradicionais” que, nas premissas de Vidler, poderíamos, num dia qualquer, descobrir que havíamos superado. O mesmo ocorreria com a doutrina — Vidler chama isso de “o fato” — de que o homem é “uma criatura dicotômica — não apenas uma criatura política, mas também um ser espiritual”. Vidler e você e eu (e Platão) pensamos nisso como um fato. Dezenas de milhares, talvez milhões, pensam nisso como uma fantasia. A descrição neutra é “uma doutrina tradicional”. Você acha que ele quer dizer que essas duas doutrinas — e por que apenas essas duas? — são o âmago de sua crença, isentas da ameaça de rejeição que paira sobre todas as outras doutrinas? Ou ele diria que, como o título do livro implica, ele está apenas “fazendo sondagens” — e se a linha não é longa o suficiente para chegar ao fundo, as sondagens podem fornecer tão somente informações negativas ao navegador?

Eu estava interessado nas coisas que você disse sobre *perdoa as nossas dívidas*. Muitas vezes, com certeza, há algo definido pelo qual pedir perdão. Isso é uma navegação tranquila. Mas eu, como você, muitas vezes encontro uma ou outra de duas situações que são difíceis de manejar: um vago

sentimento de culpa ou uma autoaprovação maliciosa e igualmente vaga. O que devemos fazer com elas?

Muitos psicólogos modernos nos dizem para sempre desconfiar desse sentimento vago de culpa, por ser algo puramente patológico. E, se eles parassem aí, eu poderia acreditar neles. Mas, quando eles avançam, como alguns o fazem, e aplicam o mesmo tratamento a todos os sentimentos de culpa, sugerindo que o sentimento de alguém em relação a determinado ato indelicado ou a uma falta de sinceridade particular é também e igualmente indigno de confiança — não posso deixar de pensar que estão falando bobagem. Qualquer um vê isso ao olhar para outras pessoas. Conversei com algumas pessoas que sentiam culpa quando era exatamente o que deveriam sentir: elas haviam se comportado como brutos e sabiam disso. Também conheci outras que se sentiram culpadas, mas não eram culpadas por qualquer padrão que eu pudesse aplicar. E, em terceiro lugar, conheci pessoas que eram culpadas e não pareciam se sentir culpadas. E não é isso que devemos esperar? As pessoas podem ser *malades imaginaires*,¹³ que estão bem e pensam que estão doentes; e outros, especialmente os tuberculosos, estão doentes e pensam que estão bem; e, em quarto lugar — de longe, a maior categoria —, as pessoas estão doentes e sabem que estão doentes. Seria muito estranho se houvesse algum lugar em que todos esses equívocos fossem de um só tipo.

Alguns cristãos dizem para continuarmos esquadrinhando e cavoucando até encontrarmos algo específico. Podemos ter certeza, dizem eles, que existem pecados reais o bastante para justificar o sentimento de culpa ou para derrubar o sentimento de que está tudo bem. Penso que eles estão certos em dizer que, se caçarmos o suficiente, encontraremos, ou pensaremos ter encontrado, alguma coisa. Mas é exatamente isso o que desperta suspeita. Uma teoria que jamais poderia ser falsificada, pela experiência que for, dificilmente, por essa exata razão, poderia ser verificada. De modo semelhante, quando estamos cedendo à tentação, induzimo-nos a acreditar que aquilo que sempre pensamos ser pecado, nesse momento, por alguma estranha razão, não será pecado; então, não nos persuadiremos de que algo que (corretamente) sempre consideramos ser inocente era, de fato, errado? Podemos criar escrúpulos. E escrúpulos são sempre uma coisa ruim — pelo menos porque geralmente nos distraem dos verdadeiros deveres.

Não sei se estou certo ou não, mas, de modo geral, cheguei à conclusão de que não se pode *fazer* nada diretamente a respeito de qualquer desses sentimentos. A opção é não crer em nenhum deles — de fato, como pode alguém crer em um nevoeiro? Volto a São João: temos de tranquilizar “nosso coração diante dele quando nosso coração nos condenar. Porque Deus é maior do que o nosso coração”.¹⁴ E, de igual modo, se nosso coração nos adula, Deus é maior que nosso coração. Às vezes, eu não oro pelo autoconhecimento em geral, mas por todo o autoconhecimento que eu posso suportar e usar no momento, a pequena dose diária.

Temos alguma razão para supor que o autoconhecimento total, se nos fosse dado, seria para nosso bem? As crianças e os tolos, dizem-nos, nunca devem olhar para uma obra pela metade;¹⁵ e não estamos, acredito, nem metade prontos. Você e eu, em todos os estágios, não achamos sensato falar a um aluno exatamente o que pensamos sobre sua condição. É muito mais importante que ele saiba o que deve fazer a seguir.

Se alguém dissesse isso em público, teria todos os freudianos a criticá-lo. E, lembre-se, de que somos muito gratos a eles. Eles expuseram as evasões covardes do autoconhecimento realmente útil que todos praticávamos desde o começo do mundo. Mas há também uma curiosidade meramente mórbida e inquieta sobre o próprio eu — que se derrama da psicologia moderna — que certamente nada produz? A pintura inacabada adoraria pular do cavalete e dar uma olhada em si mesma! E análise não cura isso. Todos nós conhecemos pessoas que fizeram análise e parecem ter feito de si mesmas tema de pesquisa para o resto da vida desde então.

Se eu estiver certo, a conclusão é que, quando nossa consciência não vai direto ao ponto, mas apenas vagamente acusa ou vagamente aprova, devemos dizer a ela, como Herbert: “Paz, tagarela”,¹⁶ e seguir em frente.

¹John Robinson, citado na Carta III, nota 3, menciona, no prefácio do livro *Honest to God*, um programa de televisão levado ao ar em 4 de novembro de 1962. Nesse programa, Alec R. Vidler (1899–1991), teólogo anglicano e membro do King’s College, em Cambridge, defendeu a necessidade de que a Igreja Anglicana recuperasse o muito tempo perdido causado, segundo ele, pela supressão do pensamento real e profundo nela. Sua posição foi severamente contestada.

²Sondagens, livro editado por Vidler, com o explicativo subtítulo de “*Essays concerning Christian understanding*” [Ensaio sobre o entendimento cristão], lançado em 1962. A proposta dos autores,

nove teólogos anglicanos, era considerar quais questões deveriam ser enfrentadas nos anos 60. Ver Carta V, nota 8.

[3](#)John Frederick Denison Maurice (1805–1872), primeiro professor de teologia da King’s College, em Londres, tornou-se um dos primeiros cristãos-socialistas. Sua heterodoxia, revelada em *Theological Essays* [Ensaaios teológicos], de 1854, levou-o à demissão. O teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer (1906–1945), teólogo e pastor alemão, participou da resistência antinazista. Foi preso sob a acusação de ter participado de um complô para assassinar Hitler. Foi enforcado pelos nazistas.

[4](#)Em seu livro, Vidler defende a existência de uma Igreja nacional como reconhecimento de que o Estado não supre tudo aquilo de que os homens têm necessidade, pois “o homem é não apenas uma criatura política, mas também um ser espiritual”.

[5](#)John Henry Newman (1801–1890), teólogo anglicano e, posteriormente, cardeal católico. O livro citado, lançado em oito volumes, foi escrito antes de sua conversão ao catolicismo; a frase citada é do primeiro sermão do primeiro volume.

[6](#)Apocalipse 21:22.

[7](#)Filósofa francesa (1909–1943). Seus escritos, de caráter místico, misturam elementos da fé cristã com suas profundas considerações e experiências acerca da escravidão e da natureza humanas. Considerada “a mística da contemplação de Deus na miséria humana”.

[8](#)Citação do poema “Bors to Elaine: On the King’s Coins” [Bors para Elaine: Sobre as moedas do rei], do livro *Taliessin through Logres* [Taliessin atravessa o Logres], de Charles Williams. Ver nota 13 no cap. V.

[9](#)Francês: “Eis o inimigo!”.

[10](#)O Dia D foi em 6 de junho de 1944, quando ocorreu o desembarque de forças aliadas (EUA, Império Britânico, União Soviética, China) na Normandia, na costa francesa, dando início à libertação dos territórios controlados pelos nazistas na Europa.

[11](#)Judas 3.

[12](#)Citação e paráfrase do livro de Vidler, p. 254-255.

[13](#)Francês: “pacientes imaginários”.

[14](#)1 João 3:20.

[15](#)Paráfrase de um provérbio escocês, indicando que crianças e tolos, por causa de sua inaptidão, podem fazer um juízo equivocado sobre uma obra ao verem-na inconclusa e tomarem-na por concluída.

[16](#)Citação do poema “Conscience” [Consciência], do poeta e sacerdote anglicano George Herbert (1593–1633), conhecido por sua piedade e pelo lirismo devocional de sua poesia.

Carta VII

Se você quis dizer, em sua última carta, que podemos descartar toda a ideia de oração peticionária — oração que, como você diz, pede a Deus que “planeje” eventos particulares no mundo objetivo — e nos limitarmos a atos de penitência e adoração, eu não concordo com você. Pode ser verdade que o cristianismo, intelectualmente, se tornasse uma religião muito mais fácil se nos dissesse para fazer isso. E posso entender as pessoas que acham que também seria uma religião mais idealista. Mas lembre-se do salmo: “Senhor, o meu coração não é orgulhoso”.¹ Ou, melhor ainda, lembre-se do Novo Testamento. Fazer orações de petição descaradamente francas nos é recomendado tanto por preceito quanto por exemplo. Nosso Senhor no Getsêmani fez uma oração de petição (e não recebeu o que pediu).

Você me lembrará de que Ele pediu com uma reserva: “Contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”.² Isso faz uma enorme diferença. Mas a diferença que ela não faz é, precisamente, remover o caráter peticionário da oração. Quando o pobre Bill, em uma ocasião bem conhecida nossa, nos pediu 100 libras emprestadas, ele disse: “Só se vocês tiverem esse valor sobrando”, e: “Eu vou entender muito bem se vocês não puderem emprestar”. Essa atitude faz o pedido dele ser muito diferente do pedido irritante ou mesmo ameaçador que um tipo diferente de homem poderia ter feito. Mas ainda era um pedido.

O servo não é maior, e não deve ser mais idealista, que o mestre.³ Quaisquer que sejam as dificuldades teóricas, devemos continuar fazendo pedidos a Deus. E, com respeito a esse tópico, não podemos receber ajuda daqueles que continuam nos dizendo que esse é o tipo mais baixo e menos essencial de oração. Eles podem estar certos; mas e daí? Os diamantes são mais preciosos do que os quartzos fumê, mas os quartzos fumê não deixam de existir e também devem ser levados em conta, como qualquer outra coisa.

Mas não nos deixemos ser tão facilmente intimidados. Algumas das objeções populares à oração peticionária, se forem válidas contra ela, serão igualmente válidas contra outras coisas que todos nós, cristãos ou não, fazemos e temos feito desde que o mundo começou, e que, com certeza,

continuaremos a fazer. Não acho que o peso de ter de responder a isso esteja especialmente sobre nós.

Há, por exemplo, o determinismo,⁴ que, sob esse nome ou sob outro, parece estar implícito em uma visão científica do mundo. O determinismo não nega a existência do comportamento humano. Ele rejeita nossa convicção espontânea, e a tem por ilusão, de que nosso comportamento tem sua origem última em nós mesmos. O que eu chamo de “meu ato” é o conduíte pelo qual passa a torrente do processo universal, e estava obrigado a passar, em determinado momento e lugar. A distinção entre o que chamamos de movimentos “voluntários” e “involuntários” do corpo não é obliterada, mas, segundo esse entendimento, essa diferença não é exatamente o que supúnhamos. O que eu chamo de movimentos “involuntários” são necessariamente — e, se soubermos o suficiente, previsivelmente — resultado de causas mecânicas fora de meu corpo ou de processos patológicos ou orgânicos dentro dele. Os “voluntários” são o resultado de fatores psicológicos conscientes que, por sua vez, são resultado de fatores psicológicos inconscientes, que dependem de minha situação econômica, de minha experiência infantil e pré-natal, da herança genética que recebi... e assim por diante, até os primórdios da vida orgânica, e antes dela. Eu sou um canal, não uma fonte. Eu nunca faço uma contribuição original para o processo do mundo. Eu me movo por esse processo, não do modo como um tronco flutuante se move com o rio, mas como um litro específico dessa água se move.

Mas, mesmo aqueles que acreditam nisso irão, como qualquer outra pessoa, pedir-lhe que lhes alcance o sal. Toda forma de comportamento, incluindo a fala, pode continuar do mesmo jeito, e continuará. Se um determinista estrito cresse em Deus (e penso que poderia), a oração peticionária seria tão irracional se feita por ele quanto se por qualquer outra pessoa.

Outro argumento, colocado (mas não aceito) por Burnaby em *Soundings*,⁵ é este. Se a liberdade do homem tem algum valor, se o homem tem algum poder de planejamento e de adaptar os meios para os fins, ele deve viver em um mundo previsível. Mas, se Deus altera o curso dos eventos em resposta à oração, então, o mundo é imprevisível. Desse modo, para que o homem seja efetivamente livre, Deus não pode ser, a esse respeito, livre.

Mas não está claro que esse mundo previsível — quer seja ele necessário para nossa liberdade ou não — não é o mundo em que vivemos? Esse é um mundo de apostas e apólices de seguro, de esperanças e ansiedades, onde “nada é certo, a não ser o inesperado” e a prudência está na “administração magistral do imprevisto”. Quase todas as coisas sobre as quais as pessoas oram são imprevisíveis: o resultado de uma batalha ou de uma operação, a perda ou a obtenção de um emprego, a retribuição de um amor. Nós não oramos a respeito de eclipses.

Mas, você vai responder, nós já o fizemos. Todo avanço da ciência torna previsível algo que antes era imprevisível. É somente nossa ignorância que possibilita a oração peticionária. Não seria racional supor que todos os eventos sobre os quais oramos hoje são coisas, em princípio, tão previsíveis — embora ainda não saibamos o suficiente para prevê-las — como eclipses? Mas isso não é resposta ao ponto que estou destacando. Não estou agora tentando refutar o determinismo. Estou apenas argumentando que um mundo onde o futuro é desconhecido não pode ser inconsistente com a ação planejada e intencional, já que estamos agora planejando e fazendo propósitos em um mundo assim, e temos feito isso há milhares de anos.

Além disso, cá entre nós, acho que essa objeção envolve uma falsa ideia a respeito do que as ciências fazem. Nesse aspecto, você é um juiz melhor do que eu, mas eu as considero por aquilo que elas valem. É verdade, em certo sentido, que a marca de uma ciência genuína é seu poder de prever. Mas isso significa que uma ciência aperfeiçoada, ou uma síntese aperfeiçoada de todas as ciências, seria capaz de escrever histórias confiáveis do futuro? E os cientistas desejariam fazer isso? A ciência não prevê um evento futuro apenas na medida em que, e apenas porque, esse evento é um exemplo de alguma lei universal? Tudo o que torna o evento único — em outras palavras, tudo o que o torna um evento histórico concreto — é deliberadamente descartado; não apenas como algo que a ciência não pode, ou ainda não pode, incluir, mas também como algo em que a ciência, como tal, não tem interesse. Nenhum nascer do sol é exatamente como outro. Tire dos nasceres do sol aquilo em que diferem, e o que resta será idêntico. Essas coisas idênticas abstratas são o que a ciência prevê. Mas a vida, conforme nós a vivemos, não é redutível a essas identidades. Todo evento físico real — e muito mais toda experiência humana — tem por trás de si, em sua longa jornada, toda a história anterior do universo real — que não é em si mesma

um “exemplo” de qualquer coisa — e é, portanto, sempre adornada com aquelas particularidades que a ciência, para seus próprios fins, com razão desconsidera. A arte de elaborar uma boa experiência não consiste em conceber meios pelos quais as irrelevâncias — isto é, as particularidades históricas — podem ser reduzidas ao mínimo?

Mais adiante, em seu ensaio, Burnaby parece sugerir que a vontade humana é o único fator radicalmente imprevisível da história. Não estou satisfeito com isso. Em parte porque não vejo como o negativo gigantesco que isso envolve pode ser provado; em parte porque concordo com Bradley⁶ que a imprevisibilidade não é a essência, nem mesmo um sintoma de liberdade. (Você viu que eles reimprimiram *Ethical Studies* [Estudos éticos]? A provocação de Arnold,⁷ totalmente justa e típica de Arnold, é primorosa.) Mas suponha que fosse verdade. Mesmo assim, seria tão grande a previsibilidade dos eventos que a ideia toda de previsibilidade como algo necessário à vida humana estaria em ruínas. Pense nos inúmeros atos humanos, atos de cópula, espalhados ao longo de milênios, que levaram ao nascimento de Platão, Átila ou Napoleão. No entanto, é sobre esses imprevisíveis que a história humana depende em enorme medida. Há 25 anos você pediu Betty em casamento. E agora, como resultado, temos o jovem George. (Espero que ele tenha superado a gastroenterite.) Mil anos depois, ele pode ter muitos descendentes, e apenas a modéstia poderia esconder de você a possibilidade de que um deles tenha um impacto histórico tão grande quanto Aristóteles — ou Hitler!

¹Salmos 131:1.

²Mateus 26:39.

³João 13:16; 15:20.

⁴Teoria filosófica segundo a qual tudo é explicado por relações de casualidade, as quais excluem qualquer acaso ou indeterminação. Assim, até mesmo o comportamento humano está predeterminado por essas leis necessárias e imutáveis.

⁵Ver Carta V, nota 8.

⁶Francis Herbert Bradley (1846–1924), filósofo inglês, foi membro destacado do movimento filosófico chamado de idealismo britânico (caracterizado por crença em um Absoluto, pelo lugar elevado dado à razão e por indisposição para aceitar uma dicotomia entre pensamento e objeto). *Estudos éticos* é uma de suas obras mais importantes, publicada em 1876. Lewis se refere à edição de 1927, lançada pela Clarendon Press, Oxford, Inglaterra.

⁷Matthew Arnold (1822–1888), poeta vitoriano inglês, professor em Oxford e crítico literário e social, tornou-se afamado por seus ataques clássicos a gostos e costumes contemporâneos dos

“bárbaros” (a aristocracia), dos “filisteus” (a classe média comerciante) e do “populacho”. *Culture and Anarchy* [Cultura e anarquia] (1869) é sua obra mais conhecida e importante. Sua teologia era de linha liberal.

Carta VIII

Quão frívola e vazia minha última carta deve ter parecido a você! Eu mal a tinha enviado quando recebi o cartão de Betty com as inquietantes notícias sobre George — transformando minha referência jocosa aos descendentes dele em uma ofensa a seus sentimentos (pelo menos, suponho que tenha sido) e fazendo toda a conversa sobre oração parecer a você, como agora para mim, totalmente irreal. A distância entre o abstrato “Deus ouve orações peticionárias?” e o concreto “Ele irá — Ele pode — responder a nossas orações por George?” é aparentemente infinito.

Sem dúvida alguma, não posso fingir, por um momento sequer, ser capaz de sentir o que você está sentindo. Se fizesse isso, você diria a si mesmo (como o homem em *Macbeth*): “Ah! Ele não tem filhos”.¹ Há alguns anos, quando eu mesmo estava passando por aquele problema,² você me disse algo semelhante. Você escreveu: “Sei que estou do lado de fora. Dificilmente minha voz poderá alcançá-lo”. E essa foi uma das razões pelas quais sua carta foi mais parecida com um verdadeiro aperto de uma mão real do que qualquer outro que eu tenha recebido.

A tentação é tentar ter a certeza restabelecida: lembrar-lhe de com que frequência o diagnóstico preliminar de um clínico geral está errado, de que os sintomas são reconhecidamente ambíguos, de que os homens com diagnóstico ruim às vezes vivem até uma idade avançada. E tudo isso seria, de fato, verdade. Mas o que, nessa situação, eu posso dizer que você não esteja dizendo a si mesmo a cada hora? E você saberia meu motivo. Você saberia quão pouca franqueza científica — ou conhecimento — real há por trás de minhas palavras. E se — que Deus não o permita — sua expectativa terminasse tão terrivelmente quanto a minha, essas certezas soariam como escárnios. Pelo menos, foi o que eu percebi. A lembrança das falsas esperanças foi um tormento adicional. Mesmo agora, certos momentos de que recordo, de um conforto falacioso, ferem meu coração mais do que o momento de desespero de que recordo.

Ainda pode ser que tudo fique bem. Isso é verdade. Enquanto isso, você tem a espera — a espera até que as chapas de raios X sejam reveladas e até

que o especialista tenha completado suas observações. E, enquanto espera, você ainda tem de continuar vivendo — se ao menos pudéssemos ficar às escondidas, lá hibernando, dormindo. E, então (para mim — eu acredito que você é mais forte), os horríveis subprodutos da ansiedade; o incessante e circular movimento dos pensamentos, até mesmo a tentação pagã de vigiar os presságios irracionais. E alguém ora; mas principalmente essas orações são, elas próprias, uma forma de angústia.

Algumas pessoas se sentem culpadas por suas ansiedades e as consideram um defeito da fé. Não concordo com isso de jeito nenhum. Elas são aflições, não pecados. Como todas as aflições, elas são, se assim podemos considerá-las, nossa participação na Paixão de Cristo. Pois o começo da Paixão — o primeiro movimento, por assim dizer — é no Getsêmani. No Getsêmani, algo muito estranho e significativo parece ter acontecido.

Está claro, a partir de muitos de Seus ditos, que Nosso Senhor há muito tempo previra Sua morte. Ele sabia que condutas como a Dele, em um mundo como o tornamos, inevitavelmente levariam a isso. Mas está claro que esse conhecimento deve, de alguma forma, ter sido retirado Dele antes que Ele orasse no Getsêmani. Ele não poderia, tendo qualquer reserva quanto à vontade do Pai, ter orado para que o cálice passasse e, ao mesmo tempo, saber que isso não aconteceria. Isso é uma impossibilidade lógica e psicológica. Você vê o que isso envolve? A fim de que não faltasse nenhum incidente de provação para a humanidade, os tormentos da esperança — de suspense, ansiedade — foram, no último momento, despejados sobre Ele: a suposta possibilidade de que, ao final, Ele pudesse, Ele apenas concebivelmente pudesse, ser poupado do horror supremo. Havia precedentes. Isaque tinha sido poupado: ele também no último momento, ele também contra todas as probabilidades aparentes. Não era totalmente impossível... e, sem dúvida, Ele tinha visto outros homens crucificados... uma visão muito diferente da maioria de nossas imagens e retratos religiosos.

Mas, para essa última (e errônea) esperança contra a esperança, e o conseqüente tumulto da alma, o suor de sangue, talvez Ele não fosse o Homem em sua totalidade. Viver em um mundo totalmente previsível não é ser homem.

Por fim, eu sei, é dito que apareceu um anjo que o “confortava”. Mas nem *confortava* no inglês do século 16³ nem a palavra grega ἐννισχύων significam “consolar”. “Fortalecia” é a melhor palavra. Não pode o fortalecimento ter consistido na certeza renovada — o que seria um conforto frio — de que a coisa deveria ser suportada e, portanto, poderia ser?

Todos tentamos aceitar com alguma submissão nossas aflições quando elas chegam de fato a nós. Mas a oração no Getsêmani mostra que a ansiedade que a precede é, em igual medida, a vontade de Deus e parte de nosso destino humano. O Homem perfeito experimentou isso. E o servo não é maior que o mestre. Somos cristãos, não estoicos.

Os movimentos da Paixão não comunicam, todos eles, de modo abrangente, algum elemento comum nos sofrimentos de nossa raça? Primeiro, a oração de angústia — não aceita. Então, Ele se volta para Seus amigos. Eles estão adormecidos — como os nossos, ou nós, estão tão frequentemente, ou ocupados, ou ausentes ou preocupados. Então, Ele enfrenta a Igreja; a própria Igreja que Ele trouxe à existência. Ela o condena. Isso também é característico. Em cada Igreja, em cada instituição, há algo que, mais cedo ou mais tarde, atua contra o próprio propósito para o qual surgiu. Mas parece haver outra chance. Existe o Estado; neste caso, o Estado romano. Suas pretensões são muito inferiores às da igreja judaica, mas, precisamente por essa razão, ele pode estar livre de fanatismos locais. O Estado alega ser justo, em um nível rude e mundano. Sim, mas apenas na medida em que seja consistente com a conveniência política e *raison d'état*.⁴ O homem se torna uma ficha em um jogo complicado. Mas, mesmo nesse momento, nem tudo está perdido. É possível ainda um apelo ao povo — os pobres e simples a quem Ele abençoou, a quem Ele curou e alimentou e ensinou, a quem Ele pertence. Mas eles se tornaram uma multidão assassina noturna (não é nada incomum) gritando por Seu sangue. Não há, então, nada além de Deus. E, com respeito a Deus, as últimas palavras de Deus foram: “Por que me abandonaste?”.⁵

Você percebe quão característico, quão representativo, tudo é. A situação humana escrita em letras grandes. Essas são algumas das coisas que significam ser um homem. Cada corda se rompe quando você a pega. Cada porta é fechada quando você a alcança. É ser como a raposa no final da corrida; as terras estão todas delimitadas.⁶

Quanto ao último abandono de todos, como podemos entendê-lo ou suportá-lo? É que o próprio Deus não pode ser Homem a menos que Deus pareça desvanecer-se em Sua maior necessidade? E se é assim, por quê? Às vezes me pergunto se sequer começamos a entender o que está envolvido no próprio conceito de criação. Se Deus criar, Ele fará algo ser e, ainda assim, isso não será Ele mesmo. Ser criado é, em certo sentido, ser ejetado ou separado. Será que, quanto mais perfeita a criatura é, mais essa separação deve, em algum momento, ocorrer? São santos, não pessoas comuns, que experimentam a “noite escura”.⁷ São homens e anjos, não animais, que se rebelam. A matéria inanimada dorme no seio do Pai. A característica de Deus de ser “oculto” talvez pressione mais dolorosamente aqueles que estão, de outro modo, mais próximos Dele, e, portanto, o próprio Deus, feito homem, será, entre todos os homens, o mais abandonado por Deus? Um dos teólogos do século 17 disse: “Ao fingir ser visível, Deus pode somente enganar o mundo”.⁸ Talvez Ele finja, apenas um pouquinho, para almas simples que precisam de uma medida plena de “consolo palpável”. Não os enganando, mas ajustando o vento ao cordeiro tosquiado.⁹ É claro que não estou dizendo, como Niebuhr¹⁰, que o mal é inerente à finitude. Isso identificaria a criação com a queda e faria de Deus o autor do mal. Mas talvez haja uma angústia, uma alienação, uma crucificação envolvida no ato criativo. No entanto, Ele, o único que pode julgar, julga que a distante consumação vale a pena.

Eu sou, você vê, um consolador de Jó.¹¹ Longe de iluminar o vale escuro onde você se encontra agora, eu o escureço. E você sabe por quê. Sua escuridão trouxe de volta a minha. Mas, pensando bem, não me arrependo do que escrevi. Acho que é apenas em uma escuridão compartilhada que você e eu podemos realmente nos encontrar no presente; compartilhamos um com o outro e, o que mais importa, com nosso Mestre. Não estamos em um caminho inexplorado. Em vez disso, na estrada principal.

Certamente estávamos falando de modo muito leviano e superficial sobre essas coisas há duas semanas. Estávamos jogando com nossas fichas. As pessoas costumam ouvir quando crianças: “Pense no que você está dizendo”. Aparentemente, nós também precisamos que nos digam: “Pensem no que vocês estão pensando”. As apostas precisam ser elevadas antes de levarmos o jogo muito a sério. Sei que isso é o oposto do que se costuma dizer sobre a

necessidade de manter toda a emoção fora de nossos processos intelectuais — “Você não consegue pensar direito a menos que esteja de cabeça fria”. Mas você também não pode pensar profundamente se está assim. Suponho que se deva considerar todos os problemas em ambos estados. Você lembra que os antigos persas debatiam tudo duas vezes: uma vez quando estavam bêbados e outra vez quando estavam sóbrios.

Sei que um de vocês vai me dar notícias, assim que houver alguma.

¹Da peça *Macbeth*, de William Shakespeare, ato IV, cena 3, p. 367. Resposta de Macduff à sugestão de Malcolm de que “o remédio para essa dor mortal”, a morte selvagem da esposa e dos filhos de Macduff, seria prepararem a vingança. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: shakespearebrasileiro.org/pecas/macbeth. Acesso em: 5 nov. 2018.

²Ver Carta 4, nota 9.

³Tradução usada também em algumas versões em português, como ARC, ARA e NAA.

⁴Expressão francesa que significa “razão de Estado”. Refere-se ao expediente político derivado de certa posição do governo de um país.

⁵Mateus 27:46; Marcos 15:34.

⁶Referência ao tradicional esporte de elite inglês em que homens a cavalo, e acompanhados por cães, caçam uma raposa em determinada área.

⁷Referência ao poema “A noite escura da alma”, de São João da Cruz, poeta e frade do séc. 16, ou ao comentário por ele escrito sobre o poema e com o mesmo nome. No texto, a jornada da alma até a união com Deus é chamada de noite escura, representando as adversidades que a alma enfrenta para desligar-se do que é mundano. O termo é usado na tradição cristã para referir-se ao silêncio de Deus nos momentos de tribulação.

⁸Citação de Thomas Traherne (c. 1636–c. 1674), poeta, clérigo, teólogo inglês. Sua obra mais conhecida, de onde Lewis extraiu essa frase, é *Centuries of Meditation* [Centúrias de Meditação], uma coleção de parágrafos breves em que ele faz considerações sobre a vida e o ministério cristãos, a felicidade e outros temas.

⁹Citação de *Les Premices* [Os prêmios], coleção de textos reunidos por Henri II Estienne (1528–1598), impressor francês e estudioso de literatura clássica.

¹⁰Reinhold Niebuhr (1892–1971), teólogo reformado americano, considerado por muitos como o mais influente pensador religioso da cultura americana do séc. 20.

¹¹Cf. Jó 16:2.

Carta IX

Graças a Deus! Que barafunda! Ou, mais sombriamente, que ensaio! Fazem apenas 24 horas desde que recebi o telefonema da Betty, e a crise já parece curiosamente distante. Como no mar. Uma vez que você passa o promontório e entra em águas profundas, o promontório não demora muito para se esconder abaixo do horizonte.

E agora, sua carta. Não estou nada surpreso com você se sentir arrasado, e não alegre. Isso não é ingratidão. É apenas exaustão. Não houve momentos, mesmo durante aqueles dias terríveis, em que você mergulhou em uma espécie de apatia — pela mesma razão? O corpo (bendito seja!) não continuará indefinidamente nos suprimindo com os meios físicos da emoção.

Certamente não há dificuldade com a oração no Getsêmani com base no fato de que, se os discípulos estivessem dormindo, eles não poderiam tê-la ouvido e, portanto, não poderiam tê-la registrado? As palavras que eles gravaram não demoraram mais do que três segundos para serem proferidas. Ele estava apenas a uma pequena distância. O silêncio da noite os cercava. E podemos ter certeza de que Ele orou em voz alta. As pessoas faziam tudo em voz alta naqueles dias. Você lembra como Santo Agostinho ficou espantado — séculos mais tarde, em uma sociedade muito mais sofisticada — ao descobrir que, quando Santo Ambrósio estava lendo (para si mesmo), não conseguia ouvir as palavras, mesmo que fosse e ficasse bem ao lado dele?¹ Os discípulos ouviram as palavras iniciais da oração antes de dormirem. Eles registram essas palavras iniciais como se fossem o todo.

Há um exemplo bastante cômico da mesma coisa em Atos 24. Os judeus haviam conseguido um orador profissional chamado Tértulo para conduzir a acusação contra São Paulo. O discurso registrado por Lucas usa 84 palavras em grego, se eu tiver contado corretamente. Oitenta e quatro palavras são excessivamente poucas para um defensor grego em uma ocasião tão importante. Pode-se presumir, então, que elas são *précis*²? Mas daquelas oitenta e poucas palavras, quarenta são usadas para expressões de cortesia ao tribunal — o que, em um registro *précis* tão pequeno, não deveria ter constado de maneira alguma. É fácil imaginar o que aconteceu. Lucas,

embora fosse um excelente narrador, não era bom repórter. Ele começa tentando memorizar, ou transcrever, todo o discurso na íntegra. E ele consegue reproduzir certa porção do exórdio. (O estilo inconfundível. Somente um rétor praticante falava dessa maneira.) Mas ele logo é vencido. O restante do discurso é apenas representado por um resumo ridiculamente inadequado. Mas ele não nos diz o que aconteceu, e, assim, parece atribuir a Tértulo uma apresentação que teria soado como ruína profissional.

Como você diz, os problemas sobre a oração que realmente inquietam o homem quando ele está orando pela vida de entes queridos não são gerais e filosóficos; são aqueles que surgem do próprio cristianismo. Pelo menos, é assim para você e para mim. Há muito tempo concordamos que, se nossas orações são respondidas, elas são respondidas desde a fundação do mundo. Deus e Seus atos não estão no tempo. O relacionamento entre Deus e o homem ocorre em momentos particulares para o homem, mas não para Deus. Se existe — como o próprio conceito de oração pressupõe — uma adaptação entre as ações livres dos homens quando oram e o curso dos acontecimentos, essa adaptação é, desde o início, inerente ao grande ato criativo único. Nossas orações não são ouvidas — não diga “têm sido ouvidas”, ou você estará colocando Deus no tempo — antes de nós as fazermos, mas antes de nós mesmos termos sido feitos.

Os problemas reais são diferentes. Cremos que as orações, ou algumas orações, são causas reais? Mas eles não são causas mágicas: elas não agem, como feitiços, diretamente na natureza. Eles agem, então, na natureza por intermédio de Deus? Isso parece implicar que elas exerçam ação em Deus. Mas Deus, acreditamos, é impassível.³ Toda teologia rejeitaria a ideia de uma transação em que uma criatura fosse o agente e Deus, o paciente.

É totalmente inútil tentar responder a isso empiricamente por meio da produção de histórias — embora você e eu pudéssemos contar algumas bem estranhas — falando de impressionantes respostas à oração. Nós ouviremos, o que é razoável, que *post hoc* não é *propter hoc*.⁴ A coisa pela qual oramos ia acontecer de qualquer maneira. Nossa ação foi irrelevante. Mesmo a ação de um semelhante, que é o cumprimento de nosso pedido, pode não ter sido causada por ele; ele fez o que pedimos, mas talvez tivesse feito também sem nosso pedido. Alguns cétricos nos dirão que nenhuma mulher jamais se

casou com um homem *porque* ele a pediu em casamento: ela sempre traz à tona a proposta porque estava decidida a se casar com ele.

Nesses exemplos humanos, cremos, quando cremos, que nosso pedido foi a causa, ou *uma* causa, da ação da outra parte, porque temos, derivada de profunda familiaridade, certa impressão a respeito do caráter dessa parte. Certamente, não aplicamos os procedimentos científicos — experimentos de controle etc. — para estabelecer as causas. Da mesma forma, cremos, quando cremos, que a relação entre nossa oração e o evento não é de mera coincidência apenas porque temos certa ideia acerca do caráter de Deus. Somente a fé confirma a conexão. Nenhuma prova empírica pode estabelecê-la. Mesmo um milagre, se ocorresse, “poderia ter acontecido de qualquer maneira”.

Uma vez mais, nas questões humanas mais íntimas, realmente sentimos que a categoria de causa e efeito não abrangerá tudo o que de fato acontece. Em uma “proposta de casamento” real — distinta da que acontece em um romance antiquado — há alguma relação agente-paciente? Qual gota no vidro da janela se move para se unir à outra?

Vou agora sugerir que o pensamento estritamente causal é ainda mais inadequado quando aplicado à relação entre Deus e o homem. E isso não apenas quando estamos pensando em oração, mas sempre que estamos pensando sobre o que acontece na Fronteira, no misterioso ponto de junção e de separação onde o ser absoluto revela o ser derivado.

Uma tentativa de definir causalmente o que acontece lá levou a todo o enigma sobre a graça e o livre-arbítrio. Você notará que a Escritura passa apenas superficialmente sobre o problema. “Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor” — pelagianismo puro. Mas por quê? “Pois é Deus quem efetua em vocês”⁵ — agostinianismo puro.⁶ É presumivelmente apenas nossas pressuposições que fazem isso parecer sem sentido. Nós assumimos profanamente que a ação divina e a humana excluem-se uma à outra como as ações de dois semelhantes, de modo que “Deus fez isso” e “eu fiz isso” não podem ser verdade com respeito ao mesmo ato, exceto no sentido de que cada um contribuiu com uma parte.

Ao final, teremos de admitir um tráfego de mão dupla nesse entroncamento. À primeira vista, nenhum verbo passivo no mundo pode parecer tão completamente passivo quanto “ser criado”. Isso significa “*ter*

sido uma não entidade”? No entanto, para nós, criaturas racionais, ser criado também significa “ser feito agente”. Nada temos que não tenhamos recebido; mas parte do que recebemos é o poder de ser algo mais que recipientes. Nós o exercemos, sem dúvida, principalmente por meio de nossos pecados. Mas eles, para meu argumento atual, funcionarão tão bem quanto qualquer outra coisa. Porque Deus perdoa os pecados. Ele não o faria se não cometêssemos nenhum — “Para que serve a Graça, senão para enfrentar o rosto da ofensa?”.⁷ Nesse sentido, a ação Divina é consequente a, condicionada a, provocada por nosso comportamento. Isso significa que podemos “exercer ação sobre” Deus? Suponho que você pode colocar dessa maneira se quiser. Se você o fizer, então, devemos interpretar a “impassibilidade” divina de uma maneira que admita isso; porque sabemos muito melhor que Deus perdoa do que sabemos o que “impassível” significa. Eu preferiria dizer que, antes de todos os mundos, Seus atos providencial e criativo (pois ambos são um) levam em conta todas as situações produzidas pelos atos de Suas criaturas. E, se Ele leva nossos pecados em consideração, por que não nossas petições?

¹*Confissões*, VI.3: “Sempre o via ler em silêncio e nunca de outro modo.” (P. 148.)

²Francês: “preciso, específico, exato, detalhado”.

³A ideia de que Deus não sofre dores ou que não tem nem revela emoções é de origem pagã grega, e misturou-se ao cristianismo primitivo. Ao longo do tempo, esse conceito foi completamente abandonado pela ortodoxia cristã, que adotou o termo *imutável* para referir-se a Deus. Lewis escolheu o termo ambíguo e reprovado, já em seu tempo, por razões desconhecidas.

⁴A expressão latina completa é *post hoc, ergo propter hoc*, cuja tradução literal é “depois disso, logo necessariamente, por causa disso”. É uma falácia (também conhecida por Causa questionável) que ocorre sempre que, pelo fato de certo acontecimento preceder outro, se conclui que o primeiro é causa do segundo. Disso decorre que, se o acontecimento posterior é indesejado, tende-se a evitar o anterior.

⁵Lewis está parafraseando Filipenses 2:12,13 e aplicando a duas posições teológicas antagônicas.

⁶O pelagianismo, que deriva seu nome de Pelágio (c. 350–c. 423), monge ascético britânico, afirma que os homens podem viver sem pecado, esforçando-se para isso, alcançando, desse modo a salvação. Sua famosa frase: “Se eu devo, eu posso”, sintetiza seu ensino. Aurélio Agostinho (354–430), cujos escritos Pelágio combateu, ensinava, entre outras coisas, que, se Deus não tomasse a iniciativa de salvar o homem, este jamais se poderia salvar.

⁷*Hamlet*, III.3. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: shakespearebrasileiro.org/pecas/hamlet/ (p. 580). Acesso em: 6 nov. 2018.

Carta X

Entendo o que você quer dizer. Mas você deve admitir que a Escritura não faz o menor esforço para preservar a doutrina da Divina Impassibilidade. Somos ali constantemente apresentados como quem provoca a ira ou a piedade Divinas — até mesmo como quem “entristece” a Deus. Sei que essa linguagem é analógica. Mas, ao dizermos isso, não devemos introduzir clandestinamente a ideia de que podemos jogar fora a analogia e, por assim dizer, tirar de trás dela uma verdade puramente literal. Tudo o que podemos de fato colocar no lugar da expressão analógica é alguma abstração teológica. E o valor da abstração é quase totalmente negativo. Isso nos adverte contra as consequências absurdas da expressão analógica que resultam de extrapolações prosaicas. Por si só, a abstração “impassível” pode nos levar a lugar nenhum. Pode até sugerir algo muito mais enganador do que a mais ingênua descrição encontrada no Antigo Testamento de um Jeová emocionalmente temperamental. Ou algo inerte, ou algo que fosse “Ato Puro”,¹ de tal maneira que não pudesse levar em consideração eventos dentro do universo que havia criado.

Sugiro duas regras para os exegetas. (1) Nunca tomem as imagens literalmente. (2) Quando o *significado* das imagens — o que elas dizem ao medo, à esperança, à vontade e às afeições que temos — parece entrar em conflito com as abstrações teológicas, confie sempre no significado das imagens. Pois nosso pensamento abstrato é um tecido de analogias: uma modelagem contínua da realidade espiritual em termos legais ou químicos ou mecânicos. É possível que eles sejam mais adequados do que as imagens sensuais, orgânicas e pessoais da Escritura — luz e trevas, rio e poço, semente e colheita, mestre e servo, galinha e pintinhos, pai e filho? As pegadas do Divino são mais visíveis naquele solo rico do que em rochas ou em montes de escória. Portanto, o que eles chamam agora de “demitologizar”,² o cristianismo pode facilmente “remitologizá-lo” — e substituir uma mitologia mais rica por outra mais pobre.

Concordo que minha expressão deliberadamente vaga sobre nossas orações serem “levadas em conta” é um recuo com relação ao magnífico

ditado de Pascal (“Deus instituiu a oração para conferir a Suas criaturas a dignidade de serem causas”).³ Mas Pascal realmente sugere uma relação muito explícita de agente e paciente, com Deus como o paciente. E tenho outro motivo para preferir minha própria fórmula mais modesta. Pensar em nossas orações como apenas “causas” sugeriria que toda a importância da oração peticionária reside na obtenção da coisa pedida. Mas, realmente, para nossa vida espiritual como um todo, o “ser levado em conta”, ou “considerado”, importa mais do que o ser atendido. As pessoas religiosas não falam sobre os “resultados” da oração; elas falam de serem “respondidas” ou “ouvidas”. Alguém disse: “Quem pede em casamento quer que seu pedido seja ouvido e aceito”. Nos pedidos a Deus, se eles forem realmente atos religiosos e não apenas tentativas de magia, isso é ainda mais verdadeiro. Podemos suportar serem recusados, mas não serem ignorados. Em outras palavras, nossa fé pode sobreviver a muitas recusas, se forem de fato recusas e não meras desconsiderações. O que parece ser pedra será pão para nós se crermos que a mão do Pai a colocou na nossa, por misericórdia ou por justiça ou mesmo por repreensão. É duro e amargo, mas pode ser mastigado e engolido. Mas se, tendo orado pelo desejo de nosso coração e o tendo alcançado, nós então somos convencidos de que isso foi um mero acidente — que os planos providenciais, que tinham apenas um final bem diferente, não poderiam deixar de nos dar essa satisfação como um subproduto —, então, o que parecia pão se tornaria uma pedra. Uma linda pedra, talvez, ou até mesmo uma pedra preciosa. Mas não algo que a alma pudesse comer.

O que devemos combater é a máxima de Pope:

*A primeira Causa Todo-poderosa
atua, não por leis parciais, mas por leis gerais.*⁴

O estranho é que Pope pensou, e todos os que concordam com ele pensam, que essa teologia filosófica é um avanço com respeito à religião da criança e do selvagem (e do Novo Testamento). Parece-lhes menos ingênua e antropomórfica. A diferença real, no entanto, é que nela o antropomorfismo é mais sutilmente escondido e de um tipo muito mais desastroso.

Pois a implicação é que existe, no nível Divino, uma distinção com a qual estamos muito familiarizados: entre o plano (ou o plano principal) e seus subprodutos não intencionais, mas inevitáveis. O que quer que façamos,

mesmo que atinja o objetivo, também espalhará ao redor um borriço de consequências que não eram seu objetivo. E isso ocorre mesmo na vida privada. Joguei fora migalhas para os pássaros e provi, incidentalmente, um café da manhã para os ratos. Isso acontece muito mais ainda no que pode ser chamado de vida gerencial. O corpo administrativo do colégio altera a hora do jantar no salão; nosso objetivo é deixar os empregados irem para casa mais cedo. Mas, ao fazer isso, alteramos o padrão diário de vida de todos os alunos da graduação. Para alguns, o novo arranjo será conveniente; para os outros, o contrário. Mas nós não tínhamos nenhum apreço especial pelo primeiro grupo e nenhum despeito pelo segundo. Nosso arranjo arrasta após si essas consequências imprevisíveis e indesejadas. Não temos como evitá-las.

Na opinião de Pope, Deus tem de atuar da mesma maneira. Ele tem seu grande planejamento para a soma das coisas. Nada que possamos dizer mudará isso. Isso lhe deixa pouca liberdade (ou nenhuma?) para atender, ou mesmo para deliberadamente recusar, as nossas orações. O grande planejamento produz bênçãos e maldições inumeráveis para os indivíduos. Deus não pode fazer nada. Elas são todas subprodutos.

Sugiro que a distinção entre plano e subproduto deve se desvanecer inteiramente no nível da onisciência, da onipotência e da bondade perfeitas. Creio nisso porque, mesmo no nível humano, ela diminui quanto mais alto você sobe. Quanto mais bem feito for o plano humano, menos subprodutos não considerados haverá e mais pássaros serão mortos com uma só pedra, os mais diversificados interesses e necessidades serão atendidos; isso será o mais próximo — nunca poderá chegar muito perto — de ser um plano para cada indivíduo. Leis ruins criam casos difíceis. Mas vamos além do totalmente gerencial. Um homem genial compondo um poema ou uma sinfonia deve, com certeza, ser menos diferente de Deus do que um governante? Mas o homem genial não produz meros subprodutos em seu trabalho. Cada nota ou palavra será mais que um meio, mais que uma consequência. Nada estará presente *apenas* por causa de outras coisas. Se cada nota ou palavra fosse consciente, diria: “O criador tinha-me em vista e escolheu para mim, com todo o vigor de seu gênio, exatamente o contexto que eu exigia”. E estaria certa — desde que se lembrasse de que todas as outras notas ou palavras poderiam dizer a mesma coisa.

Como o verdadeiro Criador poderia agir segundo “leis gerais”? “Generalizar é ser um idiota”, disse Blake.⁵ Talvez ele tenha ido longe demais. Mas generalizar é ter uma mente finita. Generalidades são as lentes com as quais nosso intelecto tem de lidar. Como Deus poderá manchar a lucidez infinita dessa⁶ visão com tais expedientes? Pode-se pensar também que Ele tem de consultar livros de referência, ou que, se em algum momento me considerasse individualmente, começaria dizendo: “Gabriel, traga-me o arquivo do sr. Lewis”.

O Deus do Novo Testamento, que tem em consideração a morte de cada pardal, não é mais, mas muito menos, antropomórfico do que o de Pope.

Não vou crer no Deus Gerencial e em suas leis gerais. Se existe, de fato, Providência, tudo é providencial e toda providência é uma providência especial. É um dito antigo e piedoso que Cristo morreu não apenas pelo Homem, mas em prol de cada homem, como se cada um fosse o único homem que havia. Não posso crer de igual modo quanto a esse ato criativo — ao qual, conforme se espalha ao longo do tempo, chamamos de destino ou história? Isso é para o bem de cada alma humana. Cada uma é um fim. Talvez para cada animal. Talvez até mesmo para cada partícula de matéria — o céu noturno sugere que o inanimado também tem, para Deus, certo valor que não podemos imaginar. Seus caminhos não são (ao menos, não nesse caso) como os nossos.

Se você perguntar por que creio em tudo isso, só posso responder que somos ensinados, tanto por preceito como por exemplo, a orar, e que a oração seria sem sentido no tipo de universo representado por Pope. Um dos propósitos para os quais Deus instituiu a oração pode ter sido testemunhar que o curso dos acontecimentos não é governado como um estado, mas criado como uma obra de arte com a qual cada ser traz sua contribuição e (em oração) uma contribuição consciente, e em que todo ser é tanto um fim quanto um meio. E, como eu considero momentaneamente a oração como um meio, permita-me acrescentar que ela é também um fim. O mundo foi feito em parte para que houvesse oração; em parte, para que nossas orações por George fossem respondidas. Mas vamos concluir com os “em parte”. A grande obra de arte foi criada em prol de tudo o que ela faz e é, até a curva de cada onda e o voo de cada inseto.

1*Actus purus* foi um termo teológico em latim, cunhado pelo filósofo grego Aristóteles e usado na Idade Média para indicar que, em Deus, não há distinção entre poder fazer e fazer. É uma de suas perfeições.

2Nas palavras de seu principal proponente, Rudolf Bultmann, teólogo alemão: “Sob *demitologização* entendo um *procedimento hermenêutico* que interroga enunciados ou textos mitológicos quanto a seu teor de realidade. Ao fazer isso se pressupõe que o mito fala de uma realidade, porém de uma maneira não adequada”, (*Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997. Tradução de Walter Altmann e Luís Marcos Sander, p. 95).

3*Pensamentos*, 513.

4Alexander Pope (1688–1744), um dos mais importantes poetas e satiristas ingleses. A citação é de sua obra *Essay on Man* [Ensaio sobre o Homem], I.5, 145-146, em que trata da possibilidade de conciliar a existência dos males no mundo com a fé em um Criador misericordioso e justo.

5William Blake (1757–1827), poeta e pintor inglês.

6Alguns estudiosos da obra de Lewis indicam que pode ter havido aqui um erro de impressão, registrando *this* (dessa) em lugar de *His* (Sua).

Carta XI

Vejo que você não vai me deixar largar o assunto. E, quanto mais eu olho para ele, menos vou gostar dele. Devo encarar — ou, então, declinar explicitamente — às dificuldades que realmente nos atormentam quando clamamos de modo sério por misericórdia. Não encontrei nenhum livro que me ajudasse com todas elas. Tenho tão pouca confiança em meu próprio poder para lidar com elas que, se fosse possível, deixaria as coisas, como cães dormindo, como estão. Mas elas não estão dormindo. Elas estão acordadas e fazendo barulho. Nós dois carregamos as marcas de seus dentes. Sendo assim, é melhor compartilharmos nossas perplexidades. Se as escondemos um do outro, não devemos escondê-las de nós mesmos.

O Novo Testamento contém promessas constrangedoras de que receberemos o que pedirmos em oração com fé. Marcos 11:24 é a mais surpreendente. Tudo pelo que pedimos, crendo que vamos receber, vamos receber. Não há motivo, parece, para confinar isso a dons espirituais; *tudo* pelo que pedimos. Não se trata de uma fé meramente geral em Deus, mas de uma crença de que você terá a coisa específica pela qual pede. Não se trata de conseguir isso ou algo que seja realmente muito melhor para você; você terá exatamente o que pediu. E, para acrescentar paradoxo a paradoxo, o grego nem mesmo diz “crendo que você *irá* receber”. Ele usa o aoristo, ἐλάβετε, que se pode traduzir por “crendo que *já o recebeu*”. Mas essa última dificuldade eu vou ignorar. Não suponho que o aramaico tenha algo que nós — educados na gramática latina — reconheçamos, de algum modo, como tempos verbais.

Como é que essa promessa surpreendente se concilia (a) com os fatos observados e (b) com a oração no Getsêmani, e (como resultado dessa oração) com a visão universalmente aceita de que devemos pedir tudo com uma ressalva (“se for da Tua vontade”)?

No que diz respeito à alínea (a), não é possível fugir. Toda guerra, toda fome ou peste, quase todo leito de morte, é o monumento a uma petição que não foi atendida. Nesse exato momento, milhares de pessoas nesta ilha estão enfrentando, como um *fait accompli*,¹ a mesma coisa contra a qual têm

orado dia e noite, derramando toda a sua alma em oração, e, como acreditavam, com fé. Elas buscaram e não encontraram. Elas bateram e não lhes foi aberto. “O que eu temia veio sobre mim”.²

Mas (b), embora mencionado com muito menos frequência, é certamente também uma dificuldade. Como é possível, ao mesmo tempo, ter uma fé perfeita — uma fé despreocupada ou sem hesitação, como diz o apóstolo Tiago (1:6) — de que você obterá o que pede e, ainda assim, preparar-se antecipadamente, de modo submisso, para uma possível recusa? Se você prevê ser possível uma recusa, como pode ter, simultaneamente, uma perfeita confiança de que aquilo pelo que pede não será recusado? Se você tem essa confiança, como pode considerar a possibilidade de recusa?

É fácil ver por que muito mais é escrito sobre adoração e contemplação do que sobre orações petitorias “grosseiras” ou “ingênuas”. As primeiras podem ser — penso que são — formas mais nobres de oração. Mas são também um assunto muito mais fácil sobre o qual escrever.

No que diz respeito à primeira dificuldade, não estou perguntando por que nossas petições são com tanta frequência recusadas. Qualquer um pode ver, de modo geral, que isso deve ser assim. Em nossa ignorância, pedimos o que não é bom para nós ou para os outros, ou mesmo o que não é intrinsecamente possível. Ou, ainda, atender à oração de um homem envolve recusar a de outro. Há muito aqui que é difícil para nossa vontade aceitar, mas nada que seja difícil para nosso intelecto compreender. O problema real é diferente: não é a razão pela qual a recusa é tão frequente, mas qual a razão para que o resultado oposto seja tão prodigamente prometido.

Devemos, então, prosseguir com os princípios de Vidler e rejeitar as promessas constrangedoras como “arcaísmos veneráveis” que precisam ser “superados”?³ Certamente, mesmo que não houvesse outra objeção, esse método é muito fácil. Se formos livres para apagar todos os dados inconvenientes, certamente não teremos dificuldades teológicas; mas, pela mesma razão, não teríamos soluções nem progresso. Os próprios escritores de histórias de detetive, para não mencionar os cientistas, sabem muito bem disso. O fato problemático, o aparente absurdo que não pode ser encaixado em qualquer síntese que tenhamos feito, é precisamente aquele que não podemos ignorar. Aposto dez para um que é nesse esconderijo que a raposa

está escondida. Sempre há esperança se mantivermos um problema não resolvido em mente; não há nenhuma se fingirmos que ele não existe.

Antes de prosseguir, quero mencionar dois pontos puramente práticos:

1. Essas generosas promessas são o pior lugar possível pelo qual começar a instrução cristã ao lidar com uma criança ou um pagão. Você se lembra do que aconteceu quando a Viúva provocou Huck Finn com a ideia de que ele poderia conseguir o que quisesse se orasse por isso.⁴ Ele fez a experiência e depois, naturalmente, nunca deu ao cristianismo uma segunda chance. É melhor não chamarmos o entendimento sobre oração manifestado em Marcos 11:24 como “ingênuo” ou “elementar”. Se essa passagem contém uma verdade, é, com certeza, uma verdade para os discípulos muito avançados. Acho que ela não “se aplica a nossa condição”⁵ (sua e minha). É uma pedra de arremate, não de fundação. Para a maioria de nós, a oração no Getsêmani é o único modelo. A de mover montanhas pode esperar.
2. Não devemos encorajar em nós mesmos ou nos outros qualquer tendência a desenvolver um estado subjetivo que, se tivermos sucesso, poderemos descrever como “fé”, com a ideia de que isso, de alguma forma, garantirá a resposta a nossa oração. Nós provavelmente já fizemos isso quando éramos crianças. Mas o estado de espírito que o desejo desesperado, agindo com uma imaginação forte, pode fabricar não é fé no sentido cristão. É uma façanha da ginástica psicológica.

Parece-me que devemos concluir que essas promessas com respeito à oração com fé se referem a um grau ou tipo de fé que a maioria dos cristãos nunca experimenta. Um grau muito inferior é, espero, aceitável a Deus. Mesmo o tipo de oração que diz “Ajuda a vencer a minha incredulidade!”⁶ pode abrir caminho para um milagre. Novamente, a ausência dessa fé que garante à oração ser ouvida não é necessariamente um pecado; pois Nosso Senhor não tinha tal garantia quando orou no Getsêmani.

Como ou por que essa fé ocorre às vezes, mas nem sempre, mesmo no peticionário perfeito? Nós, ou eu, só podemos supor. Minha própria ideia é que isso ocorre somente quando aquele que ora o faz como cooperador de Deus, pedindo o que é necessário para o trabalho conjunto. É a oração do

profeta, do apóstolo, do missionário, do que cura, que é feita com essa confiança e tem a confiança justificada pela resposta. A diferença, foi-nos dito, entre um servo e um amigo é que um servo não conhece os segredos de seu mestre.⁷ Para ele, “ordens são ordens”. Ele tem apenas as próprias suspeitas sobre os planos que ajuda a executar. Mas o cooperador, o companheiro ou (ousamos dizer?) o colega de Deus está tão unido a Ele em certos momentos que algo da presciência divina entra-lhe na mente. Então, a fé dele é a “prova” — isto é, a evidência, a obviedade — “das coisas que não vemos”.⁸

Como o amigo está acima do servo, o servo está acima do que pede, do homem que ora a favor de si mesmo. Não é pecado ser alguém que pede. Nosso Senhor desceu à humilhação de ser alguém que pede, de orar a favor de Si mesmo, no Getsêmani. Mas, quando Ele fez isso, a certeza sobre a vontade de Seu Pai foi aparentemente afastada.

Além do mais, não seria uma fé verdadeira — seria indolente presunção — para nós, que somos habitualmente os que pedem e nem sempre chegamos ao nível de servos, imaginar que teremos qualquer garantia que não seja ilusória — ou só acidentalmente correta — sobre a resposta a nossas orações. Nossa luta é (não é?) por alcançar e reter a fé em um nível inferior. Crer que, quer Ele as atenda ou não, Deus escutará nossas orações, que as levará em consideração. Mesmo para continuar crendo que há Um que ouve. Pois, à medida que a situação se torna mais e mais desesperadora, os terríveis temores nos invadem. Estamos falando apenas para nós mesmos em um universo vazio? O silêncio é frequentemente tão enfático. E já oramos tanto.

O que você acha dessas coisas? Apresentei apenas suposições.

¹Francês: “fato consumado, irreversível, inalterável”.

²Jó 3:25a.

³Citação de *Sondagens*. Ver Carta VI, nota 2.

⁴Citação que Lewis faz de memória de *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain (1835–1910), pois a autora da frase não é a viúva Douglas, mas a irmã dela, Miss Watson (Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d. Cap. III, p. 21).

⁵Essa expressão, que Lewis usará novamente na carta seguinte e na XVI, parece ser uma citação do *Diário*, de George Fox (1624–1691), pregador e missionário inglês, fundador da Sociedade Religiosa de Amigos, cujos membros são também conhecidos por quacres.

⁶Marcos 9:24.

[7](#)João 15:14,15.

[8](#)Hebreus 11:1.

Carta XII

Minha experiência é igual à sua. Nunca encontrei um livro sobre oração que fosse realmente útil para pessoas como nós. Há muitos pequenos livros *de* orações, que podem ser úteis para aqueles que partilham do ponto de vista de Rose Macaulay,¹¹⁵ mas você e eu não saberíamos o que fazer com eles. Não são palavras que nos faltam! E há livros *sobre* oração, mas quase todos têm um pano de fundo fortemente conventual. Mesmo a *Imitação*¹¹⁶ é, algumas vezes, a um ponto quase cômico, “não se aplica a minha condição”.¹¹⁷ O autor presume que você desejaria estar tagarelando na cozinha quando deveria estar em seu claustro. Nossa tentação é estarmos envolvidos com nossos estudos quando deveríamos estar tagarelando na cozinha. (Se nossos estudos fossem tão frios quanto esses claustros, talvez isso fosse diferente.)

Você e eu somos pessoas vindas dos contrafortes. Nos dias felizes, quando eu era ainda andarilho, adorava as colinas e até os passeios na montanha, mas não era alpinista. Eu não tinha a cabeça de um. Até agora, não tentei os precipícios do misticismo. Por outro lado, existe, aparentemente, um nível de vida de oração mais baixo que o nosso. Não quero dizer que as pessoas que o ocupam sejam espiritualmente inferiores a nós. Elas podem até nos superar. Mas a oração delas é de um tipo espantosamente subdesenvolvido.

Só aprendi sobre isso há pouco — com nosso Vigário. Ele me garante que, até onde pôde descobrir, a esmagadora maioria de seus paroquianos entende “fazer suas orações” como repetir qualquer pequena fórmula que lhes tenha sido ensinada na infância pela mãe. Eu me pergunto como isso veio a acontecer. Não pode ser resultado de eles nunca terem se arrependido ou sido agradecidos — eles são pessoas queridas, muitos deles — ou de não terem necessidades. Será que existe uma espécie de divisória impermeável entre a “religião” e a “vida real” deles, situação em que a parte da vida que eles chamam de “religiosa” é, na realidade, a parte não religiosa?

Mas, por mais que se precise de um bom livro sobre oração, nunca tentarei escrever um. Duas pessoas dos contrafortes comparando notas em privado já está muito bom. Porém, em um livro, inevitavelmente, parecerão

estar buscando, não discussão, mas instrução. E, para mim, oferecer ao mundo instruções sobre a oração seria imprudência.

Com relação ao nível superior — os penhascos em que os místicos desaparecem de minha vista —, as geleiras e as *aiguilles*,¹¹⁸ tenho apenas duas coisas a dizer. Uma é que não acho que todos somos chamados a essa ascensão. “Se fosse assim, Ele nos teria dito”.¹¹⁹

A segunda é esta. A seguinte posição está ganhando terreno e é extremamente plausível. Místicos (diz-se), a partir das mais diversas premissas religiosas, encontram todos as mesmas coisas. Essas coisas têm singularmente pouco a ver com as doutrinas professadas por qualquer religião em particular — cristianismo, hinduísmo, budismo, neoplatonismo etc. Portanto, o misticismo é, por evidência empírica, o único contato real que o Homem já teve com o invisível. O consenso entre os exploradores prova que todos eles estão em contato com algo objetivo. Ele é, portanto, a única religião verdadeira. E o que chamamos de “religiões” são ou meras ilusões ou, na melhor das hipóteses, muitos pórticos através dos quais a entrada na realidade transcendente pode ser efetuada.

*E, após comer o miolo,
Quem não joga fora a casca?*¹²⁰

Tenho dúvidas sobre as premissas. Será que Plotino, Lady Juliana e São João da Cruz¹²¹ realmente encontraram “as mesmas coisas”? Mas, mesmo admitindo alguma semelhança. Uma coisa comum a todos os misticismos é a fragmentação temporária de nossa consciência espacial e temporal comum e de nosso intelecto discursivo. O valor dessa experiência negativa deve depender da natureza da positiva, seja ela qual for, para a qual ela abre espaço. Mas não deveríamos esperar que a experiência negativa sempre *sentisse* isso também? Se os copos de vinho fossem conscientes, suponho que *serem esvaziados* seria uma experiência igual para cada um deles, mesmo que alguns permanecessem vazios e outros fossem cheios de vinho e outros, quebrados. Todos os que deixam a terra firme e vão para o mar “encontrarão as mesmas coisas”: a terra sumindo abaixo da linha do horizonte, as gaivotas ficando para trás, a brisa salgada. Turistas, mercadores, marinheiros, piratas, missionários — todos são iguais. Mas essa experiência idêntica não

estabelece nenhuma comprovação sobre a utilidade ou a legalidade ou o evento final da viagem deles.

*Pode ser que os golfos os arrastem para baixo,
Pode ser que eles toquem as Ilhas Felizes.*¹²²

Não considero a experiência mística como uma ilusão. Penso que ela mostra que há um caminho a sair, antes da morte, daquilo que pode ser chamado de “este mundo” — sair de cena. Sair disso; mas para onde? É como perguntar a um inglês: “Para onde leva o mar?” Ele responderá: “Para todos os lugares da Terra, incluindo a sepultura de marinheiros,¹²³ exceto para a Inglaterra”. A legalidade, a segurança e a utilidade da viagem mística não dependem, em absoluto, de ela ser mística — isto é, de ser uma partida —, mas dos motivos, da habilidade e da constância do viajante e da graça de Deus. A verdadeira religião dá valor a seu próprio misticismo; o misticismo não valida a religião em que ocorre.

Eu não ficaria perturbado se fosse demonstrado que um misticismo diabólico, ou drogas, produz experiências indistinguíveis (por introspecção) daquelas que os grandes místicos cristãos tiveram. As partidas são todas iguais; é a terra a que chegam que coroa a viagem. O santo, por ser santo, prova que seu misticismo (se ele for um místico; nem todos os santos o são) o conduziu corretamente; o fato de ter praticado misticismo nunca poderia provar sua santidade.

Você pode se perguntar se meu intenso desejo de espiar os bastidores não me levou a tentar o caminho místico. Mas não seria esse o pior de todos os motivos possíveis? O santo pode ganhar “um vislumbre mortal da rosa imortal da morte”,¹²⁴ mas isso é um subproduto. Ele embarcou no navio simplesmente por amor humilde e altruísta.

Pode haver um desejo (como o meu) sem nenhum elemento carnal, que seja, apesar disso, no sentido dado por Paulo, “carne” e não “espírito”. Ou seja, pode haver um desejo meramente impulsivo, obstinado e ganancioso, mesmo por coisas espirituais. É, tal qual nossos outros apetites, “alimento para a cruz”. No entanto, sendo crucificado, pode ser ressuscitado dos mortos e fazer parte de nossa bem-aventurança.

Voltando agora para um tópico completamente diferente em sua carta. Eu também havia notado que nossas orações a favor dos outros fluem mais

facilmente do que as que fazemos com respeito a nós mesmos. E de bom grado aceito sua opinião de que isso mostra que somos feitos para viver pela compaixão. Receio, no entanto, detectar duas razões muito menos atraentes para a naturalidade de minhas próprias orações de intercessão. Uma é que, muitas vezes, creio eu, oro pelos outros quando deveria estar fazendo coisas por eles. É muito mais fácil orar por um chato do que visitá-lo. E a outra é mais ou menos assim: suponha que eu ore para que você receba graça a fim de resistir a seu insistente pecado (uma pequena lista de candidatos para essa postagem será encaminhada caso solicitada). Bem, todo o trabalho tem de ser feito por Deus e por você. Se eu oro contra meu próprio insistente pecado, haverá trabalho para mim. Às vezes, alguém evita admitir que um ato é pecado por essa mesma razão.

A crescente lista de pessoas por quem se deve orar é, no entanto, um dos fardos da velhice. Tenho um escrúpulo em cortar alguém da lista. Quando digo um escrúpulo, quero dizer precisamente um escrúpulo. Realmente não penso que, se eu orar por um homem, é um dever orar por ele toda a minha vida. Mas, quando se trata de deixar de orar *agora*, neste dia em particular, de alguma forma isso é um contragosto. E, à medida que a lista aumenta, é difícil torná-la mais do que uma mera sequência de nomes. Mas aqui, em certa medida, uma lei curiosa entra em jogo. Você não acha que, se você mantiver a mente fixada em Deus, você automaticamente pensará na pessoa pela qual está orando, mas que não há tendência de que o contrário disso ocorra?

[115](#)Ver Carta II, nota 2.

[116](#)Ver Carta II, nota 1. Lewis, aqui, parece estar-se referindo ao Livro I.20.

[117](#)Ver Carta XI, nota 5.

[118](#)Francês: “agulhas”. Figurativamente: pontas, cumes.

[119](#)Paráfrase de João 14.2.

[120](#)Do poema “Community” [Comunidade], de John Donne, poeta metafísico e pregador inglês.

[121](#)Plotino (c. 205–c. 270), filósofo grego, é considerado o fundador no neoplatonismo. Defendia que o Uno, identificado com o Deus cristão, é o supremo Bem que criou a si mesmo. Lady Juliana de Norwich (1342–1421) é uma mística inglesa, autora de *Revelações do amor divino*, em que trata das alegadas visões que teve de Cristo durante uma severa doença. Quanto a João, ver Carta VIII, nota 7.

[122](#)Do poema “Ulysses”, de Alfred Tennyson (1809–1892), poeta inglês.

[123](#)No original, *Davy Jones’s Locker*, metáfora para fundo, profundidade do mar.

[124](#)Do poema “The Imagination’s Pride” [O orgulho da imaginação], de Walter John de la Mare (1873–1956), poeta, contista e romancista inglês.

Carta XIII

Acabei de encontrar, em um antigo caderno, um poema, sem nome do autor,¹ e ele é bastante relevante para algo sobre o qual falávamos há algumas semanas. Refiro-me ao medo frequente de não haver ninguém ouvindo, e de que o que chamamos de oração possa ser um solilóquio: alguém falando sozinho. O escritor pega o touro pelos chifres e diz mesmo: “Muito bem, suponha que seja isso”, e obtém um resultado surpreendente. Aqui está o poema:

*Eles me dizem, Senhor, que quando pareço
estar ali falando contigo,
como uma voz só se ouve, é tudo um sonho de que padeço,
um locutor imitando dois falantes: eu consigo.
Às vezes é mesmo isso, embora não como eles falam.
Pelo contrário, eu procuro em mim
as coisas que eu esperava dizer, e se calam,
pois eis que meus poços estão secos, até o fim!
Então, vendo-me vazio, tu abandonas
o papel do ouvinte atento
e a meus lábios mudos adicionas
os mais desconhecidos pensamentos.
E assim tu, de responder-me, não tens necessidade
porque, embora sejam ali encontrados
dois falantes, tu és o Único para sempre, e — eis a verdade —,
e eu, não um sonhador, mas teu sonho amado.*

Sonho amado faz com que o poema soe como panteísmo e talvez tenha sido levado a isso pela rima. Mas o autor não está certo ao pensar que a oração em seu estado mais perfeito é um solilóquio? Se o Espírito Santo fala no homem, então, em oração, Deus fala a Deus. Mas o peticionário humano não se torna, portanto, um “sonho”. Como você disse outro dia, Deus e o homem não podem excluir um ao outro, como o homem exclui o homem, no ponto de conexão (vamos chamar assim) entre o Criador e a criatura; o ponto onde o mistério da criação — atemporal para Deus e incessante no tempo para nós — está realmente acontecendo. “Deus fez (ou disse) isso” e “eu fiz (ou disse) isso” podem ser ambos verdadeiros.

Você se lembra das duas máximas que Owen [Barfield] estabelece em *Saving the Appearances*² [Salvando as aparências]? Por um lado, o homem que não considera Deus como diferente de si mesmo não pode ser considerado como tendo uma religião. Por outro lado, se penso que Deus é diferente de mim mesmo do mesmo modo que meus semelhantes e objetos em geral o são, estou começando a torná-Lo um ídolo. Estou ousando tratar Sua existência como algo *paralelo* à minha. Mas Ele é a base de nossa existência. Ele está sempre dentro de nós e contra nós. Nossa realidade é muito de Sua realidade à medida que Ele, momento a momento, projeta-se em nós. Quanto mais profundo o nível dentro de nós do qual nossa oração, ou qualquer outro ato, brota, mais é Dele, mas não é menos nossa. Em vez disso, é mais nossa quando é mais Dele. Arnold diz que estamos como que “ilhados” uns dos outros no “mar da vida”.³ Mas não podemos estar similarmente “ilhados” de Deus. Estar numa posição de descontinuidade com respeito a Deus, como estou de você, seria aniquilação.

Uma pergunta surge imediatamente. Ainda é Deus falando quando um mentiroso ou um blasfemo fala? Em certo sentido, quase Sim. À parte de Deus, esse homem não poderia falar nada; não há palavras que não sejam derivadas da Palavra; nenhum ato que não seja derivado daquele que é *Actus purus*.⁴ E, de fato, a única maneira pela qual posso tornar real para mim mesmo o que a teologia ensina sobre a hediondez do pecado é lembrar que todo pecado é a distorção de uma energia soprada em nós — uma energia que, se não tivesse sido distorcida, teria florescido em um desses atos santos pelos quais “Deus fez” e “eu fiz” são ambas descrições verdadeiras. Envenenamos o vinho quando Ele o verte em nós; assassinamos uma melodia que Ele poderia tocar usando-nos como instrumento. Caricaturamos o autorretrato que Ele pintaria. Portanto, todo pecado, seja qual for, é um sacrilégio.

Devemos, sem dúvida, distinguir essa continuidade ontológica entre Criador e criatura que é, por assim dizer, “dada” pela relação entre eles, da união de vontades que, sob a Graça, é alcançada por uma vida de santidade. A continuidade ontológica é, eu entendo, imutável, e existe entre Deus e um réprobo (ou um demônio) não menos do que existe entre Deus e um santo. “Ou para onde me afastarei da tua presença? [...] Se fizer nas profundezas o meu leito, eis que lá estás também.”⁵

Onde há algum tipo de oração, podemos supor que há algum esforço, por mais fraco que seja, em relação à segunda condição: a união de vontades. O que Deus trabalha para fazer ou para dizer por meio do homem volta para Deus com uma distorção que, seja como for, não é total.

Você se opõe à aparente “tortuosidade” — que poderia facilmente se tornar cômica — do quadro todo? Por que Deus deveria falar a Si mesmo por meio do homem? Eu pergunto, em resposta, por que Ele deveria fazer qualquer coisa por meio de Suas criaturas? Por que Ele deveria alcançar, pelos mais longos caminhos tortuosos mediante os labores de anjos, homens (sempre imperfeitamente obedientes e eficientes), e a atividade de seres irracionais e inanimados que, afinal, presumivelmente, o mero *fiat* ⁶ de onipotência alcançaria com perfeição instantânea?

A criação parece ser uma obra completa de delegação. Ele não fará simplesmente de Si mesmo nada que possa ser feito por criaturas. Suponho que seja assim por ser Ele um doador. E Ele não tem nada a dar além de Si mesmo. E dar a Si mesmo é realizar Seus feitos — em certo sentido, e em níveis variados, é ser Ele mesmo — por meio das coisas que Ele fez.

No panteísmo, Deus é tudo. Mas o ponto central da criação certamente é que Ele não estava satisfeito em ser tudo. Ele pretende ser “tudo *em todos*”.⁷

É preciso ter cuidado para não apresentar isso de uma maneira que ofusque a distinção entre a criação de um homem e a Encarnação de Deus. É possível, como mero exemplo, apresentá-la assim? Na criação, Deus faz — inventa — uma pessoa e a “publica” — injeta — no reino da Natureza. Na Encarnação, Deus, o Filho, toma o corpo e a alma humanos de Jesus e, por meio disso, toma todo o ambiente da Natureza, toda a situação da criatura, em Seu próprio ser. De modo que Ele “desceu dos céus”⁸ quase pode ser transposto para “o Céu trouxe a terra para si”, e localidade, limitação, sono, suor, pés doloridos, cansaço, frustração, dor, dúvida e morte são, antes de haver todos os mundos, conhecidos interiormente por Deus. A luz pura caminha na terra; as trevas, recebidas no coração da Deidade, foram ali engolidas. Onde, exceto na luz incriada, a escuridão pode ser afogada?

¹Em uma carta, escrita em abril de 1934 para Bede Griffiths, Lewis transcreve esse poema, com poucas alterações, e diz que o havia escrito um ano antes.

[2](#)A citação a seguir é do início do cap. XXIII deste livro, sobre Deus, natureza e a evolução da consciência, escrito por Owen Barfield (1898–1997), filósofo, autor, poeta e crítico, amigo íntimo de Lewis, colega do grupo The Inklings.

[3](#)Citação do poema “To Marguerite: Continued” [Para Margarida: Continuado], de Matthew Arnold (ver Carta VII, nota 7).

[4](#)Ver Carta X, nota 1.

[5](#)Salmos 139:7,8. Versão do Saltério ou Salmos de Davi usada no *LOC*, p. 514-515.

[6](#)Latim: “faça-se”. Expressão usada em Gênesis 1 na Vulgata Latina.

[7](#)1Coríntios 15:28.

[8](#)Cláusula do Credo Niceno.

Carta XIV

Não admitirei sem luta que, quando falo de Deus “publicando” ou “inventando” as criaturas, estou “diluindo o conceito de criação”. Estou tentando dar a ele, por analogias remotas, um pouco de conteúdo. Sei que criar é definido como “fazer do nada”, *ex nihilo*. Mas tomo isso como significando “*não* de qualquer material preexistente”. Não pode significar que Deus faz o que Deus não pensou, ou que Ele dá a Suas criaturas quaisquer poderes ou belezas que Ele mesmo não possua. Ora, pensamos que até mesmo o trabalho humano se torna mais próximo da criação quando um fabricante “tirou tudo da cabeça”.

Nem estou sugerindo uma teoria de “emanações”.¹ A diferença com respeito a uma “emanação” — literalmente um transbordamento, um gotejamento — é que essa sugere algo involuntário. Mas minhas palavras — *publicar* e *inventar* — servem para sugerir um ato.

Esse ato, como é para Deus, deve sempre permanecer totalmente inconcebível para o homem. Pois nós — mesmo nossos poetas e músicos e inventores — nunca, no sentido último, *criamos*. Nós só construímos. Nós sempre temos materiais com que construir. Tudo o que podemos saber sobre o ato de criação é derivado do que conseguimos coletar sobre a relação das criaturas com seu Criador.

Mesmo os pagãos sabiam que qualquer mendigo a sua porta poderia ser um deus disfarçado: e, sobre isso, a parábola das ovelhas e dos bodes² é o comentário de Nosso Senhor. O que você faz, ou não faz, ao mendigo, você faz, ou não faz, a Ele. Tomado no extremo panteísta, isso poderia significar que os homens são apenas manifestações de Deus — representações dramáticas, por assim dizer. Levado ao extremo legalista, isso poderia significar que Deus, por meio de uma espécie de ficção Legal, “considerará” a bondade que se fizer ao mendigo uma bondade feita a Ele mesmo. Ou ainda, como as próprias palavras de Nosso Senhor sugerem, visto que os mais inferiores dos homens são Seus “irmãos”, toda a ação ocorre, por assim dizer, “dentro da família”. E irmãos em que sentido? Biologicamente, por Jesus ser homem? Ontologicamente, porque a luz ilumina a todos eles? Ou

simplesmente “amados como irmãos”. (Isso pode não se referir apenas aos regenerados.) Eu perguntaria, em primeiro lugar, se qualquer uma dessas formulações é “correta” em um sentido que torna as outras simplesmente erradas? Parece-me improvável. Se eu vir com mais clareza falarei com mais segurança.

Enquanto isso, fico com o ponto de vista de Owen.³ Todas as criaturas, do anjo ao átomo, são diferentes de Deus; com uma alteridade para a qual não há paralelo: incomensurável. A própria palavra *ser* não pode ser aplicada a Ele e a elas exatamente no mesmo sentido. Além disso, nenhuma criatura é diferente Dele da mesma maneira em que é diferente de todas as demais. Ele está nelas como elas nunca poderão estar umas nas outras. Em cada uma delas, como o solo e a raiz e o que lhes dá sua contínua realidade. E também em boas criaturas racionais como luz; nas más, como fogo, inicialmente como o desassossego que arde de modo lento, e, depois, a angústia flamejante, de uma presença indesejada e à qual é em vão resistir.

Por isso, de cada criatura podemos dizer: “Esta também és Tu: nenhuma destas és Tu”.⁴

Uma fé simples lança-se a isso com facilidade surpreendente. Certa vez conversei com um pastor da Europa que havia visto Hitler e tinha, por todos os padrões humanos, boas razões para odiá-lo. “Como ele era?”, perguntei. “Como todos os homens”, respondeu ele; “isto é, como Cristo”.

As pessoas estão sempre lutando em, pelo menos, duas frentes. Quando alguém está entre os panteístas deve enfatizar a distinção, e a relativa independência, das criaturas. Entre os deístas⁵ — ou talvez em Woolwich,⁶ se os leigos ali realmente acham que Deus deve ser procurado no céu —, é preciso enfatizar a presença divina em meu vizinho, em meu cachorro, em meu pedaço de repolho.

É muito mais sábio, acredito, pensar nessa presença em objetos particulares do que apenas em termos de “onipresença”. Essa dá às pessoas muito ingênuas (Woolwich de novo, talvez?) a ideia de algo espacialmente estendido, como um gás. Ela também embaça as distinções, a verdade de que Deus está presente em cada coisa, mas não necessariamente do mesmo modo; não está no homem como no pão e no vinho consagrados, nem no homem mau como no bom, nem no animal como no homem, nem na árvore como no animal, nem na matéria inanimada como em uma árvore.

Penso que haja um paradoxo aqui. Quanto mais elevada a criatura, mais e também menos Deus está nela: mais presente pela graça, e menos presente (por uma espécie de abdicação) como mero poder. Pela graça, Ele dá às criaturas superiores o poder de querer Seu querer (“e manejar seus pequenos tridentes”);⁷ as inferiores simplesmente executam isso automaticamente.

É bom ter lugares, coisas e dias santos específicos, pois, sem esses pontos de convergência ou lembretes, a crença de que tudo é santo e “grande com Deus” logo minguará em mero sentimento. Mas se esses lugares, coisas e dias santos deixarem de nos lembrar, se eles obliterarem nossa consciência de que todo solo é santo e toda sarça (não poderíamos deixar de percebê-lo), uma Sarça Ardente,⁸ então, as relíquias começam a causar dano. Daí tanto a necessidade como o perene perigo da “religião”.

Boehme⁹ nos aconselha com frequência “a nos lançarmos para além de toda criatura”. Mas, para encontrarmos Deus, talvez nem sempre seja necessário deixar as criaturas para trás. Podemos ignorar a presença de Deus, mas não podemos fugir dela. O mundo está repleto com Ele. Ele anda por toda parte *incógnito*. E o *incógnito* nem sempre é difícil de penetrar. O verdadeiro trabalho é lembrar, prestar atenção. De fato, despertar. Mais ainda, manter-se desperto.

Por incrível que pareça, o que me corrobora nessa fé é o fato — infinitamente deplorável, por outro lado — de que a consciência dessa presença tantas vezes não foi bem-vinda. Eu O invoco em oração. Muitas vezes, Ele pode responder — penso que Ele responde —: “Mas você está Me evitando há horas”. Pois Ele vem, não apenas para erguer, mas para derrubar; para negar, repreender, interromper. A oração: “Dirige-nos, ó Senhor, em todas as nossas ações” é frequentemente respondida como se ali a palavra *dirigir* tivesse seu significado moderno.¹⁰ A presença que nós voluntariamente evitamos é, com muita frequência, e nós sabemos disso, Sua presença em ira.

E, desse mal, vem um bem. Se eu nunca fugi de Sua presença, deveria eu, então, suspeitar daqueles momentos em que eu parecia me deliciar como se fossem sonhos de desejos satisfeitos. Isso, a propósito, explica a fraqueza de todas aquelas versões diluídas de cristianismo que deixam de fora todos os elementos mais sombrios e tentam estabelecer uma religião de pura consolação. Nenhuma crença em sua forma diluída pode durar. Confusos e

apatetados como somos, ainda sabemos apenas indistintamente no coração que nada que seja, em todos os momentos e de todas as formas, agradável a nós pode ter uma realidade objetiva. É da própria natureza do que é real que ele deve ter cantos pontudos e bordas ásperas, que deve ser resistente, deve ser ele mesmo. O mobiliário dos sonhos é o único tipo em que você nunca dá uma topada com os dedos do pé ou bate o joelho. Você e eu conhecemos um casamento feliz. Mas quão diferente era a esposa de cada um de nós das amantes imaginárias de nossos sonhos adolescentes! Muito menos primorosamente adaptada a todos os nossos desejos — e, por essa exata razão (entre outras), tão incomparavelmente melhor.

O temor servil é, com certeza, a forma mais baixa de religião. Mas um deus tal que nunca haveria ocasião sequer para o medo servil, um deus *seguro*, um deus manso, logo se apresenta a qualquer mente sã como uma fantasia. Nunca encontrei pessoas que desacreditassem completamente no Inferno e que tivessem, ao mesmo tempo, uma crença viva e vivificante no Céu.

Há, eu sei, uma crença em ambos os casos, que não tem importância religiosa. Ela faz dessas coisas espirituais, ou de alguma paródia delas, objetos de medo e esperança puramente carnavais, prudentes, egoístas. Os níveis mais profundos, aquelas coisas que apenas o espírito imortal pode desejar ou temer, não são, de forma alguma, consideradas. Tal crença é, felizmente, muito frágil. Os antigos teólogos esgotaram sua eloquência para, especialmente, despertar esse medo; mas, como eles mesmos ingenuamente reclamam, o efeito não durou mais do que poucas horas após o sermão.

A alma que foi despertada, ou pungida, ou elevada pelo desejo de Deus, inevitavelmente (eu acho) irá ser despertada para o medo de perdê-Lo.

¹A doutrina das emanações, defendida por Plotino (ver Carta XII, nota 7), é característica do neoplatonismo. A emanação seria um processo pelo qual uma coisa é causada por outra, que a determina ou a contém como princípio. Plotino aplica isso à criação do mundo, como tendo ocorrido por meio de uma sequência de emanações de um princípio supremo, a quem ele chama de Uno.

²Mateus 25:32-46.

³Ver Carta XIII, nota 2.

⁴Citação de *He Came Down From Heaven* [Ele desceu do céu], cap. 2, e de *The Descent of the Dove: A short history of the Holy Spirit in the Church* [A descida da pomba: Uma breve história do Espírito Santo na igreja], p. 57, de Charles Walter Stansby Williams (ver Carta V, nota 13).

[5](#)O deísmo é uma posição filosófica naturalista que crê em um ser supremo que permanece incognoscível e intocável. Deus é considerado apenas como a “causa primeira” de todas as coisas, um criador não intervencionista, que deixa a criação seguir adiante de acordo com as leis naturais.

[6](#)A diocese do bispo Robinson, referido na Carta III, nota 3.

[7](#)Do poema *A Masque Presented at Ludlow Castle, 1634* [Uma mascarada apresentada no Castelo Ludlow, 1634], também chamado de *Comus*, de John Milton (ver Carta V, nota 4), em que ele defende a virtude da temperança e da castidade.

[8](#)Êxodo 3:2.

[9](#)A leitura de *The Signature of All Things* [A assinatura de todas as coisas], de Jakob Böhme, ou Jacob Boehme (1575–1624), filósofo e místico luterano alemão, foi, segundo estudiosos de Lewis, importante para ele, pelo menos até por volta de 1930. Posteriormente, Lewis quase não cita o autor em sua obra.

[10](#)Quarta Coleta entre as que podem ser “usadas depois das Coletas da Oração Matutina ou Vespertina, ou da Comunhão, à discrição do Ministro” (*LOC*, p. 49). A observação de Lewis só faz sentido com respeito ao *Book of Common Prayer*. Ali, tem-se: “*Prevent us, O Lord, in all our doings*”. Significados antigos de *prevent* incluem “antecipar, guiar, mostrar o caminho, preceder”, como na versão em português; mais modernamente, significa “evitar, impedir, prevenir”. É a essa ambiguidade de sentidos a que Lewis se refere.

Carta XV

Eu não havia percebido que, mesmo em silêncio, Betty foi o terceiro partícipe nesse diálogo. Eu deveria ter adivinhado. Não que o pior inimigo dela a tenha acusado de ser A Mulher Silenciosa¹ — lembre-se da noite em Mullingar² —, mas que seus silêncios durante uma prolongada discussão entre você e eu são geralmente de um caráter muito enfático, audível e até dialético. Sabemos que ela está preparando a vassoura e logo vai varrer todos os cacos que produzimos. Com respeito ao presente ponto, ela está certa. *Estou* complicando muito algo que a maioria dos cristãos considera uma questão muito simples. O que é mais natural, e mais fácil, se você crê em Deus, do que se dirigir a Ele? Como poderia alguém não fazê-lo?

Sim. Mas isso depende de quem é o alguém. Para os que estão em minha posição — adultos convertidos da *intelligentsia* —, tal simplicidade e espontaneidade nem sempre pode ser o ponto de partida. Não se pode simplesmente voltar para a infância. Se alguém tentar, o resultado será apenas um reavivamento arcaico, como o gótico vitoriano³ — uma paródia do nascer de novo. Temos um longo caminho para voltar à simplicidade.

Na prática verdadeira, em minhas orações, muitas vezes tenho de usar esse longo caminho logo no início da oração.

Francisco de Sales começa cada meditação com o comando: *Mettez-vous en la présence de Dieu*.⁴ Eu me pergunto quantas operações mentais diferentes foram realizadas em obediência a isso?

O que acontece comigo, se eu tentar tomar isso “simplesmente” — como Betty me diria —, é a justaposição de duas “representações” ou ideias ou fantasmas. Uma é o borrão brilhante na mente que representa Deus. A outra é a ideia a que eu chamo de “eu”. Mas não posso deixar assim, pois sei — e é inútil fingir que não sei — que ambas são fantasiosas. O verdadeiro eu criou as duas — ou melhor, edificou-as da maneira mais vaga a partir de todo tipo de probabilidades e objetivos psicológicos.

Muitas vezes, paradoxalmente, o primeiro passo é banir o “borrão brilhante” — ou, em linguagem mais formal, quebrar o ídolo. Vamos voltar ao que tem, pelo menos, algum grau de realidade resistente. Aqui estão as

quatro paredes da sala. E aqui estou eu. Mas ambos termos são apenas a fachada de mistérios impenetráveis.

As paredes, dizem eles, são a matéria. Isto é, como os físicos tentarão me dizer, algo totalmente inimaginável, apenas matematicamente descritível, existindo em um espaço curvo, carregado de energias aterradoras. Se eu pudesse penetrar o suficiente nesse mistério, talvez pudesse, por fim, alcançar o que é absolutamente real.

E o que sou eu? A fachada é o que chamo de consciência. Estou, pelo menos, consciente da cor dessas paredes. Não estou, da mesma forma ou no mesmo grau, consciente do que chamo de meus pensamentos: pois, se tento examinar o que acontece quando estou pensando, isso para de acontecer. No entanto, mesmo que eu pudesse examinar meu pensamento, sei que seria a película mais fina possível na superfície de uma vasta profundidade. Os psicólogos nos ensinaram isso. O verdadeiro erro deles está em subestimar a profundidade e a variedade do conteúdo dos pensamentos. Leveza deslumbrante bem como nuvens escuras aparecem. E, se todas as visões encantadoras são, como levianamente afirmam, apenas meros disfarces para sexo, onde vive o artista oculto que, de um material tão monótono e claustrofóbico, pode fazer obras de tão variada e libertadora arte? E as profundidades de tempo também. Todo o meu passado; meu passado ancestral; talvez meu passado pré-humano.

Aqui, de novo, se eu pudesse mergulhar tão fundo quanto necessário, eu poderia de novo alcançar o fundo do que simplesmente é.

E só agora estou pronto, a minha maneira, para “pôr-me na presença de Deus”. Qualquer mistério, se eu pudesse segui-lo tanto quanto necessário, me levaria ao mesmo ponto — o ponto em que algo, inimaginável em qualquer caso, salta da mão nua de Deus.⁵ O indiano, olhando para o mundo material, diz: “Eu sou aquilo”. Eu digo: “Aquilo e eu crescemos de uma raiz”. *Verbum supernum prodiens*,⁶ a Palavra vinda do Pai, fez-nos a ambos e nos uniu nesse abraço sujeito-objeto.

E qual, você pergunta, é a vantagem de tudo isso? Bem, para mim — não estou falando de ninguém mais — ela finca a oração na realidade atual. Pois, não importando o que mais seja ou não real, essa confrontação momentânea entre sujeito e objeto está certamente ocorrendo: sempre ocorrendo, exceto quando estou dormindo. Aqui está o verdadeiro encontro da atividade de

Deus com a do homem — não um encontro imaginário que poderia ocorrer se eu fosse um anjo ou se Deus encarnado entrasse na sala. Não há aqui nenhum questionamento sobre um Deus “lá em cima” ou “lá fora”; antes, a presente operação de Deus “aqui”, como a base do meu próprio ser, e Deus “aqui dentro”, como a base da matéria que me rodeia, e Deus abraçando e unindo ambos no milagre diário da consciência finita.

As duas fachadas — o “eu” conforme percebo a mim mesmo e a sala como eu a percebo — seriam obstáculos se eu as confundisse com as realidades últimas. Mas, no momento em que as reconheci como fachadas, como meras superfícies, elas se tornaram condutores. Você percebe? Uma mentira é uma ilusão apenas enquanto acreditamos nela; mas uma mentira reconhecida é uma realidade — uma mentira verdadeira — e, como tal, pode ser altamente instrutiva. Um sonho deixa de ser uma ilusão assim que acordamos. Mas isso não se torna uma não identidade. É um sonho real: e também pode ser instrutivo. Um cenário não é uma floresta ou uma sala de estar reais: é um cenário real, e pode ser bom. (Na verdade, nunca devemos perguntar a coisa alguma: “É real?”, pois tudo é real. A pergunta apropriada é: “Um real o quê?”; por exemplo, uma cobra real ou um *delirium tremens* real?) Os objetos a meu redor, e minha ideia de “eu”, vão enganar se forem tomados em seu valor nominal. Mas são importantes se tomados como produtos finais das atividades divinas. Assim, e não de outro modo, a criação da matéria e a criação da mente se encontram e o circuito é fechado.

Ou coloque desta forma. Chamei meu ambiente material de cenário. Um cenário não é um sonho nem uma não entidade. Mas, se você atacar o cenário de uma casa com um cinzel, não conseguirá lascas de tijolo ou de pedra; você só vai conseguir um buraco em um pedaço de tela e, além disso, a escuridão ventosa. Da mesma forma, se você começar a investigar a natureza da matéria, não encontrará nada parecido com o que a imaginação sempre supôs que a matéria é. Você terá matemática. A partir dessa realidade física inimaginável, meus sentidos selecionam alguns estímulos. A esses, meus sentidos traduzem, ou simbolizam, em sensações, que não têm nenhuma semelhança com a realidade da matéria. Dessas sensações, meu poder associativo, muito dirigido por minhas necessidades práticas e influenciado por treinamento social, compõe pequenos feixes do que chamo de “coisas” (rotuladas por substantivos). Com esses, construo um pequeno e nítido cenário que caiba em uma caixa, adequadamente provido de

propriedades como colinas, campos, casas e tudo o mais. Nesse eu posso atuar.

E você pode muito bem dizer “atuar”. Pois o que eu chamo de “eu mesmo” (para todos os propósitos práticos e cotidianos) é também uma construção dramática; memórias, vislumbres no espelho enquanto me barbeio e fragmentos da atividade muito falha chamada “introspecção” são os principais ingredientes. Normalmente, eu chamo essa construção de “eu” e o cenário, “o mundo real”.

Bem, o momento de oração é, para mim — ou envolve “para mim” como condição —, a consciência, a consciência redespertada, de que esse “mundo real” e esse “eu real” estão muito longe de serem realidades mais profundas. Não posso, em carne e osso, sair de cena, seja para ir aos bastidores ou me sentar no fosso da orquestra; mas lembro que essas regiões existem. E também me lembro de que meu eu aparente — esse palhaço ou herói ou super — sob sua maquilagem é uma pessoa real com uma vida fora do palco. A pessoa dramática não poderia caminhar pelo palco a menos que ela ocultasse uma pessoa real: a menos que o eu real e desconhecido exista, eu nem mesmo poderia cometer erros sobre o eu imaginado. E, em oração, esse eu real esforça-se para falar, ao menos uma vez, de seu ser real, e para dirigir-se a, ao menos uma vez, não aos outros atores, mas — como eu vou chamá-lo? O Autor, porque Ele inventou a todos nós? O Produtor, porque Ele controla tudo? Ou a Audiência, pois Ele observa, e julgará, a atuação?

A tentativa não é escapar do espaço e do tempo e da minha situação de criatura como um sujeito que enfrenta objetos. É mais modesta: redespertar a consciência a respeito dessa situação. Se isso puder ser feito, não há necessidade de ir a qualquer outro lugar. Essa situação em si é, a todo momento, uma possível teofania. Aqui está o solo sagrado; a Sarça está queimando agora.

Claro que essa tentativa pode ser acompanhada com quase todos os graus de sucesso ou fracasso. A oração que precede todas as orações é: “Que seja o verdadeiro eu quem fala. Que seja o verdadeiro Tu a quem eu falo”. Infinitamente vários são os níveis a partir dos quais oramos. A intensidade emocional não é, em si mesma, prova de profundidade espiritual. Se orarmos com terror, oraremos sinceramente; isso só prova que o terror é uma emoção sincera. Somente o próprio Deus pode descer o balde nas profundezas de nós. E, por outro lado, Ele deve constantemente trabalhar

como o iconoclasta. Cada ideia sobre Ele que formamos, Ele deve, por misericórdia, despedaçar. O mais bendito resultado da oração seria alguém erguer-se pensando: “Mas eu nunca soube antes. Eu nunca sonhei...”. Suponho que tenha sido em um momento assim que Tomás de Aquino falou a respeito de toda sua própria teologia: “Isso me lembra a palha”.⁷

¹Benjamin (Ben) Jonson (1572–1637), considerado o segundo dramaturgo inglês mais importante do séc. 17, atrás de Shakespeare (de quem era amigo), escreveu uma comédia chamada *Epicoene; or, The Silent Woman* [Epiceno, ou A mulher silenciosa]. Talvez Lewis esteja se referindo a essa personagem.

²Pequeno município no coração da antiga Irlanda oriental, com mais de cinco mil anos de história.

³Estilo arquitetônico eclético da metade do século 19, caracterizado por uso de muitas cores na decoração, de texturas variáveis e de detalhes góticos.

⁴Francês: “Põe-te na presença de Deus”. Francisco de Sales (1567–1622), bispo e príncipe de Genebra e Doutor da Igreja, dá essa recomendação em seu livro *Filotéia ou Introdução à vida devota* (tradução de Frei João José P. de Castro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1958. VIII Edição), no início dos caps. IX a XVIII da Parte I e o apresenta no título do cap. II da Parte II: “Breve método de meditação. Primeiro ponto da preparação: pôr-se na presença de Deus”.

⁵No livro *Alegoria do amor: um estudo da tradição medieval* (São Paulo: É Realizações, 2012), II.2, Lewis também menciona esse conceito ao citar um trecho, por ele traduzido, de Chrétien de Troye (c. 1135–c. 1191), poeta e autor de romances de cavalaria francês.

⁶Latim: “O Verbo que vem do alto”. Nome de um hino católico, e sua primeira linha, cuja letra foi escrita por Tomás de Aquino (1225–1274), frade e teólogo católico, um dos Doutores da Igreja, para a celebração de Corpus Christi.

⁷Referência a uma experiência atribuída a Aquino: após celebrar uma missa em dezembro de 1273, na qual teria tido uma visão mística, ele parou de trabalhar em sua *Suma teológica*, alegando que percebera que toda a sua teologia parecia-lhe como palha.

Carta XVI

Eu não quis dizer que um “borrão brilhante” é minha única ideia a respeito de Deus. Eu quis dizer que algo desse tipo tende a estar lá quando começo a orar, e permaneceria se não fizesse nenhum esforço para fazer melhor. E “borrão brilhante” não é uma descrição muito boa. Na verdade, não se pode ter uma boa descrição de algo tão vago. Se a descrição se tornasse boa, ela se tornaria falsa.

A receita de Betty — “use imagens como o restante de nós” — não me ajuda muito. E o que ela quer dizer? Imagens do mundo exterior, coisas feitas de madeira ou de gesso? Ou imagens mentais?

Quanto ao primeiro tipo, não estou, como ela sugere, sofrendo de uma fobia à “idolatria”. Não acho que pessoas do nosso tipo corram qualquer risco quanto a isso. Estaremos sempre conscientes de que a imagem é apenas um pouco de matéria. Mas seu uso, para mim, é muito limitado. Acho que o simples fato de alguém manter os olhos focados em alguma coisa — quase qualquer objeto serve — é uma ajuda no que diz respeito à concentração. A concentração visual simboliza, e promove, a mental. Essa é uma das maneiras pelas quais o corpo ensina a alma. As linhas de uma igreja bem desenhada, livres de proezas, atraindo os olhos para o altar, têm também o mesmo efeito.

Mas acho que isso é tudo que uma imagem faz por mim. Se eu tentasse tirar mais proveito disso, acho que me atrapalharia. Por um lado, ela poderá ter alguns méritos ou (mais provavelmente) deméritos artísticos. Ambos são uma distração. De novo, uma vez que não pode haver imagens plausíveis do Pai ou do Espírito, geralmente haverá uma imagem de Nosso Senhor. O contínuo e exclusivo dirigir nossas orações a Ele certamente tende ao que tem sido chamado de “adoração a Jesus”? É uma religião que tem seu valor; mas não, isoladamente, a religião que Jesus ensinou.

Imagens mentais podem ter o mesmo defeito, mas também causam outro problema.

Inácio de Loyola (acho que foi ele) aconselhou seus alunos a começarem as meditações com o que ele chamou de *compositio loci*.¹ A Natividade ou o

Casamento em Caná, ou qualquer que fosse o tema, deveria ser visualizado com o máximo possível de detalhes. Um de seus seguidores ingleses até nos instou a procurar “o que bons autores escreveram sobre esses lugares” a fim de obter a topografia, “a altura das colinas e a situação das cidades”, correta. Agora, por duas razões diferentes, isso não “se aplica à minha condição”.

Uma, é por eu viver em uma era arqueológica. Não podemos mais, como fez Inácio, incluir, com credibilidade, as roupas, os móveis e os utensílios de nossa época na antiga Palestina. Sei que não faria a coisa certa. Eu saberia que o próprio céu e a luz solar dessas latitudes eram diferentes daquilo que quaisquer das minhas imaginações do norte pudessem fornecer. Eu poderia, sem dúvida, fingir para mim mesmo uma ingenuidade que eu de fato não possuo; mas isso lançaria uma irreabilidade sobre todo o exercício.

A segunda razão é mais importante. Inácio de Loyola era um grande mestre, e tenho certeza de que ele sabia do que seus pupilos necessitavam. Concluo que eram pessoas cuja imaginação visual era fraca e carente de estímulos. Mas, o problema com pessoas como nós, é exatamente o contrário. Podemos dizer isso um ao outro porque, em nossa boca, não é orgulho, mas uma confissão. Concordamos que o poder — na verdade, a compulsão — de visualizar não é “Imaginação” no sentido mais elevado, nem a Imaginação que torna um homem um grande autor ou um leitor sensível. Seguro com rédeas *muito* curtas, esse poder de visualização pode, por vezes, servir à verdadeira Imaginação; muitas vezes ele simplesmente atrapalha.

Se eu começar com um *compositio loci*, nunca alcançarei a meditação. O quadro continuaria se elaborando sozinho indefinidamente e tornando cada momento de menor relevância espiritual.

Há de fato uma imagem mental que não me afasta para elaborações triviais. Refiro-me à Crucificação em si; não considerada em termos de todos os quadros e crucifixos, mas como devemos supor que ela tenha sido em sua realidade crua e histórica. Mas até isso é de menor valor espiritual do que se poderia esperar. Compunção, compaixão, gratidão — todas as frutuosas emoções — são sufocadas. O puro horror físico não deixa espaço para elas. Pesadelo. Mesmo assim, a imagem deve ser periodicamente enfrentada. Mas ninguém poderia viver com ela. Ela só se tornou um tema frequente da arte cristã quando estavam mortas todas as gerações que viram crucificações reais. Quanto a muitos hinos e sermões sobre o assunto —

incessantemente falando sobre o sangue, como se isso fosse tudo o que importava —, eles parecem ter sido trabalho tanto de pessoas tão acima de mim que não podem me alcançar, quanto de pessoas absolutamente sem imaginação. (Algumas podem estar apartadas de mim por ambos os precipícios.)

No entanto, as imagens mentais desempenham um papel importante em minhas orações. Duvido que qualquer ato de vontade, pensamento ou emoção ocorra em mim sem elas. Mas elas parecem me ajudar mais quando são mais fugazes e fragmentadas — subindo e estourando como bolhas de champanhe ou girando como gralhas em um céu ventoso: contradizendo uma à outra (em sua lógica), como pode acontecer com a multidão de metáforas de um poeta ágil. Fixe-se em qualquer uma, e ela morrerá. Você deve fazer como Blake faria com alegria: beije-a enquanto ela voa.² E, então, no conjunto de seu efeito, elas mediam para mim algo muito importante. É sempre algo qualitativo — mais como um adjetivo que um substantivo. Isso, para mim, dá o impacto da realidade. Pois acho que respeitamos os substantivos (e o que achamos que eles representam) demais. Todas as minhas mais profundas, e certamente todas as minhas iniciais, experiências parecem ser de qualidade absoluta. O terrível e o amável são mais velhos e mais sólidos do que coisas terríveis e amáveis. Se uma frase musical pudesse ser traduzida em palavras, ela se tornaria um adjetivo. Uma grande letra de música é muito parecida com um adjetivo longo e absolutamente adequado. Platão não foi tão tolo, como os Modernos pensam, quando elevou substantivos abstratos, isto é, adjetivos disfarçados de substantivos — à posição de realidades supremas; as Formas.³

Sei muito bem que, segundo a lógica, Deus é uma “substância”.⁴ No entanto, minha sede por qualidade é autorizada mesmo aqui: “Damos graças a ti por tua grande glória”.⁵ Ele *é* essa glória. O que Ele é (a qualidade) não é uma abstração a partir Dele. Um Deus pessoal, com certeza; mas muito mais que pessoal. Para falar com mais seriedade, toda a nossa distinção entre “coisas” e “qualidades”, “substâncias” e “atitudes” não se aplica a Ele. Talvez se aplique muito menos do que supomos até mesmo para o universo criado. Talvez sirva apenas para parte do cenário.

A onda de imagens, lançadas da oração como um borrifo, todas momentâneas, todas corrigindo, refinando, “interanimando”⁶ uma à outra, e

dando uma espécie de corpo espiritual ao inimaginável, ocorre mais, eu percebo, em atos de adoração do que em orações de petição. Sobre elas, talvez, já tenhamos escrito o suficiente. Mas eu não me arrependo disso. Elas são o ponto de partida correto. Elas provocam todos os problemas. Se alguém tentasse praticar, ou discutir, as formas superiores sem passar por essa catraca, eu deveria desconfiar dele. “O mais elevado não se sustenta sem o inferior.”⁷ Uma omissão ou um desdém quanto à oração peticionária pode, às vezes, penso, não provir da santidade superior, mas de uma falta de fé e da conseqüente preferência por níveis em que a pergunta: “Estou apenas fazendo coisas para mim mesmo?” não sobressai com tal crueza aparente.

¹Iñigo López (1491–1556) nasceu em Loyola, no País Basco (nordeste da Espanha). Fundou a Companhia de Jesus (1534), cujos membros são conhecidos por jesuítas. Em 1537, ao ser ordenado, adotou o nome de Inácio. Sua obra áurea é *Exercícios espirituais*, onde se encontra a expressão latina citada por Lewis, traduzida por “composição, vendo o lugar” (“47 — O Primeiro preâmbulo”. Tradução de Vital Cordeiro Dias Pereira. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa. 1999, p. 16.)

²Ver Carta X, nota 5. Lewis cita o poema “Eternity” [Eternidade]: “Aquele que se deixa prender por uma única alegria, / destrói a alada vida, / mas aquele que beija a alegria enquanto ela voa, / vive no amanhecer da eternidade”.

³Platão criou a Teoria das Formas (ou das Ideias), segundo a qual as formas abstratas, não materiais, têm o tipo mais elevado e fundamental de realidade, sendo substanciais e imutáveis, mesmo não tendo existência física.

⁴Lewis refere-se ao pensamento de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), filósofo grego. Para ele, substância é o suporte ou o substrato pelo qual a matéria forma algo, seguindo uma forma. A substância é sempre sujeito, ou seja, aquilo de que algo é dito, a que se atribui algo, enquanto os acidentes são suas propriedades não essenciais, em contraste com as essenciais.

⁵“Nós [...] te damos graças por tua grande glória, ó Senhor Deus, Rei do céu, Deus Pai Onipotente” (LOC, p. 84). Trecho do *Gloria in excelsis*, hino cantado após a Santa Comunhão.

⁶O verbo *interanimating* foi, ao que parece, cunhado por John Donne, no poema “The Ecstasy” [O êxtase], 11^a estrofe. Lewis o usa em vários de seus livros.

⁷Thomas à Kempis, *A imitação de Cristo*, II.10.4.

Carta XVII

É cômico que seja você, entre todas as pessoas, quem me pergunta a respeito de minhas opiniões sobre a oração como culto ou adoração. Sobre esse assunto, em uma caminhada pela floresta de Dean¹ você mesmo me ensinou tudo o que sei. Como você pode ter esquecido?

Inicialmente, você me ensinou o grande princípio: “Comece de onde você está”. Eu pensava que era preciso começar por citar aquilo em que cremos a respeito da bondade e da grandeza de Deus, por pensar sobre a criação e a redenção e “todas as bênçãos desta vida”. Você se virou para o riacho e, mais uma vez, borrifou o rosto ardente e as mãos na pequena cachoeira e disse: “Por que não começar com isto?”.

E funcionou. Aparentemente, você nunca imaginou o quanto. Aquele musgo macio, aquele frescor e o som e a luz dançante eram, sem dúvida, pequenas bênçãos comparadas com “os meios de graça e esperança da glória”.² Mas, então, eles se manifestaram. No que dizia respeito a eles, a visão substituíra a fé. Eles não eram a esperança da glória, eles eram uma exposição da própria glória.

No entanto, você não estava — ou assim me pareceu — dizendo que “Natureza”, ou “as belezas da natureza”, manifesta a glória. Nenhuma abstração, como “Natureza”, foi discutida. Eu estava aprendendo a doutrina muito mais secreta, que afirma que os *prazeres* são os veios da glória que atingem nossa sensibilidade. Damos diferentes nomes ao modo como isso afeta nossa vontade ou nosso entendimento — bondade ou verdade, ou algo parecido. Mas seu refulgir em nossos sentidos e em nosso humor é prazer.

Porém, não há prazeres ruins e ilegais? Certamente há. Mas, ao chamá-los de “prazeres ruins”, entendo que estamos usando uma espécie de síntese. Queremos dizer “prazeres arrebatados por atos ilícitos”. É o roubo da maçã que é ruim, não a doçura dela. A doçura ainda é um raio vindo da glória. Isso não mitiga o roubo; o faz pior. Há um sacrilégio no roubo. Nós abusamos de uma coisa sagrada.

Tentei, desde aquele momento, fazer de cada prazer um canal de adoração. Não estou me referindo apenas a dar graças por algo. É claro que

devemos dar graças, mas refiro-me a algo diferente. Como colocar isso em palavras?

Não podemos — ou eu não posso — ouvir o canto de um pássaro simplesmente como um som. O significado ou a mensagem do canto (“Isso é um pássaro”)³ vem inevitavelmente com ele — assim como não se pode ver uma palavra familiar impressa meramente como um padrão visual. A leitura é tão involuntária quanto a visão. Quando o vento ruga, não ouço apenas o rugido; eu “ouço o vento”. Da mesma forma, é possível “ler” bem como “ter” um prazer. Ou nem mesmo um “bem como”. A distinção deve tornar-se — e, às vezes, é — impossível; receber algo e reconhecer sua fonte divina são uma única experiência. Esse fruto celeste é instantaneamente perfumado pelo pomar onde cresceu. Esse ar doce sussurra o país de onde sopra. É uma mensagem. Sabemos que estamos sendo tocados por um dedo da mão direita em que há prazeres para todo sempre. Não é preciso questionar se graças ou louvor são eventos separados, algo feito depois. Experimentar a minúscula teofania é adorar.

A gratidão exclama, muito apropriadamente: “Quão bom Deus é por me dar isso”. A adoração diz: “Qual deve ser a qualidade desse Ser cujo fulgor longínquo e momentâneo é assim!”. A mente percorre de volta o raio de sol até o sol.

Se eu pudesse ser sempre o que pretendo ser, nenhum prazer seria ordinário ou comum demais para ser assim recebido; do primeiro gosto do ar, quando olho pela janela — a maçã do rosto toda se torna uma espécie de palato — até os chinelos macios na hora de dormir.

Nem sempre eu alcanço isso. Um obstáculo é a desatenção. Outro, é o tipo errado de atenção. Alguém poderia, se praticasse, ouvir simplesmente um rugido e não o “rugir do vento”. Do mesmo modo, com demasiada facilidade, alguém pode se concentrar no prazer como um acontecimento em seu próprio sistema nervoso — subjetivá-lo — e ignorar o aroma da Deidade que paira sobre ele. Um terceiro obstáculo é a ganância. Em vez de dizer: “Esta também és Tu”,⁴ pode-se dizer a palavra fatal *Encore*.⁵ Há também a presunção: a perigosa crítica de que nem todos podem encontrar Deus em uma simples fatia de pão com manteiga, ou que outros condenariam como simplesmente “cinza” o céu no qual estou deleitosamente observando essas delicadezas de pérola e pomba e prata.

Você percebe que não estou fazendo distinção entre prazeres sensoriais e estéticos. Mas, por que eu deveria? A linha é quase impossível de ser traçada, e que utilidade teria se alguém conseguisse traçá-la?

Se isso é hedonismo, é também uma disciplina um tanto árdua. Mas ela é digna de algum labor: pois, na medida em que se sucedem, quase todos os dias nos fornecem, por assim dizer, “referências” quanto ao Borrão Brilhante. Ele se torna mais brilhante, e menos borrado.

William Law observa que as pessoas estão meramente “se divertindo”⁶ ao orar por perseverança que uma fome ou uma perseguição exigiria se, enquanto isso, o clima e todos os outros inconvenientes os fizessem resmungar. É preciso aprender a caminhar antes de poder correr. Tem-se o mesmo aqui. Nós — ou, pelo menos, eu — não poderemos adorar a Deus nas ocasiões mais elevadas se não tivermos aprendido o hábito de fazê-lo nas mais mezinhas. Na melhor das hipóteses, nossa fé e nossa razão nos dirão que Ele é adorável, mas não O teremos *encontrado*, nem “provado e visto”.⁷ Qualquer rasgo da luz do sol em uma floresta mostrará algo sobre o sol que você nunca teria lendo livros sobre astronomia. Esses prazeres puros e espontâneos são “rascos da luz de Deus” nas florestas de nossa experiência.

Sem dúvida, pode-se desejar os livros também. Há quem queira muitas coisas além dessa “adoração em infinitesimais” que eu estou pregando. E, se eu estivesse pregando tal coisa em público, em vez de dar um retorno ao próprio homem que me ensinou isso (entretanto, ele está achando a lição quase irreconhecível?), eu teria de empacotá-la no gelo, encerrá-la em uma reserva com arames farpados e colocar placas de aviso em todas as direções.

Não pense que estou esquecendo que o mais simples ato de mera obediência é adoração de um tipo muito mais importante do que o que venho descrevendo (obedecer é melhor que sacrificar).⁸ Ou que Deus, além de ser o Grande Criador, é o Trágico Redentor. Talvez o Trágico Criador também. Pois não tenho certeza de que o grande desfiladeiro da angústia que atravessa nossa vida se deve *exclusivamente* a alguma catástrofe pré-histórica. Algo trágico pode, como acho que já disse antes, ser inerente ao próprio ato da criação. Então, às vezes, alguém se pergunta por que Deus acha que o jogo vale a pena. Mas, então, compartilhamos, em algum grau, o custo dessa pena, e nem vimos o “jogo” ainda.

Certo, certo! Fiz isso de novo. Sei que a minha tendência a usar imagens, tais como jogar e dançar, para as coisas mais elevadas, é uma pedra de tropeço para você. Você, admito, não chama isso de profanidade, como costumava fazer — como na noite em que quase chegamos às vias de fato em Edimburgo. Agora, você, muito mais razoável, chama isso de “sem coração”. Você considera ser um escárnio brutal com todo mártir e com todo escravo que um processo mundial tão desesperadamente sério para os atores deva, em qualquer ápice celestial, ser visto em termos de frivolidades. E você acrescenta que isso vem com uma graça ridiculamente doente de minha parte, eu que nunca gostei de nenhum jogo e que danço tão bem quanto uma centopeia usando pernas de pau. Mas ainda acho que você não está vendo a genuína questão.

Não acho que a vida do Céu tenha qualquer analogia com jogar ou dançar em relação à frivolidade. Penso que, enquanto estivermos nesse “vale de lágrimas”,⁹ amaldiçoados com trabalho, cercados de necessidades, sendo derrubados por frustrações, condenados a planejamentos, enigmas e ansiedades perpétuos, certas qualidades que devem pertencer à condição celestial não têm chance de chegar a nós, não podem projetar nenhuma imagem delas mesmas, exceto em atividades que, para nós aqui e agora, são frívolas. Pois certamente devemos supor que a vida do bem-aventurado seja um fim em si mesmo; na verdade, O Fim: ser totalmente espontânea; ser a completa reconciliação da liberdade ilimitada com a ordem — com a mais delicadamente ajustada, flexível, intrincada e bela ordem? Como você consegue encontrar qualquer imagem disso nas atividades “sérias”, quer de nossa vida natural, quer de nossa (presente) vida espiritual — seja em nossas afeições precárias e infelizes ou no Caminho que é sempre, em algum grau, uma *via crucis*? Não, Malcolm. É apenas em nossas “horas de folga”, apenas em nossos momentos de permitida festividade, que encontramos uma analogia. Dança e jogo *são* frívolos, sem importância por aqui; pois “aqui embaixo” não é o lugar natural deles. Aqui, eles são um momento de descanso da vida em que fomos colocados aqui para viver. Mas, neste mundo, tudo está de cabeça para baixo. Aquilo que, se pudesse ser prolongado aqui, seria uma ociosidade, é, mais provavelmente, em um país melhor, o Fim dos fins. Alegria é o assunto sério do Céu.

[1](#)Parque florestal na região oeste da Inglaterra.

[2](#)Essa expressão, bem como “todas as bênçãos desta vida”, acima, são da Geral Ação de Graças, da Ordem para a Oração Matutina. *LOC*, p. 19-20.

[3](#)Lewis parece tomar emprestada essa ideia do livro *Salvando as aparências*, de Owen Barfield (ver Carta XIII, nota 2).

[4](#)Ver Carta XIV, nota 4.

[5](#)Ver Carta V, nota 5.

[6](#)Provável referência ao final do cap. 22 de *A Serious Call to a Devout and Holy Life* [Um sério chamamento a uma vida devota e santa], a obra magna de William Law (1686–1761), sacerdote e teólogo anglicano.

[7](#)Salmos 34:8.

[8](#)Declaração do profeta Samuel ao rei Saul, em 1Samuel 15:22.

[9](#)Interpretação ou tradução alternativa da expressão “vale de Baca” em Salmos 84:6 (KJV, ARC, ACF, NVI, TB). As versões ARA e NAA trazem “vale árido”, enquanto a NTLH traz “vale das lágrimas”.

Carta XVIII

Eu me declaro culpado. Quando escrevi sobre prazeres, na semana passada, realmente me esqueci dos *mala mentis gaudia*¹ — os prazeres da mente que são intrinsecamente maus. O prazer, digamos, de ter uma queixa. Que decepção é — por um momento autorrevelador — descobrir que a outra parte não era realmente culpada? E como um ressentimento, enquanto dura, atrai a pessoa para trás e para trás a fim de nutri-lo e afagá-lo e encorajá-lo! Ele se comporta como uma luxúria. Mas não acho que isso deixe minha teoria (e experiência) sobre os prazeres comuns em ruínas. Não estão esses prazeres intrinsecamente viciosos, como Platão disse, “mistos”?² Usando uma imagem de autoria dele, se há uma coceira, você quer coçá-la. E, se você se abster, a tentação será muito severa, e se você coçar, haverá uma espécie de prazer no alívio momentâneo e enganoso. Mas você não quer coçar. Coçar não é simplesmente um prazer, mas apenas em comparação com o contexto. Da mesma forma, o ressentimento é prazeroso apenas como um alívio, ou uma alternativa, à humilhação. Ainda penso que todas as experiências que são prazeres em si mesmas podem ser consideradas como sugiro.

A mera menção aos prazeres horríveis — as finas iguarias do Inferno — muito naturalmente afastou você do assunto da adoração para o tema do arrependimento. Vou acompanhá-lo em sua digressão, porque você disse algo de que eu discordo.

Admito, é claro, que as orações penitenciais — “atos” de penitência, como acredito sejam chamados — podem ser de níveis muito diferentes. No nível mais baixo, ao qual você chama de “penitência pagã”, há tão somente a tentativa de aplacar um poder supostamente furioso: “Sinto muito. Não vou mais fazer isso. Deixe-me sair desta vez”. No nível mais elevado, você diz, a tentativa é, antes, restaurar uma relação pessoal infinitamente valorizada e vulnerável que foi destruída por uma ação própria, e, se o perdão, no sentido “bruto” de remissão da penalidade, entrar, isso será valorizado principalmente como sintoma ou selo ou mesmo subproduto da reconciliação. Espero que você esteja certo sobre isso. Digo “espero”, pois

não posso afirmar que, por experiência, eu conheça muito sobre o mais alto nível de penitência ou de qualquer outra coisa. O teto, se houver um, está muito longe.

Mesmo assim, há uma diferença entre nós. Não posso concordar em que você chame o nível mais baixo de “penitência pagã”. Sua descrição não cobre grande parte da penitência do Antigo Testamento? Olhe para os Salmos. Eles não cobrem uma boa parte da penitência cristã — uma grande porção que é incorporada às liturgias cristãs? “Não nos visites por causa de nossos pecados. [...] Não te agastes conosco para sempre.”³ [...] *Neque secundum iniquita nostras retribuas nobis*”.⁴

Aqui, como quase sempre, o que consideramos “bruto” e “baixo”, e o que presumivelmente seja, de fato, o mais baixo, expande-se muito mais sobre a vida cristã do que gostaríamos de admitir. E encontramos em algum lugar nas Escrituras ou nos Pais⁵ essa rejeição explícita e ressonante, que seria tão bem-vinda?

Concordo totalmente com você que “ira” pode ser atribuída a Deus apenas por uma analogia. A situação do penitente diante de Deus não é — mas é, de certa forma — a de alguém que comparece diante de um soberano, amante, pai, mestre ou professor enfurecido por razões justas. Mas o que mais podemos saber sobre isso a não ser essa mera semelhança? Tentando achar apoio à analogia, você foi além dela e se saiu pior. Você sugere que o que é tradicionalmente considerado como nossa experiência da ira de Deus seria considerado de modo mais proveitoso como o que inevitavelmente nos acontece se nos comportarmos inadequadamente com respeito a uma realidade de imenso poder. Como você diz: “O fio desencapado não tem raiva de nós, mas, se tocarmos nele, levaremos um choque”.

Meu caro Malcolm, o que você acha que ganhou ao substituir a imagem de um fio desencapado pela de uma majestade enfurecida? Você nos trancou a todos em desespero; porque os enfurecidos podem perdoar, e a eletricidade não pode.

E você dá, como razão, que, “mesmo por analogia, o tipo de perdão que surge porque um arroubo de mau humor se esgotou não pode ser dignamente atribuído a Deus nem gratamente aceito pelo homem”. Mas as palavras depreciativas “arroubo de mau humor” são sua própria escolha.

Pense na mais completa reconciliação entre mortais. A apática desaprovação é apaticamente mitigada? A exigência sobre o culpado é levemente diminuída tendo em vista “circunstâncias atenuantes”? A paz foi restaurada por meio de uma palestra de caráter moral? Foi dito que a ofensa não “importa”? Ela foi silenciada ou ignorada? Blake entendia melhor sobre isso:

*Tive ódio ao meu amigo:
disse-lhe, e o ódio findou.
Tive ódio ao meu inimigo:
não lhe disse, e o ódio aumentou.*⁶

Você também entende melhor. Raiva — não um irritado arroubo de mau humor, mas uma indignação justa, generosa e fervorosa — se torna (não necessariamente de uma só vez) um amor que abraça, exulta e reencontra. É assim que amigos e amantes são verdadeiramente reconciliados. Ira ardente, amor ardente. Essa ira é o fluido que o amor sangra quando você o corta. As *iras*, e não as objeções comedidas, dos que amam são a renovação do amor. Ira e perdão são ambos, quando aplicados a Deus, analogias; mas pertencem ao mesmo círculo de analogia — o círculo da vida, e do amor e dos relacionamentos profundamente pessoais. Todas as analogias liberalizantes e “civilizatórias” apenas nos levam ao erro. Transforme a ira de Deus em mera desaprovação esclarecida, e você também transforma Seu amor em mero humanitarismo. O “fogo consumidor”⁷ e a “beleza perfeita”⁸ desaparecem. Temos, em lugar disso, uma diretora de escola judiciosa ou um magistrado consciencioso. Isso decorre de um espírito nobre.

Sei que “a ira do homem não produz a justiça de Deus”.⁹ Isso não ocorre porque a ira é ira, mas porque o homem é homem (caído).

Mas talvez eu já tenha falado demais. Tudo o que qualquer imagem pode fazer é facilitar, ou, pelo menos, não impedir, o ato de penitência do homem e o receber do perdão. Não há como vermos o assunto “do ponto de vista de Deus”.

O quadro grosseiro da penitência como algo parecido com apologia, ou até mesmo apaziguamento, tem, para mim, o valor de fazer da penitência um ato. Os pontos de vista mais nobres envolvem algum perigo de considerá-la apenas um estado de sentimento. Você concorda que isso seria prejudicial?

A questão está em minha mente nesse momento porque tenho lido Alexander Whyte. Morris¹⁰ o emprestou para mim. Ele foi um teólogo presbiteriano do século passado,¹¹ de quem eu nunca tinha ouvido falar. Vale muito a pena lê-lo, e é estranhamente de mente aberta — Dante, Pascal e até mesmo Newman estão entre seus heróis. Mas eu o menciono agora por um motivo diferente. Ele me colocou violentamente cara a cara com uma característica do puritanismo que eu quase havia esquecido. Para ele, um sintoma essencial da vida regenerada é uma percepção permanente, e permanentemente horrorizada, da própria corrupção natural e (ao que parece) inalterável. A narina do verdadeiro cristão tem de estar continuamente atenta ao esgoto interior. Eu sabia que a experiência era uma característica constante das antigas histórias de conversão. Como em *Graça Abundante*: “Mas o pecado original e a corrupção interior [...] Isso me fazia sentir culpado num grau surpreendente. [...] Aos meus próprios olhos, eu era mais repugnante do que um sapo [...] Pecado e corrupção, eu dizia, jorrariam naturalmente de meu coração, assim como a água jorra da fonte”.¹² Outro autor, citado em *Rise of Puritanism* [Surgimento do puritanismo], de Haller,¹³ diz que, quando olhava para o próprio coração, era “como se eu tivesse, no calor do verão, olhado para a Sujeira de uma Masmorra, onde eu discernia Milhões de coisas vivas rastejando no meio daquela Corrupção Vil e Líquida”.

Não vou dar ouvidos àqueles que descrevem essa visão como algo meramente patológico. Tenho visto as “coisas viscosas e [que] com pernas rastejavam”¹⁴ em minha particular masmorra. Pensei que o vislumbre me houvesse ensinado sabedoria. Mas Whyte parece pensar que isso não deveria ser um vislumbre, mas um escrutínio diário e duradouro. Ele pode estar certo? Soa muito diferente dos frutos do Espírito¹⁵ do Novo Testamento — amor, alegria, paz. E muito diferente do projeto paulino: “Esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão diante”.¹⁶ E muito diferente do capítulo inocente e refrescante de Francisco de Sales sobre *la douceur* com respeito ao próprio ego.¹⁷ De qualquer forma, qual é a utilidade de estabelecer um projeto de emoções permanentes? Elas só podem ser permanentes se forem factícias.

O que você acha? Sei que um emético espiritual, no momento certo, pode ser necessário. Mas não uma dieta regular de eméticos! Se a pessoa

sobrevivesse, desenvolveria uma “tolerância” a eles. Esse concentrar-se no “vil” pode produzir seu próprio orgulho perverso

demasiado correto e consigo mesmo descontente

*Por ter a si ofendido mais do a que Deus.*¹⁸

De qualquer forma, na solitude, e também na confissão, descobri (para meu pesar) que os graus de vergonha e repugnância que realmente sinto por meus próprios pecados não correspondem de modo algum ao que minha razão me diz sobre a gravidade relativa deles. Assim como o grau em que, na vida cotidiana, sinto que a emoção do medo tem muito pouca relação com meu julgamento racional do perigo. Prefiro ter mares de fato terríveis quando estou em um barco aberto do que olhar para baixo em perfeita (real) segurança da beira de um precipício. Da mesma forma, confessei horrendas descaridades com menos relutância do que pequenas coisas inomináveis — ou aqueles pecados que não são de um cavalheiro ou de um cristão. Nossas reações emocionais a nosso próprio comportamento são de significado ético limitado.

¹Citação de *Eneida*, livro (ou canto) VI, poema épico escrito por Públio Virgílio Maro (70 a.C. – 19 a.C.).

²Do diálogo *Filebo*, seção VI, de Platão, uma de suas obras mais polêmicas, em que o autor discute o papel do prazer na vida conduzida pelo bem. Para o filósofo, a infelicidade ou a felicidade humanas dependem, em última instância, da escolha dos prazeres. É considerado misto o prazer quando está associado à dor, e puro, quando não diretamente a ela ligado.

³Frases da Litania ou Súplica Geral. *LOC*, p. 54.

⁴Salmo 103:10b em latim, ajustado por Lewis para ecoar as duas frases anteriormente citadas.

⁵Referência aos Pais da igreja, teólogos importantes, do segundo ao sétimo séculos d.C., que, após a morte dos apóstolos, tiveram a responsabilidade de desenvolver, definir e aplicar o pensamento cristão.

⁶Primeira estrofe de “Uma árvore de veneno”, do livro *Canções da experiência*, de William Blake (ver Carta X, nota 5). Tradução de Renato Suttana, 2ª edição, 2011, p. 49. Disponível em: arquivors.com/wblake1.pdf. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁷Hebreus 12:29.

⁸Expressão provavelmente derivada de Salmos 27:4, em que se encontra, em algumas versões, a expressão “formosura [ou beleza] do SENHOR” (cf. ACF, NAA, ARA, ARC).

⁹Tiago 1:20.

¹⁰Clifford Morris foi, durante a década final da vida de Lewis, seu constante motorista de táxi.

¹¹Whyte (1836–1921) foi um teólogo e vigoroso pregador escocês. Sua mensagem, conhecida pela paixão e pelo poder, vinham de sua profunda apreciação da graça de Deus na salvação de pecadores. Chamado de “o último dos puritanos”.

[12](#) *Graça abundante ao principal dos pecadores*, de John Bunyan (1628–1688), pregador puritano batista. Durante sua prisão, por doze anos, escreveu o clássico *O peregrino*. (Tradução de Laura Macal Lopes. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013, p. 51.)

[13](#) William Haller (1885–1974), historiador e professor anglo-americano, pesquisador do puritanismo e editor das obras de John Milton. Mantidas as maiúsculas do original.

[14](#) Parte II, estrofe 10 do poema épico “A balada do velho marinheiro”, que marca o início da literatura romântica na Inglaterra, escrito por Samuel Taylor Coleridge (1772–1834).

[15](#) Gálatas 5:22. Paulo cita “o fruto do Espírito”. Foi mantido o plural usado por Lewis.

[16](#) Filipenses 3:13.

[17](#) Ver Carta XV, nota 4. A referência aqui é à Parte III, cap. IX: “A mansidão para conosco”. Lewis usa o termo francês, que significa “doçura”, do original de Francisco de Sales.

[18](#) Da peça *Sansão agonista*, de John Milton.

Carta XIX

Diga a Betty que, se você não tivesse me arrebatado para o assunto do arrependimento, eu diria exatamente o que ela me culpa de não ter dito. Eu diria que na adoração, mais do que em qualquer outro tipo de oração, o ato público ou comunitário é da maior importância. A pessoa perderia incomparavelmente mais sendo impedida de ir à Igreja na Páscoa do que na Sexta-feira Santa. E, mesmo em privado, a adoração deve ser comunitária — “com os Anjos e Arcanjos, e com toda a milícia celestial”,¹ toda a transparente notoriedade do Céu. Por outro lado, percebo que as orações das quais posso participar mais plenamente na igreja são sempre aquelas que mais costumo usar em meu quarto.

Nego, com alguma veemência, a acusação de ser “exigente em relação aos cultos”. Meu ponto principal era que qualquer forma me agradaria se eu tivesse tempo de me acostumar com ela. A ideia de permitir-me desencorajar por mera inadequação — uma igreja feia, um coroinha desajeitado, um celebrante mal arrumado — é horrível. Pelo contrário, constantemente me surpreende quão pouco essas coisas importam,

*pois nunca poderá ser ofensivo
quando a simplicidade e o zelo ditam.*²

Uma das Santas Comunhões mais preciosas de minha vida foi em um abrigo Nissen.³ Às vezes, o sotaque *cockney*⁴ de um coro tinha uma qualidade singularmente tocante. Uma caneca de lata em lugar do cálice, se houvesse uma boa razão para isso, não me incomodaria nem um pouco. (Eu me pergunto: Que tipo de louça foi usada na Última Ceia?)

Você me pergunta por que eu nunca escrevi nada sobre a Santa Comunhão pela simples razão de eu não ser bom o suficiente em teologia. Não tenho nada para oferecer. Esconder debaixo de uma vasilha qualquer luz que eu pense ter não é um pecado que me assedia!⁵ Sou muito mais propenso a tagarelar inoportunamente. Mas há um ponto em que até eu ficaria gratamente em silêncio. O problema é que as pessoas tiram

conclusões até do silêncio. Alguém disse, outro dia, que eu parecia “admitir, em vez de receber”, os sacramentos.

Eu não gostaria que você e Betty pensassem o mesmo. Mas, assim que tento dizer mais alguma coisa, vejo outro motivo para o silêncio. É quase impossível afirmar o efeito negativo que certas doutrinas têm sobre mim — minha incapacidade de ser nutrido por elas — sem parecer estar construindo um ataque contra elas. Mas a última coisa que quero fazer é desestabilizar na mente de qualquer cristão, qualquer que seja sua denominação, os conceitos — para ele, tradicionais — pelos quais considera proveitoso representar para si mesmo o que acontece quando ele recebe o pão e o vinho. Eu desejaria que nenhuma definição tivesse tida na conta de necessária; e, ainda mais, que ninguém tivesse permissão para provocar divisões entre igrejas.

Algumas pessoas parecem capazes de discutir diferentes teorias sobre esse ato como se elas as compreendessem todas e precisassem apenas de evidências sobre qual seria a melhor. Essa luz não me foi dada. Não sei e não consigo imaginar o que os discípulos entenderam que Nosso Senhor quis dizer quando, tendo Seu corpo ainda íntegro e Seu sangue não derramado, Ele lhes entregou o pão e o vinho, dizendo que *eles* eram Seu corpo e sangue. Não consigo encontrar nas formas de minha compreensão humana nenhuma conexão entre comer um homem — e é como Homem que o Senhor tem carne — e entrar em qualquer unidade ou comunidade ou κοινὸν⁶ espiritual com ele. E considero “substância” (no sentido dado por Aristóteles),⁷ quando despida dos próprios acidentes e dotada dos acidentes de alguma outra substância, um objeto que não consigo imaginar. Meu esforço para fazê-lo produz um mero pensamento de criança pequena — uma imagem de algo como uma massa de modelar muito rarefeita. Por outro lado, não me dou melhor com aquelas pessoas que me dizem que os elementos são mero pão e mero vinho, usados simbolicamente para me lembrar da morte de Cristo. Eles são, no nível natural, um símbolo bastante estranho *disso*. Mas seria profano supor que eles são tão arbitrários quanto me parecem. Eu creio que há, na realidade, uma adequação, até mesmo uma necessidade, na escolha desses símbolos. Mas ela permanece, para mim, oculta. Uma vez mais, se eles são, se todo o ato é, simplesmente memorial, parece concluir-se que seu valor deve ser puramente psicológico, e

dependente da sensibilidade de quem os recebe no momento em que os recebe. E não consigo ver por que *esse* memorial em particular — uma centena de outras coisas podem, psicologicamente, lembrar-me da morte de Cristo, da mesma maneira, ou talvez mais — deve ser tão singularmente importante quanto toda a cristandade (e meu próprio coração) declara sem hesitação.

De qualquer modo, então, pode ser que para outros, para mim, o que mantém e “dá forma” a todos os objetos, palavras e ações desse rito seja desconhecido e inimaginável. Não estou dizendo a ninguém no mundo: “Sua explicação está errada”. Estou dizendo: “Sua explicação faz com que o mistério, para mim, ainda seja um mistério”.

No entanto, não vejo dificuldade em crer que o véu entre os mundos, em nenhum outro lugar (para mim) tão obscuro para o intelecto, não seja em nenhum outro lugar tão fino e permeável à operação divina. Aqui, uma mão vinda do país oculto toca, não apenas minha alma, mas meu corpo. Aqui o pedante, o cavalheiro, o moderno em mim não tem privilégio sobre o selvagem ou a criança. Aqui está um grande remédio e uma forte magia.

*Favete linguis.*⁸

Quando digo “mágica”, não estou pensando nas técnicas pobres e patéticas com que os tolos tentam e fingem controlar a Natureza. Prefiro o que é sugerido por frases de contos de fadas, como: “Esta flor é mágica, e, se você carregá-la, as sete portas se abrirão para você por vontade própria”, ou: “Esta caverna é mágica, e aqueles que entram nela vão ter a juventude renovada”. Eu deveria definir mágica no sentido de “eficácia objetiva que não pode ser submetida a mais análises”.

A mágica, nesse sentido, sempre receberá uma resposta de uma imaginação normal, porque é, em princípio, “fiel à natureza”. Misture esses dois póis, e haverá uma explosão. Coma um grão disso e você morrerá. Evidentemente, o elemento “mágico” nessas verdades pode ser eliminado pela explicação; isto é, vendo-as como instâncias ou consequências de verdades maiores. Verdades maiores que permanecem “mágicas” até que sejam, da mesma forma, também explicadas. Dessa maneira, as ciências estão sempre empurrando para trás o reino do mero “fato bruto”. Mas nenhum cientista, suponho, acredita que o processo possa chegar a um ponto final. No mínimo, deve sempre permanecer o fato absolutamente

“brutal”, o *datum* completamente opaco, de que um universo — ou melhor, *este* universo com seu caráter determinado — existe; tão “mágico” quanto a flor mágica do conto de fadas.

Agora, o valor, para mim, do elemento mágico no cristianismo é este. É uma testemunha permanente de que o reino celestial, certamente não menos que o universo natural e talvez muito mais, é um reino de fatos objetivos — fatos sólidos e determinados, não para serem construídos *a priori*,⁹ e não para serem dissolvidos em máximas, ideais, valores e afins. Não se pode conceber um fato mais completamente “dado”, ou, se você preferir, um fato mais “mágico” do que a existência de Deus como *causa sui*.¹⁰

Pessoas esclarecidas querem se livrar desse elemento mágico em favor do que chamariam de elemento “espiritual”. Mas o espiritual, concebido como algo assim antitético ao “mágico”, parece tornar-se meramente psicológico ou ético. E nem essas coisas por si mesmas, nem o mágico por si só, são uma religião. Não vou estabelecer regras quanto à parcela — quantitativamente considerada — que o mágico deveria ter na vida religiosa de alguém. Diferenças individuais devem ser permitidas. O ponto em que insisto é que o mágico nunca pode ser reduzido a zero. Se for, o que resta é apenas moralidade, cultura ou filosofia.

O que faz alguns trabalhos teológicos serem como serragem para mim é a maneira como os autores podem continuar discutindo até que ponto certas posições são ajustáveis ao pensamento contemporâneo, ou benéficas em relação aos problemas sociais, ou “têm um futuro” diante de si, mas nunca perguntam honestamente que fundamentos temos para supor que elas sejam verdadeiros relatos de qualquer realidade objetiva. Como se estivéssemos tentando fazer em vez de aprender. Não temos Outro com quem haver-nos?¹¹

Espero não ofender a Deus por tomar minhas comunhões no estado de espírito que venho descrevendo. A ordem, afinal de contas, era Tomem, comam¹², não Tomem, entendam. Particularmente, espero não precisar ser atormentado pela pergunta “O que é isso?” — essa obreia, esse gole de vinho. A pergunta tem um efeito terrível sobre mim. Ela me convida a tirar “isso” de seu contexto sagrado e considerá-lo como um objeto entre objetos, na verdade como parte da natureza. É como tirar uma brasa vermelha do

fogo para examiná-la: ela se torna um carvão morto. Para mim, quero dizer. Tudo isso é autobiografia, não teologia.

¹Ver Carta III, nota 5.

²William Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão*, Ato V, Cena I. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Disponível em: shakespearebrasileiro.org/pecas/a-midsummer-nights-dream. Acesso em: 16 nov. 2018.

³Refere-se a um abrigo militar semicilíndrico, construído com chapas de aço canelado.

⁴Sotaque, ou dialeto, dos habitantes dos bairros pobres de Londres.

⁵Mateus 5:15; Hebreus 12:1.

⁶*Koinonia* (gr.): “comunhão, parceria, participação; comunicação, distribuição” (*Strong’s Hebrew and Greek Dictionaries*, módulo da e-Sword).

⁷Ver Carta XVI, nota 4.

⁸Latim: “seja silencioso”. Citação de *Odes*, Carminum, Liber tertius, I.2, de Quinto Horácio Flaco (65 a.C. – 8 a.C.), poeta e satirista romano.

⁹Sem contar com a experiência, resultado de dedução.

¹⁰Latim: “causa de si mesmo”. “Deus é causa de si” foi conceito defendido por Baruch de Espinoza (1632–1677), filósofo racionalista holandês.

¹¹Possível referência a Hebreus 4:13.

¹²Mateus 26:26.

Carta XX

Eu realmente devo fazer uma digressão para contar-lhe uma boa notícia. Na semana passada, enquanto orava, de repente descobri que tinha perdoado — ou senti como se tivesse — alguém a quem tenho tentado perdoar por mais de trinta anos. Tentando, e orando para que eu pudesse. Quando a coisa de fato aconteceu — repentinamente, como o silêncio, há muito desejado, do rádio de um vizinho —, meu sentimento foi: “Mas é tão fácil. Por que demorou tanto para fazer isso?”. Tantas coisas são feitas facilmente no momento em que você pode fazê-las. Mas, até aquele momento, é completamente impossível, como aprender a nadar. Há meses durante os quais nenhum esforço irá sustentá-lo; então, vem o dia e a hora e o minuto depois dos quais, e sempre depois, torna-se quase impossível afundar. Também me pareceu que perdoar (a crueldade daquele homem) e ser perdoado (meu ressentimento) eram a mesma coisa. “Perdoem, e serão perdoados”¹ soa como uma barganha. Mas talvez seja algo muito além disso. Por padrões celestiais, isto é, por pura inteligência, talvez seja uma tautologia — perdoar e ser perdoado são dois nomes para a mesma coisa. O importante é que uma discórdia foi resolvida, e foi certamente o grande Resolvedor quem fez isso. Por fim, e talvez o melhor de tudo, voltei a crer no que nos é ensinado na parábola do Juiz Injusto.² Nenhum hábito maligno é tão arraigado nem recebe, por tanto tempo, orações contra si (como parecia) em vão, que não possa, mesmo em estéril velhice, ser levado embora.

Eu me pergunto: os mortos há muito tempo sabem disso quando, finalmente, depois de inúmeros fracassos, conseguimos perdoá-los? Seria uma pena se eles não soubessem. Um perdão dado, mas não recebido, seria frustrante. E isso me leva a sua pergunta.

Claro que eu oro pelos mortos. A ação é tão espontânea, quase inevitável, que somente o argumento teológico mais coercivo contra ela me deteria. E sei que o restante de minhas orações mal sobreviveria se as feitas pelos mortos fossem proibidas. Em nossa idade, a maioria das pessoas que

amamos está morta. Que tipo de relação com Deus eu poderia ter se o que mais amo não pudesse ser mencionado para Ele?

Na visão protestante tradicional, os mortos estão todos ou condenados ou salvos. Se estão condenados, a oração por eles é inútil. Se estão salvos, é igualmente inútil. Deus já fez tudo por eles. O que mais podemos pedir?

Mas não cremos que Deus já fez e já está fazendo tudo o que pode pelos vivos? O que mais podemos pedir? Ainda assim, é-nos dito que peçamos.

“Sim”, alguém responderá, “mas os vivos ainda estão na estrada. Mais provações, desenvolvimentos, possibilidades de erro esperam por eles. Porém os salvos já foram aperfeiçoados. Eles terminaram a corrida.”³ Orar por eles pressupõe que o progresso e a dificuldade ainda são possíveis. Na verdade, você está apresentando algo como o Purgatório.”

Bem, suponho que esteja. Embora, até mesmo no Céu, algum aumento perpétuo da beatitude, alcançado por uma autorrendição continuamente mais extática, sem a possibilidade de fracasso, mas não, talvez, sem seus próprios ardores e esforços — pois o deleite também tem suas severidades e encostas íngremes, como os amantes bem o sabem — pode supor-se que há. Mas não vou enfatizar, ou conjecturar, esse aspecto no momento. Eu creio no Purgatório.

Lembre-se: os Reformadores tinham boas razões para lançar dúvidas sobre “a doutrina romanista concernente ao Purgatório”, considerando o que a doutrina romana havia, à época, se tornado. Não me refiro apenas ao escândalo comercial. Se você passar do *Purgatório*, de Dante,⁴ para o século 16, ficará chocado com a degradação. Na *Supplication of Souls* [Súplica de almas], de Thomas More,⁵ o purgatório é apenas um inferno temporário. Nele, as almas são atormentadas por demônios, cuja presença é “mais horrível e dolorosa para nós do que a própria dor”. Ainda pior foi Fisher⁶ que, em seu Sermão sobre o Salmo VI, diz que as torturas são tão intensas que o espírito que as sofre não pode, por causa da dor, “lembrar-se de Deus como deveria fazer”. De fato, a própria etimologia da palavra *purgatório* desapareceu de vista. Suas dores não nos aproximam de Deus, mas nos fazem esquecer-Lo. É um lugar, não de purificação, mas de punição puramente retributiva.

A visão correta retorna magnificamente no *Dream* [Sonho], de Newman.⁷ Ali, se bem me lembro, a alma salva, aos pés do trono, implora para ser

levada e purificada. Não pode suportar, por mais um momento, “insultar malignos / a luz empírea com as trevas”.⁸ A religião reivindicou o Purgatório.

Nossa alma *exige* o Purgatório, não é? Não nos partiria o coração se Deus nos dissesse: “É verdade, meu filho, que seu hálito fede e que de seus trapos escorrem lama e lodo, mas somos caridosos aqui e ninguém censurará você por essas coisas, nem se afastará de você. Venha e participe da alegria”.⁹ Não deveríamos responder: “Submeto-me, senhor, mas, se não houver objeção, eu *prefiro* ser limpo primeiro’. ‘Isso pode doer, você sabe.’ ‘Mesmo assim, senhor’.”¹⁰

Presumo que o processo de purificação normalmente envolva sofrimento. Em parte, isso vem da tradição; em parte, porque o bem real que me foi feito nesta vida envolveu sofrimento. Mas não penso que o sofrimento seja o propósito da purgação. Posso bem acreditar que as pessoas nem muito piores nem muito melhores do que eu sofrerão menos do que eu ou mais. “Nenhuma bobagem sobre mérito.”¹¹ O tratamento dado será o necessário, quer doa ele pouco ou muito.

Minha imagem favorita sobre esse assunto vem da cadeira do dentista. Espero que, quando o dente da vida for arrancado e eu estiver “voltando a mim”, uma voz me diga: “Enxágue a boca com isso”. *Isso* será o Purgatório. O enxágue pode demorar mais do que posso agora imaginar. O sabor *disso* pode ser mais ardente e adstringente do que minha sensibilidade atual poderia suportar. Mas More e Fisher não me convencerão de que será repugnante e não santificado.

Sua dificuldade peculiar — de que os mortos não estão no tempo — é outro assunto.

Como você sabe que eles não estão? Eu certamente acredito que ser Deus é desfrutar de um presente infinito, onde nada ainda passou e nada ainda está por vir. Disso se segue que podemos dizer o mesmo de santos e anjos? Ou, em algum nível, exatamente o mesmo? Os mortos podem experimentar um tempo que não é tão linear como o nosso e que poderia, por assim dizer, ter espessura e comprimento. Nesta vida, temos alguma espessura sempre que aprendemos a dar atenção a mais de uma coisa ao mesmo tempo. Pode-se supor que isso tenha aumentado em qualquer extensão, de modo que,

para eles assim como para nós, o presente está sempre se tornando o passado, mas cada presente contém inimaginavelmente mais do que o nosso.

Eu *sinto* — você pode desenvolver isso para mim e me dizer se é mais do que um sentimento — que tornar a vida dos bem-aventurados mortos estritamente atemporal é inconsistente com a ressurreição do corpo.

Mais uma vez, como você e eu concordamos, quer oremos a favor dos vivos ou dos mortos, as causas que impedirão ou excluirão os eventos pelos quais oramos já estão, de fato, atuando. Na verdade, elas são parte de uma série que, suponho, remonta à criação do universo. As causas que tornaram trivial a doença de George já estavam operando enquanto orávamos a respeito; se fosse o que temíamos, as causas dela teriam funcionado. É por isso que, como eu sustento, nossas orações são atendidas, ou não, na eternidade. A tarefa de atarraxar as histórias espiritual e física do mundo entre si é realizada no ato total da própria criação. Nossas orações, e outros atos livres, tornam-se conhecidas por nós apenas quando chegamos ao momento de se realizarem. Mas elas estão eternamente na partitura da grande sinfonia. Não “predeterminada”; o prefixo *-pré* dá a noção de eternidade como mero tempo mais antigo. Pois, embora não possamos experimentar nossa vida como um presente infinito, somos eternos aos olhos de Deus; isto é, em nossa realidade mais profunda. Quando digo que estamos “no tempo”, não quero dizer que estamos, impossivelmente, fora do interminável presente em que Ele nos contempla enquanto contempla tudo o mais. Quero dizer: nossa limitação de criaturas é que nossa realidade fundamentalmente intemporal só pode ser experimentada por nós no modo de sucessão.

Na verdade, começamos colocando a questão de forma errada. A questão não é se os mortos são parte da realidade intemporal. Eles são; é assim com o fulgor de um relâmpago. A questão é se eles compartilham a percepção divina da intemporalidade.

Diga a George que ficarei contentíssimo. *Rendez-vous*¹² em meus aposentos às 19h15. Nós *não* nos vestimos formalmente para jantar em noites comuns.

¹Lucas 6:37.

²Lucas 18:1-8.

[3](#)Ecoa a afirmação de Paulo em 2Timóteo 4:7.

[4](#)A segunda parte da *Divina comédia*, de Dante Alighieri (1265–1321), escritor, poeta e político florentino. É a parte mais original de sua obra, por ser o purgatório uma doutrina recente, à época, na Igreja Católica Romana.

[5](#)Ou Thomas Morus (1478–1535), escritor, filósofo humanista e diplomata inglês. Por desaprovar o divórcio do rei Henrique VIII e outras arbitrariedades foi preso e decapitado. Foi canonizado em 1935. Na obra citada por Lewis, ele descreve com pavorosos detalhes os sofrimentos do purgatório.

[6](#)John Fisher (1459–1535), bispo de Rochester, assim como More, opôs-se às ações de Henrique VIII, era contrário à Reforma e foi morto pelo rei.

[7](#)Sobre o autor, ver Carta VI, nota 5. *O sonho de Gerôntio* é um poema escrito em 1866.

[8](#)John Milton, *O paraíso perdido*, Canto I. (Tradução de Antônio José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1956, p. 23-24).

[9](#)Mateus 25:21-23.

[10](#)Lewis parece parafrasear um texto de Dorothy Leigh Sayers (1893–1957), poeta, dramaturga, ensaísta, escritora de histórias de detetives, tradutora de Dante e humanista cristã inglesa. O texto seria de seu livro de crítica *Introductory Papers on Dante* [Documentos introdutórios sobre Dante], p. 80,81, em que ela apresenta ideia semelhante.

[11](#)Adaptação de uma frase de William Lamb (1779–1848), também conhecido por Lorde Melbourne, primeiro-ministro britânico, interessado por literatura e teologia.

[12](#)Francês: “encontro, encontro marcado”.

Carta XXI

Betty tem toda razão — “tudo isso sobre a oração e nunca uma palavra sobre o problema prático: o enfado com ela”. E lhe pareceu adequado acrescentar: “Qualquer um pode achar que oração é uma correspondência entre dois santos!”.

Isso foi uma lança farpada e acertou profundamente. No entanto, não acho mesmo que estamos sendo hipócritas. O mero fato de colocar algo próprio em palavras envolve um exagero? Palavras em prosa, quero dizer. Somente a poesia pode falar baixo o suficiente para captar o leve murmúrio da mente, “então um vento, o mais suave”.¹ Outro dia, tentei descrever-lhe uma experiência muito mínima — os minúsculos fragmentos de adoração com os quais (às vezes) saúdo meus prazeres. Mas agora vejo que colocá-la preto no branco fê-la parecer muito maior do que realmente é. A verdade é: eu não tenho nenhuma linguagem fraca o suficiente para descrever a fraqueza de minha vida espiritual. Se eu a enfraquecesse o suficiente, deixaria de ser linguagem. Como quando você tenta baixar um pouco mais o fogo na boca do fogão, e ele apenas apaga.

Então, novamente, por falar tanto sobre oração, parecemos dar a ela um lugar muito maior em nossa vida do que, temo, ela tenha. Pois, enquanto falamos sobre ela, tudo o mais de nossa experiência, que na realidade empurra nossa oração para a margem ou, às vezes, para fora da página, não é mencionado. Desse modo, na conversa, um erro de proporção equivale, embora não tenha sido intencional, a uma mentira.

Bem, vamos agora, para todos os efeitos, deixar tudo claro. Oração é enfadonho. Uma desculpa para não orar nunca é indesejável. Quando ela acaba, tem-se um sentimento de alívio e de feriado pelo resto do dia. Somos relutantes em começar. Ficamos muito satisfeitos ao terminar. Enquanto estamos orando, mas não enquanto estamos lendo um romance ou resolvendo palavras-cruzadas, qualquer coisa é suficiente para nos distrair.

E sabemos que não somos os únicos nessa situação. O fato de que as orações são constantemente definidas como penitências fala por si.

O estranho é que essa relutância em orar não se limita a períodos de sequeidão. Embora as orações de ontem fossem cheias de conforto e exaltação, as de hoje serão percebidas como, em algum grau, um fardo.

Mas o que é inquietante não é simplesmente que nós mesquinemos e cumpramos de má vontade o dever da oração. O que é realmente inquietante é que ela deveria estar listada entre os deveres. Pois cremos que fomos criados para “glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre”.² E se os poucos, os muito poucos, minutos que agora dedicamos ao relacionamento com Deus são um fardo para nós, em vez de um deleite, o que isso significa? Se eu fosse calvinista, esse sintoma me encheria de desespero. O que pode ser feito *por* — ou o que deve ser feito *com* — uma roseira que não *gosta* de produzir rosas? Ela deveria, com certeza, querer?

Muito de nossa relutância com respeito à oração é, sem dúvida, devido a nossos pecados, como todo mestre nos dirá; a nossa imersão evitável nas coisas deste mundo, a nossa negligência da disciplina mental. E, também, ao pior tipo de “temor de Deus”. Nós nos retraímos de um contato muito desprotegido, porque temos medo das demandas divinas sobre nós, que podem se tornar muito audíveis. Como diz um velho escritor,³ mais de um cristão ora com voz sussurrada “para que Deus de fato não o ouça, aquilo que ele, pobre homem, nunca quis”. Mas os pecados — de qualquer forma, nossos pecados reais e individuais — talvez não sejam a única causa.

Pela própria constituição de nossa mente, como ela agora é — não importando como era quando Deus criou o homem —, é difícil nos concentrarmos em algo que não seja perceptível (como batatas) nem abstrato (como números). O que é concreto, mas imaterial, pode ser mantido em vista apenas com esforço doloroso. Alguns diriam: “É porque não existe”. Mas o resto de nossa experiência não pode aceitar essa solução. Pois nós mesmos, e tudo aquilo com que mais nos preocupamos, parecemos vir da classe “concreta (isto é, individual) e imperceptível”. Se a realidade consiste em nada além de objetos físicos e conceitos abstratos, então, a realidade, em última instância, nada tem a nos dizer. Estamos no universo errado. O homem é uma *passion inutile*;⁴ e, então, é isso mesmo. Não obstante, o universo supostamente real foi extraído das experiências sensoriais do homem.

O esforço doloroso em que a oração implica não é prova de que estamos fazendo algo que não fomos criados para fazer.

Se já fôssemos aperfeiçoados, a oração não seria um dever, seria um deleite. Algum dia — por favor, Deus! —, será. O mesmo é verdade com respeito a muitos outros comportamentos que agora parecem deveres. Se eu amasse meu próximo como a mim mesmo, a maioria das ações que são agora meu dever moral fluiriam de mim tão espontaneamente quanto a canção de uma cotovia ou a fragrância de uma flor. Por que isso ainda não é assim? Bem, nós sabemos, não é? Aristóteles nos ensinou que o deleite é o “desabrochar” de uma atividade desimpedida.⁵ Mas as próprias atividades para as quais fomos criados são, enquanto vivemos na Terra, várias vezes impedidas: pelo mal em nós mesmos ou nos outros. Não praticá-las é abandonar nossa humanidade. Praticá-las espontânea e deleitosamente ainda não é possível. Essa situação cria a categoria do dever, todo o reino especificamente *moral*.

Ele existe para ser transcendido. Aqui está o paradoxo do cristianismo. Como imperativos práticos para essa vida, os dois grandes mandamentos⁶ devem ser traduzidos por: “Comporte-se *como se* você amasse a Deus e ao homem”, pois ninguém pode amar por ser-lhe dito que o faça. No entanto, obediência nesse nível prático não é de todo obediência. E, se um homem realmente amasse a Deus e ao homem, isso uma vez mais dificilmente seria obediência; porque, se o fizesse, ele seria incapaz de evitar de fazê-lo. Assim, o mandamento realmente nos diz: “Você deve nascer de novo”.⁷ Até então, temos o dever, a moralidade, a Lei. Um tutor, como diz o apóstolo Paulo, para nos levar a Cristo.⁸ Não devemos esperar mais do que isso de um tutor; não devemos permitir menos que isso. Devo fazer minhas orações hoje, quer eu me sinta devoto, quer não; mas é assim só porque preciso aprender minha gramática se eu quiser, algum dia, ler os poetas.

Mas os dias de escola — por favor, Deus! — estão contados. Não há moralidade no Céu. Os anjos nunca souberam (interiormente) o significado da palavra *deveria*, e os bem-aventurados mortos há muito tempo esqueceram-na de bom grado. É por isso que o Céu de Dante é tão correto e o de Milton, com sua disciplina militar, tão bobo.⁹ Isso também explica — para retomar um ponto anterior¹⁰ — porque precisamos imaginar aquele mundo em termos que parecem quase frívolos. Neste mundo, nossas ações

mais importantes são impedidas. Podemos imaginar ação desimpedida e, portanto, deleitosa, apenas pela analogia com nossas brincadeiras e lazer atuais. Desse modo, temos a noção de que o que é tão livre quanto eles deve importar muito pouco.

Eu disse, lembre-se, que “a maior parte” do comportamento que agora é dever seria espontâneo e prazeroso se fôssemos, por assim dizer, boas roseiras. A maioria, nem todos. Há, ou pode haver, martírio. Não somos chamados a gostar disso. Nosso Mestre não o foi. Mas o princípio afirma que esse dever é sempre condicionado pelo mal. O martírio, pelo mal no perseguidor; outros deveres, por falta de amor em mim mesmo ou pelo mal difuso do mundo. No mundo perfeito e eterno, a Lei desaparecerá. Mas os resultados de ter vivido fielmente sob ela não serão.

Não estou, portanto, profundamente preocupado com o fato de que a oração seja, no presente, um dever, e até mesmo um dever enfadonho. Isso é humilhante. Isso é frustrante. É uma perda de tempo terrível — quanto pior alguém está orando, mais tempo suas orações durarão. Mas ainda estamos apenas na escola. Ou, como disse Donne, “afino meu instrumento aqui na porta”.¹¹ E mesmo agora — como enfraquecer as palavras o suficiente, como falar sem exagero? —, temos o que parecem ser ricos momentos. Mais frequentemente, talvez, em nossas exclamações passageiras, quase voluntárias; refrigérios, como “a graça tua [...] / Sem procurada ser, sem ser rogada, — / De seus caminhos perderia o rumo? / Ditoso o que ela toca!”.¹²

Mas eu não me apoio muito sobre isso; não o faria nem se fosse dez vezes mais do que é. Tenho uma noção de que o que parecem ser nossas piores orações podem realmente ser, aos olhos de Deus, nossas melhores. Aquelas, quero dizer, são menos amparadas pelo sentimento devocional e enfrentam a maior falta de disposição. Pois essas, talvez, sendo quase só vontade, venham de um nível mais profundo que o sentimento. Sentir que há tanto que não é realmente nosso — tanto que vem do clima e da saúde ou do último livro lido. Uma coisa parece certa. Não é bom ajustar-nos para os momentos ricos. Deus às vezes parece nos falar mais intimamente quando nos pega, por assim dizer, de guarda baixa. Nossos preparativos para recebê-Lo às vezes têm o efeito oposto. Charles Williams não diz, em algum lugar, que “o altar deve ser construído em um lugar para que o fogo do céu possa cair em *outro lugar*”?¹³

[1](#) Frase de *Parlement of Foules* [Parlamento das aves], de Geoffrey Chaucer (c. 1343–1400), escritor, filósofo e diplomata inglês, tido como o pai da literatura inglesa.

[2](#) Resposta à Pergunta 1, “Qual é o fim principal do homem?”, do *Breve Catecismo de Westminster* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1995, p. 7).

[3](#) Não foi possível identificar a quem Lewis se refere.

[4](#) Francês: “emoção fútil” ou “paixão sem propósito”. A frase toda (“O homem é uma paixão inútil”) é de Jean-Paul Sartre (1905–1980), filósofo existencialista francês, de seu livro *O ser e o nada — Ensaio de ontologia fenomenológica* (tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 750).

[5](#) Lewis parece parafrasear ou interpretar Aristóteles, uma vez que o texto original diz: “Não sendo a felicidade outra coisa senão a atividade desimpedida de todas as nossas disposições ou de algumas delas” (*Ética a Nicômaco*, Livro VII, Seção 13. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Borhheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Abril S. A., 1984, p. 173).

[6](#) Mateus 22:37-39.

[7](#) João 3:7.

[8](#) Gálatas 3:24.

[9](#) O Paraíso, na *Divina Comédia*, de Dante, é cheio de liberdade, no qual as almas, responsivas ao amor de Deus, movem-se livremente. Já em *Paraíso Perdido*, Milton o mostra sob um aspecto militar, em que há preparação para uma guerra contra Satanás e suas hostes malignas.

[10](#) Ver Carta XVII, parág. 16 e 17.

[11](#) Do poema “Hymn to God, My God, in My Sickness” [Hino a Deus, meu Deus, em minha enfermidade], de John Donne.

[12](#) *O paraíso perdido*, p. 88.

[13](#) Do livro *He Came Down from Heaven* [Ele desceu do céu]. (Ver Carta V, nota 13.)

Carta XXII

Por não pertencer a uma agência de *clipping*, passo sem a maioria dos buquês e dos tijolos que seriam destinados a mim. Então, nunca vi o artigo sobre o qual você escreve. Mas vi outros desse tipo e eles não quebrarão nenhum de meus ossos. Não julgue mal, entretanto, esses “cristãos liberais”. Eles realmente acreditam que escritores do meu tipo estão provocando grande dano.

Eles mesmos acham impossível aceitar a maioria dos artigos da “fé dada uma vez aos santos”.¹ Eles estão, no entanto, extremamente receosos de que alguma religião vestigial que eles (não nós) possam descrever como “cristianismo” continue a existir e a fazer numerosos convertidos. Eles acham que esses convertidos virão somente se essa religião for suficientemente “demitologizada”.² O navio deve ser aliviado se quiser se manter à tona.

Segue-se que, para eles, as pessoas mais perniciosas do mundo são aquelas que, como eu, proclamam que o cristianismo envolve, em sua essência, o sobrenatural. Eles têm certeza de que a crença no sobrenatural nunca será, nem deveria ser, revivida, e que se convenceremos o mundo de que deve escolher entre aceitar o sobrenatural e abandonar toda a pretensão do cristianismo, o mundo escolherá, sem dúvida, a segunda alternativa. Assim, seríamos nós, não os liberais, quem realmente traiu a causa. Devemos reincorporar ao nome *cristão* um escândalo mortal do qual, com exceção de nós, eles poderiam ter conseguido descontaminá-lo.

Se, então, algum tom de ressentimento se insinua em seus comentários sobre nosso trabalho, você pode culpá-los? Mas seria imperdoável se nos permitíssemos algum ressentimento contra eles. Em certa medida, estragamos a jogada deles. Mas eles não dão contribuição semelhante às forças do secularismo. Já existe uma centena de campeões que carregam muito mais peso do que eles. O cristianismo liberal só pode prover um eco ineficaz ao coro massivo de incredulidade aceita e admitida. Não se deixe enganar pelo fato de que esse eco muitas vezes “está nas manchetes”. Isso ocorre porque os ataques à doutrina cristã, que passariam despercebidos se

fossem lançados (como são diariamente lançados) por qualquer outra pessoa, tornam-se Notícias quando o que ataca é um clérigo; assim como um protesto muito comum contra a maquiagem seria Notícia se viesse de uma estrela de cinema.

A propósito, você já conheceu ou ouviu falar de alguém que se converteu do ceticismo a um cristianismo “liberal” ou “demitologizado”? Acho que quando os incrédulos vêm, eles vêm para o que é um negócio ainda melhor.

Nenhum grupo, é claro, deve ser julgado por seu sucesso, como se a questão fosse de aspecto tático. Os liberais são homens honestos e pregam sua versão do cristianismo, como pregamos a nossa, porque eles creem que ela seja verdade. Um homem que primeiro tentou adivinhar “o que o público quer” e, depois, pregou aquilo como cristianismo *porque* o público queria, seria uma bela mistura de tolo e patife.

Estou ampliando isso porque até você, em sua última carta, parecia sugerir que havia muito do sobrenatural na posição que defendi; especialmente no sentido de que “o próximo mundo” assomava-se tão grande. Mas como pode parecer menos do que grande se ele é crido?

Você conhece minha história. Você sabe por que não estou muito preocupado com o medo de ter sido subornado — de ter sido atraído para o cristianismo pela esperança da vida eterna. Eu cria em Deus antes de crer no Céu. E, mesmo agora, mesmo que — vamos fazer uma suposição impossível — Sua voz, inequivocamente Sua, me diga “Eles enganaram você. Não posso fazer nada desse tipo por você. Minha longa luta com as forças ocultas está quase no fim. Eu morro, crianças. A história está terminando” — seria momento para mudar de lado? Você e eu não tomaríamos o caminho viking: “Os Gigantes e os Trolls vencem. Vamos morrer do lado correto, com Pai Odin”.³

Mas, se não é assim, se esse outro mundo for admitido uma vez, como pode, exceto por preocupações sensuais ou agitadas, ser mantido na obscuridade de nossa mente? Como pode o “resto do cristianismo” — o que é esse “resto”? — ser desvinculado dele? Como podemos desenredar essa ideia, se uma vez admitida, de nossa experiência atual, na qual, antes mesmo de crermos, tantas coisas ao menos *pareciam* “brotos brilhantes da eternidade”?⁴

E ainda... depois de tudo. Eu sei. É uma aventura. Nós não *sabemos* o que será. Existe a nossa liberdade, nossa chance de um pouco de generosidade, um pouco de espírito esportivo.

Não é possível que muitos “liberais” tenham um motivo altamente não liberal para banir a ideia do Céu? Eles querem a segurança de bordas douradas de uma religião tão elaborada que nenhum fato possível jamais poderia refutá-la. Em tal religião, eles têm a sensação confortável de que, não importando como seja o universo real, eles não terão “sido ludibriados” ou “apostado no cavalo errado”. Essa disposição se aproxima da que tinha o homem que escondeu sua mina em um pedaço de pano — “Sei que tu és um homem severo, e não corro riscos”.⁵ Mas certamente o tipo de religião que eles querem consistiria em nada mais que tautologias?

Sobre a ressurreição do corpo. Concordo com você que a velha imagem da alma reassumindo o cadáver — talvez desfeito em pedaços ou há muito tempo proveitosamente dissipado pela natureza — é um absurdo. Nem é o que as palavras de Paulo implicam.⁶ E admito que, se você perguntar o que eu colocaria em lugar disso, só tenho especulações para oferecer.

O princípio por trás dessas especulações é isto. Não estamos, nessa doutrina, preocupados com a matéria como tal: com ondas e átomos e coisas assim. Aquilo pelo que a alma clama é a ressurreição dos sentidos. Mesmo nesta vida, a matéria não seria nada para nós se ela não fosse a fonte das sensações.

Agora já temos algum poder fraco e intermitente de ressuscitar sensações mortas de seus túmulos. Refiro-me, claro, à memória.

Você percebe como meu pensamento está se desenvolvendo. Mas não fique com a ideia de que, quando falo da ressurreição do corpo, refiro-me apenas ao fato de que os mortos bem-aventurados terão excelentes memórias de suas experiências sensoriais na Terra. Quero dizer, ao contrário: a memória, como agora a conhecemos, é uma antecipação fraca, uma miragem mesmo, de um poder que a alma, ou melhor, Cristo na alma (ele preparou um lugar para nós)⁷ exercerá daqui em diante. Ela não precisa mais ser intermitente. Acima de tudo, não precisa mais ser privativa da alma em que ocorre. Agora posso comunicar a você os campos desaparecidos de minha infância — eles são condomínios hoje — apenas imperfeitamente

por palavras. Talvez esteja chegando o dia em que eu possa levá-lo a uma caminhada por eles.

No presente, tendemos a pensar na alma como de algum modo “dentro” do corpo. Mas o corpo glorificado da ressurreição, como eu o concebo — a vida sensorial levantada de sua morte — estará dentro da alma. Assim como Deus não está no espaço, mas o espaço está em Deus.

Escapou-me o termo “glorificado” quase sem querer. Mas essa glorificação não é apenas prometida, é já prefigurada. O mais obtuso de nós sabe como a memória pode se transfigurar; quantas vezes algum vislumbre momentâneo de beleza na infância é

um sussurro

*cujá memória será armazenada como um grito.*⁸

Não me fale das “ilusões” da memória. Por que o que vemos no momento é mais “real” do que o que vemos a dez anos de distância? É realmente uma ilusão acreditar que as colinas azuis no horizonte ainda pareceriam azuis se você fosse até elas. Mas o fato de serem azuis a cinco milhas de distância e o fato de serem verdes quando você está nelas são igualmente bons fatos. O “trigo levantino e imortal” de Traherne, ou as paisagens de Wordsworth que “se vestiam / De uma luz grata”⁹ podem não ter sido tão radiantes no passado que era o presente deles como no passado lembrado. Esse é o começo da glorificação. Um dia, eles estarão mais radiantes ainda. Assim, no corpo-sentido dos redimidos, toda a Nova Terra surgirá. A mesma, embora não a mesma que essa. Foi semeada perecível, é ressuscitada imperecível.¹⁰

Não ouse omitir, embora possa ser ridicularizado e mal compreendido, o exemplo extremo. A mais estranha descoberta da vida de um viúvo é a possibilidade, por vezes, de recordar, com imaginação detalhada e desinibida, com ternura e gratidão, uma cena de amor carnal, mas sem o despertar da concupiscência. E, quando isso ocorre (não deve ser procurado), reverência vem sobre nós. É como ver a própria Natureza saindo de sua sepultura. O que foi semeado na momentaneidade é ressuscitado em contínua permanência. O que foi semeado como um tornar-se é ressuscitado como ser. Semeado em subjetividade, é ressuscitado em

objetividade. O segredo transitório de dois é agora um acorde na música final.

“Mas isso”, você protesta, “não é ressurreição do *corpo*. Você deu aos mortos uma espécie de mundo de sonhos e corpo de sonhos. Eles não são reais.” Com certeza, nem menos nem mais real do que aqueles que você sempre conheceu: você sabe melhor do que eu que o “mundo real” de nossa experiência atual (colorido, ressonante, suave ou árduo, frio ou quente, todo limitado por perspectiva) não tem lugar no mundo descrito pela física ou mesmo pela psicologia. A matéria só entra em nossa experiência tornando-se sensação (quando a percebemos) ou concepção (quando a compreendemos). Isto é, tornando-se alma. Esse elemento na alma em que ela se torna será, a meu ver, ressuscitado e glorificado; as colinas e os vales do Céu serão, com relação àqueles que você agora experimenta, não como uma cópia de um original, nem como um substituto para o artigo genuíno, mas como a flor para a raiz, ou o diamante para o carvão. Será eternamente verdadeiro que eles se originaram da matéria; vamos, portanto, bendizer a matéria. Mas, ao entrar em nossa alma como só ela pode entrar — isto é, ao ser percebida e conhecida — a matéria se transformou em alma (como as Ondinas,¹¹ que adquiriam alma pelo casamento com um mortal).

Não digo que a ressurreição deste corpo irá acontecer de uma só vez. Pode bem ser que esta parte de nós durma na morte e a alma intelectual seja enviada para as terras da Quaresma onde ela jejua em nua espiritualidade — uma condição fantasmagórica e imperfeitamente humana. Não insinuo que um anjo seja um fantasma. Mas a nua espiritualidade está de acordo com a natureza dele: não, penso eu, com a nossa. (Um cavalo de duas pernas está mutilado, mas não um homem de duas pernas.) No entanto, a partir desse fato,¹² minha esperança é que voltemos e reassumamos a riqueza que depusemos.

Então, a nova terra e o novo céu, os mesmos, mas não os mesmos, ressuscitarão em nós à medida que formos ressuscitados em Cristo. E, uma vez mais, depois de quem sabe quais eternidades do silêncio e da escuridão, os pássaros cantam e as águas fluem, e luzes e sombras se movem pelas colinas, e o rosto de nossos amigos ri de nós pelo extasiado reconhecimento.

Suposições, claro, apenas suposições. Se não são verdadeiras, algo melhor será. Pois “sabemos que [...] seremos semelhantes a Ele, pois O veremos

como Ele é”.¹³

Agradeça a Betty pelo bilhete. Vou pegar o último trem, o das 15h40. E diga a ela para não se preocupar em colocar uma cama no andar térreo. Posso subir escadas novamente agora, contanto que eu o faça “sentado”.¹⁴ Até sábado.

¹A expressão entre aspas está em Judas 3. Os “artigos” podem se referir às cláusulas dos Credos ou das Confissões.

²Ver Carta X, nota 2.

³Na mitologia escandinava, gigantes e *trolls* são inimigos de deuses e de homens, representando as forças do caos. Odin, o maior dos deuses nórdicos, sacrificou-se ao guiar outros deuses contra esses grandes inimigos. A citação é do cap. XVII, “Faith, Half-Faith, and No Faith at All” [Fé, meia fé e nenhuma fé], de *Fables* [Fábulas], de Robert Louis Stevenson (1850–1894), escritor escocês. Disponível em: www.authorama.com/fables-16.html. Acesso em: 19 nov. 2018.

⁴Henry Vaughan (1621–1629), poeta metafísico galês, “The Retreat” [O retiro], linha 20.

⁵Lucas 19:20,21.

⁶1Coríntios 15:42-57.

⁷João 14:2.

⁸Do poema “The Tower” [A torre], seção 5, linhas 34,35, de Owen Barfield. (Ver Carta XIII, nota 2.)

⁹Thomas Traherne (1637–1674), *Centuries of Meditations* [Centúrias de meditações], III.3. William Wordsworth, poema “Ode — Prenúncios de imortalidade recolhidos da mais tenra infância”, canto I, linhas 2,3 (tradução de Matheus Maverico. Disponível em: escamandro.wordpress.com/2015/03/12/ode-prenuncios-imortalidade-wordsworth. Acesso em: 19 nov. 2018).

¹⁰1Coríntios 15:42.

¹¹Ou ondins, espíritos da natureza, ou elementais, que vivem em todo ambiente aquoso, de orvalho a mares.

¹²Em diferentes edições de *Malcolm*, tem-se ou *fast* (jejum) ou *fact* (fato). Os estudiosos da obra de Lewis divergem sobre qual seria a forma original. Ambas fazem sentido nesse parágrafo.

¹³João 3:2.

¹⁴À época da escrita de *Malcolm*, Lewis já sofria de nefrite, que o acometeu em 1961. Embora tenha melhorado até 1963, tinha algumas limitações, talvez causadas pela osteoporose (mencionada na Carta III), que lhe exigiam, por exemplo, subir escadas apenas sentado (sentando em um degrau, apoiando as mãos no de cima e, então, erguendo o corpo). Ele sofreu um ataque cardíaco em 15 de julho de 1963. Entrou em coma, do qual despertou no dia seguinte. Mas sua saúde continuou a piorar. Foi diagnosticado com insuficiência renal terminal em meados de novembro daquele ano, sofrendo um colapso fatal no dia 22, exatamente uma semana antes de seu 65º aniversário.

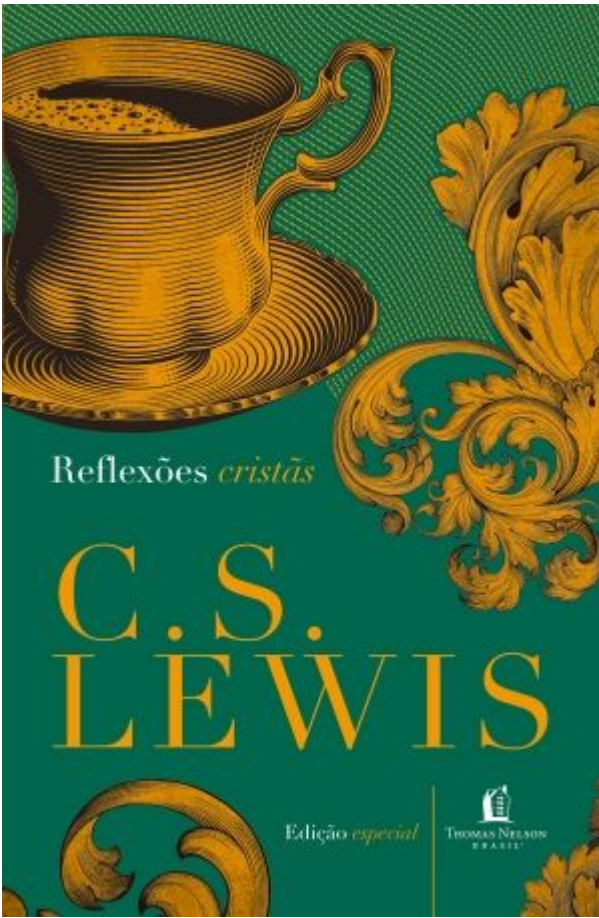
Cartas a *Malcolm*

Outros livros de C. S. Lewis pela
THOMAS NELSON BRASIL

A abolição do homem
A última noite do mundo
Cartas de um diabo a seu aprendiz
Cristianismo puro e simples
Deus no banco dos réus
Os quatro amores
O peso da glória
Sobre histórias

Trilogia Cósmica

Além do planeta silencioso
Perelandra
Aquela fortaleza medonha



Reflexões cristãs

Lewis, C.S.

9788571670549

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Considerado um apologeta tão brilhante quanto um crítico de seu tempo, C. S. Lewis reúne em Reflexões cristãs uma série de textos que abrangem praticamente todas as etapas de sua carreira, publicados em periódicos ou lidos em reuniões acadêmicas. Nesta obra, Lewis se aventura a discorrer, analisar e ponderar temas tão diversos quanto cultura, ética, literatura, música, práticas devocionais, tudo em seu estilo singular. Sem medo da polêmica, ele desafia o espírito de secularização que testemunhou ao longo da vida (e que parecia mais ameaçador na década de 1960, quando esta obra foi originalmente publicada) com uma teologia robusta, uma lógica impecável e uma sólida convicção dos valores – o cristianismo puro e simples – que abraçou e defendeu até o fim da vida.

[Compre agora e leia](#)

ANDRÉ DANIEL REINKE



OS OUTROS DA BÍBLIA



HISTÓRIA, FÉ E CULTURA DOS POVOS ANTIGOS
E SUA ATUAÇÃO NO PLANO DIVINO


THOMAS NELSON
BRASIL

Os outros da Bíblia

Reinke, André Daniel

9788566997583

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro lança um olhar sobre a história bíblica, mas com um foco inovador: a partir dos povos antigos que interagiram com o Povo de Deus. Eles, os "outros" das narrativas bíblicas – mesopotâmicos, egípcios, cananeus, persas, gregos e romanos – são o tema central desta obra. Como eram as culturas e as crenças religiosas daqueles povos? Que influências elas podem ter operado sobre a fé do antigo Israel – e mesmo na doutrina da igreja cristã? Há ideias que podem ser consideradas biblicamente corretas na teologia dos pagãos? Como a política dos impérios antigos pode ter sido usada no plano divino para trazer Cristo ao mundo? Estas são algumas perguntas que estão respondidas neste livro. André Daniel Reinke realizou uma ampla pesquisa englobando temas como a geografia histórica, sistemas políticos, cultura geral e especialmente o pensamento religioso de cada um destes povos. A partir do entendimento do outro sobre o sagrado, o autor faz uma comparação com a revelação bíblica e com a prática dos antigos hebreus, respondendo então a pergunta central de sua pesquisa: Quais são as convergências, e quais as divergências, entre a fé pagã e a fé bíblica? Este livro é uma obra fundamental para que o leitor possa compreender melhor os contextos históricos, culturais e religiosos

dos povos que tanto influenciaram na jornada do Povo de Deus e na própria construção da Bíblia Sagrada.

[Compre agora e leia](#)



Sou Nós

Gonçalves, Douglas

9788571670945

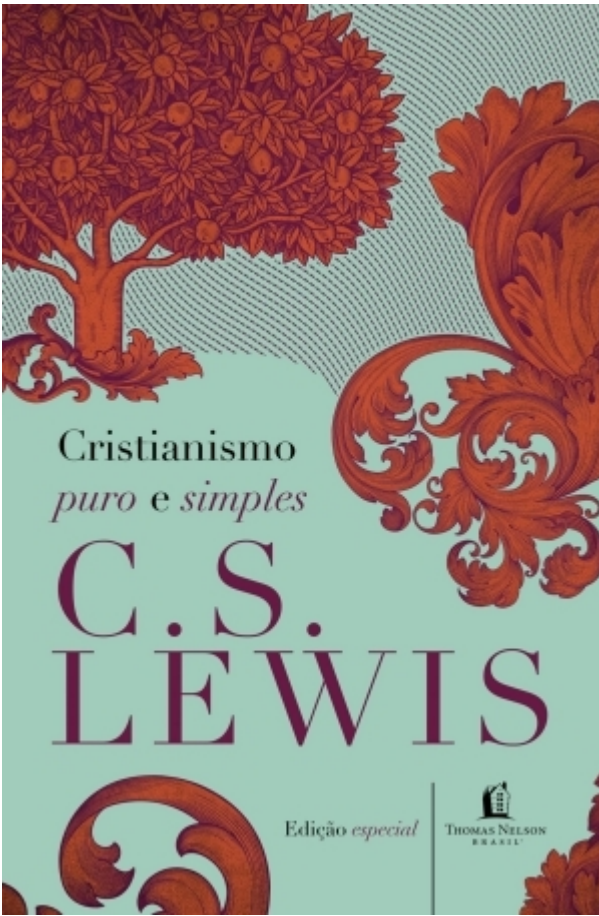
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Numa era em que as pessoas são cada mais individualistas, tudo o que importa é a satisfação pessoal, a realização profissional, o alcance individual de metas e objetivos e assim por diante. Embora a internet tenha proporcionado formas novas de conectar as pessoas umas com as outras, o ser humano parece cada vez mais isolado e solitário. Com tanta evolução tecnológica, com tanto avanço da ciência, com tantas liberdades individuais, o que será que a humanidade está fazendo de errado? Por que as pessoas parecem tão perdidas e insatisfeitas? Suspeito que o problema esteja justamente no individualismo. Este livro vai na contramão do que a sociedade do século 21 tanto valoriza. Acreditamos tanto na relevância dessa mensagem para fazer frente ao individualismo que decidimos fazer um esforço na tentativa de espalhá-la a todos os cantos, para que ela alcance outras comunidades e promova muitos benefícios. O entendimento a respeito do que vem a ser o homem coletivo é transformador e, com certeza, fará diferença na vida de cada leitor e, conseqüentemente, em suas respectivas igrejas. Espero que Deus o abençoe nessa jornada rumo à compreensão de que você, o irmão que senta a seu lado na igreja e eu, todos nós somos um em Cristo. Meu desejo é que cada comunidade cristã, em

cada recanto do mundo, possa experimentar também essa transformação e passe a enfrentar todos os desafios gritando sempre bem alto, para quem quiser ouvir: É nós!

[Compre agora e leia](#)



Cristianismo puro e simples

Lewis, C. S.

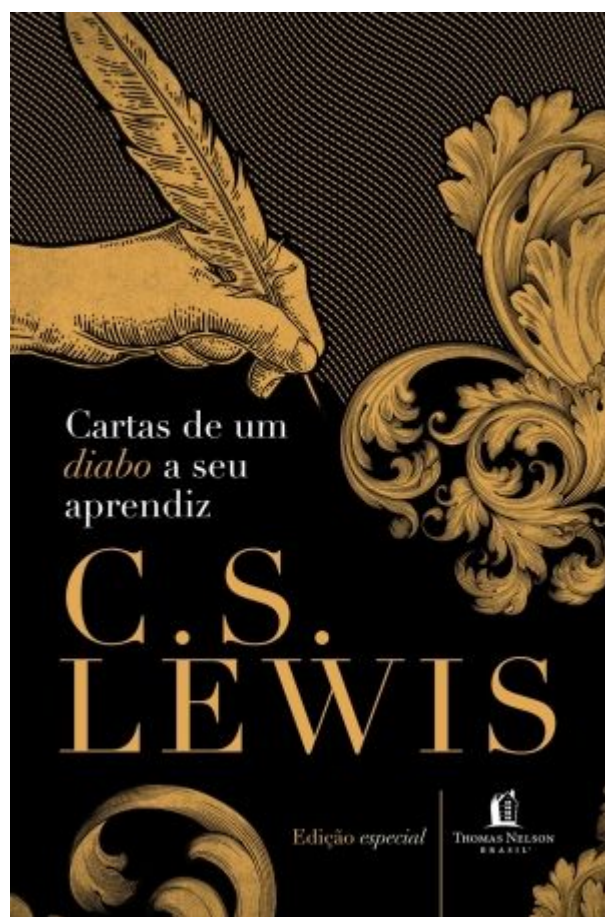
9788578601577

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um dos períodos mais sombrios da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, C.S. Lewis foi convidado pela BBC a fazer uma série de palestras pelo rádio com o intuito de explicar a fé cristã de forma simples e clara. Mais tarde, ajustado pelo próprio Lewis, esse material daria origem a Cristianismo puro e simples, um grande clássico da literatura. Na obra mais popular e acessível de seu legado, Lewis apresenta os principais elementos da cosmovisão cristã, gradativamente conduzindo o leitor a temas mais profundos e complexos, provocando reflexão e debate. Nesta edição especial e com tradução de uma das maiores especialistas em Lewis do Brasil, você vai encontrar as palavras que encorajaram e fortaleceram milhares de ouvintes em tempos de guerra — e ainda reverberam mais de 70 anos depois.

[Compre agora e leia](#)



Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.

9788578607265

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual. Cartas de um diabo a seu aprendiz é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

[Compre agora e leia](#)